

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586p Silva, Karla Karine de Jesus
O patrão, o contador e o empregado: Delmiro Gouveia nas biografias de Adolpho Santos e Lauro Góes (1940-1970) / Karla Karine de Jesus Silva ; orientador Dilton Cândido Santos Maynard. – São Cristóvão, 2014.
132 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

1. História - Fontes. I. Gouveia, Delmiro - Biografia. II. Maynard, Dilton Cândido Santos, orient. III. Título.

CDU 929 Gouveia

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

O PATRÃO, O CONTADOR E O EMPREGADO: DELMIRO GOUVEIA
NAS BIOGRAFIAS DE ADOLPHO SANTOS E LAURO GÓES (1940-1970)

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Sergipe, como
requisito obrigatório para obtenção de título
de Mestre em História, na Área de
Concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos
Maynard.

SÃO CRISTÓVÃO
SERGIPE – BRASIL

2014

KARLA KARINE DE JESUS SILVA

O PATRÃO, O CONTADOR E O EMPREGADO: DELMIRO GOUVEIA
NAS BIOGRAFIAS DE ADOLPHO SANTOS E LAURO GÓES (1940-1970)

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Sergipe, como
requisito obrigatório para obtenção de título
de Mestre em História, na Área de
Concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos
Maynard.

Aprovada em 25 de junho de 2014.

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard
(UFS)

Prof. Dr. Petrônio José Domingues
(UFS)

Prof.^a Dr.^a Ester Vilas Boas Carvalho do Nascimento
(UNIT)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-PROHIS

Ata de Defesa da Dissertação de
Mestrado da aluna KARLA KARINE
DE JESUS SILVA em 25 de junho de
2014.

1 Aos vinte e cinco dias do mês de junho de 2014, às quinze horas realizou-se no
2 auditório do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, a sessão
3 pública de defesa de Dissertação: **O Patrão, o Contador e o Empregado: Delmiro**
4 **Gouveia nas Biografias de Adolpho Santos e Lauro Góes (1940-1970)**, apresentada
5 pela aluna **KARLA KARINE DE JESUS SILVA**, que concluiu os créditos exigidos
6 para obtenção do título de **MESTRE EM HISTÓRIA**, segundo encaminhamento do
7 Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá, Coordenador do Programa de Pós-Graduação
8 em História (PROHIS) da Universidade Federal de Sergipe, e segundo os registros
9 constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação de Pós-Graduação (COPGD). A
10 Banca Examinadora foi composta pelo Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard
11 (PROHIS/UFS), orientador da candidata e Presidente da Banca Examinadora, Prof.^a
12 Dra. Ester Vilas Boas do Nascimento (PPED/UNIT), 1^a examinadora e Prof. Dr.
13 Petrônio José Domingues (PROHIS/UFS), 2^o examinador. Declarada aberta a sessão, o
14 presidente concedeu a palavra à candidata para que ela fizesse, no tempo máximo de
15 vinte minutos, a apresentação de sua Dissertação. Ao término da apresentação, o
16 presidente, Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard passou a palavra aos membros da
17 Banca Examinadora que iniciaram a arguição, na seguinte ordem: Prof.^a Dra. Ester
18 Vilas Boas do Nascimento, Prof. Dr. Petrônio José Domingues e Prof. Dr. Dilton
19 Cândido Santos Maynard. Ao término de cada arguição, que durou em média trinta
20 minutos cada, o Presidente da Banca Examinadora concedeu o mesmo tempo a
21 candidata para que a mesma pudesse responder às arguições dos referidos membros da
22 Banca Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, o Senhor Presidente solicitou
23 aos presentes, excetos aos membros da Banca Examinadora, que se retirassem do local,
24 para que fosse dado início à atribuição do parecer final, tendo sido atribuída a candidata
25 a seguinte menção: (X) APROVADO ou () REPROVADO. Em seguida, a banca
26 emitiu em breve parecer sobre a avaliação geral do trabalho da aluna **KARLA**
27 **KARINE DE JESUS SILVA**, a saber:

28 O TRABALHO DE KARLA KARINE DE JESUS SILVA SE NOTABILIZA
29 PELA SÉRIEDADE, COMPETÊNCIA E SENSIBILIDADE NA CONDU-
30 ÇÃO DA INVESTIGAÇÃO, COMO TAMBÉM NA DENSIDADE
31 TEÓRICO-CONCEITUAL APRESENTADA. DIANTE DISSO, A BANCA EXA-
32 MINADORA RECONHECE A DISTINÇÃO DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA
33 E A RECOMENDA PARA PUBLICAÇÃO.

34 O Presidente da banca examinadora, Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard,
35 proclamou a candidata **KARLA KARINE DE JESUS SILVA**, **MESTRE EM**
36 **HISTÓRIA**, sendo atendidas as exigências da Instrução Normativa N^o
37 01/2014/PROHIS e o capítulo VI da Resolução N^o 35/2011/CONEPE que
38 regulamentam a apresentação e defesa da Dissertação de Mestrado. Não havendo mais
39 nada, o Senhor Presidente encerrou a sessão, cujos trabalhos são objetos desta ata,

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-PROHIS

40 lavrada por mim, Natália de Jesus Silva, secretária do PROHIS, a qual assino
41 juntamente com os membros da Banca Examinadora. Cidade Universitária "Prof. José
42 Aloísio de Campos", 25 de junho de 2014.

43
44
45
46
47

Natália de Jesus Silva

Natália de Jesus Silva
Secretária do PROHIS

48
49
50
51

[Handwritten Signature]
Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard
Presidente da Banca Examinadora

52
53
54

[Handwritten Signature]
Prof.^a Dra. Ester Vilas Boas do Nascimento
1^a Examinadora

56
57
58
59

[Handwritten Signature]
Prof. Dr. Petronio José Domingues
2^o Examinador

60
61
62
63
64
65

Karla Karine de Jesus Silva
Karla Karine de Jesus Silva
Mestranda

Para meu amado Gilmar, companheiro incondicional de todas as horas.

A Dilton Maynard, orientador, conselheiro, amigo.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a JEOVÁ meu Deus. Pela vida que me deu e por sua infinita bondade. Por ouvir minhas orações, guiar meus passos, minhas decisões e por colocar pessoas extraordinárias em meu caminho.

Agradeço ao meu amado Gilmar pelo apoio incansável nesta jornada. Por lembrar-me de ir para a cama depois de eu já ter “desmaiado” sobre os livros. Pela paciência, compreensão, otimismo. Pelo consolo nas horas tristes, pelo incentivo e pelo auxílio constante. Por fazer de mim uma pessoa melhor e mais feliz.

Agradeço ao querido professor Dilton. Pela paciência, apoio e confiança. Por seu tempo e horas gastas nas correções e discussões. Pelas oportunidades! Mais do que um orientador, você tem sido um verdadeiro amigo.

Obrigada Andreza por sua paciência e compreensão.

Sou grata a minha família pelo incentivo. Ao meu irmão Fernando por seu refrigério.

Por ajudarem este texto a percorrer o caminho das Letras, sou imensamente grata à solicitude e competência das amigas Brígida e Aretha.

Agradeço a família de Adolpho Santos: Dona Maria Laura, Dona Francina, Dona Maria de Lourdes e Letícia, por seus depoimentos. Especialmente ao bisneto Flávio Aguiar, por sua prestimosidade e disposição em catar vestígios do Sr. Adolpho.

Aos parceiros do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET) e aos colegas do PET História, que contribuíram com o companheirismo, a solidariedade e as discussões.

Em especial agradeço ao auxílio e companheirismo de Raquel Anne: você não retirou um obstáculo do meu caminho, mas derrubou muralhas. E a Débora pela amizade, esclarecimento de “dúvidas e sessões de terapia”.

RESUMO

Esta pesquisa refletiu sobre as possibilidades que a biografia oferece enquanto instrumento de produção do conhecimento histórico. Para isso, foram tomadas como objeto duas biografias sobre o negociante cearense Delmiro Gouveia (1863-1917): *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*, de Adolpho Santos, escrita em 1947 e publicada em 1994; e *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver (1914-1917)*, de Lauro Alves de Campos Góes, escrita em 1962, nunca publicada. Gouveia foi tomado como símbolo de modernização no Nordeste pelo discurso regionalista, ícone construído principalmente a partir das memórias produzidas sobre ele. Devido a isso, o presente estudo investigou estas duas produções biográficas sobre o industrial, feitas por estes ex-funcionários, dotadas de singularidades em relação às demais. Aspectos como linguagem, estilo, estrutura, conteúdo, o tempo que é descrito e o tempo em que foram registradas, a presença de vestígios da cultura, política e economia da época, e a relação entre os biógrafos e o biografado foram investigados. Desse modo, pretendeu-se compreender até que ponto estas trajetórias individuais podem ser pensadas como ferramentas para se estudar a vida de Delmiro Gouveia e seu contexto.

Palavras-Chave: Biografia, História, Delmiro Gouveia.

ABSTRACT

This research reflected on the possibilities that the biography offers as a tool to product historical knowledge. To that end, two biographies are taken as object about merchant Delmiro Gouveia (1863-1917), who was from Ceará: *Delmiro Gouveia (Testimony to a biographical study)*, by Adolpho Santos, written in 1947 and published in 1994; and *Memories of a relatively well-lived past, however we wish it would never happen* (1914-1917), by Lauro Alves de Campos Góes, written in 1962, never published. Gouveia was taken as a symbol of modernization in the Northeast for the regionalist discourse, icon mainly built from the memories produced about him. Owing to this, the current study investigates these two biographical productions about the industrialist, made by those ex-employees, endowed with singularities in relation to others. Aspects like language, style, structure, plot, the time that is described and the time that had been registered, the presence of cultural vestiges, politics and the economy of that time, as well as the relationship between biography and biographers are investigated. Thus, It is intended to understand whither these individual trajectories can be thought as tools to study the life of Delmiro Gouveia and his context.

Keywords: Biography, History, Delmiro Gouveia.

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Biografia?	12
2. O presente e o “boom” biográfico	14
Capítulo 1	
A Biografia em Evidência: um exame das histórias de vida	19
1.1. A biografia e suas transformações: um olhar teórico	19
1.2. Trajetórias individuais em pauta	26
1.3. Pensando as possibilidades da biografia	30
Capítulo 2	
O Patrão, o Contador e o Empregado – Protagonistas	43
2.1. Delmiro Gouveia: o patrão	46
2.2. O contador: Adolpho Santos	49
2.3. Lauro Góes: o empregado	50
2.4. Enquadrando o patrão, o contador e o empregado	51
Capítulo 3	
Arrombador Profissional da Memória: Adolpho Santos narra a vida de Delmiro Gouveia	61
3.1. Contabilizando os rastros do patrão: Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)	67
3.1.1. Depoimento – o autor	67
3.1.2. Depoimento - o documento, a obra	68
Capítulo 4	
Um Patrão nos Rascunhos do Empregado: o projeto biográfico de Lauro Góes	81
4.1. Recordações – o documento	86
4.1.1. Recordações – o autor e a obra	88
Capítulo 5	
Histórias Cruzadas: Adolpho Santos x Lauro Góes	100
5.1. O tempo de ontem e o tempo de hoje no “Depoimento” do contador e nas “Recordações” do empregado	107
Considerações Finais	123
Referências Bibliográficas	127

Lauro: – *Se o Cel. Delmiro pudesse ver como sua obra virou história, ficaria satisfeito. Seu nome se tornou conhecido em todo o Norte, agora Nordeste. Gente de renome escreveu sobre ele. Ficou famoso!*

Adolpho: – *E pensar que escrevi a primeira biografia do “bandeirante moderno”. Quando comecei, tencionava que fosse apenas um depoimento sobre a vida e obra deste pioneiro. Pelo menos, tive a honra de contar a verdadeira história de Delmiro.*

Lauro: – *Com todo respeito Sr. Adolpho, mas a história que eu conto também é verdadeira. Algumas situações eu presenciei. Outras foram meu pai e o coronel Aureliano de Menezes que me contaram.*

Adolpho: – *Você deve ter escrito pouca coisa Lauro. Lembro-me de você frangote na fábrica, anotando as folhas de ponto. Só ficou três anos por lá. Eu era sobrinho de Gouveia, casado com Laura, aquela morena linda de olhos negros. Também morei com ele em Apipucos. Minha história é mais verídica.*

Lauro: – *Vamos então comparar nossos textos Sr. Adolpho? O senhor vai ver que minhas reminiscências falam muitas coisas que o senhor não disse.*

Adolpho: – *É mesmo? Duvido.*

Karla Karine de Jesus Silva

Introdução

1. BIOGRAFIA?

Fazer uma análise biográfica não era o objetivo inicial desta pesquisa. O primeiro contato com Delmiro Gouveia foi através do artigo *O coronel dos coronéis - A incrível vida de Delmiro Gouveia, audacioso mártir da indústria nacional*¹ (2008), escrito por Dilton Cândido Santos Maynard para a Revista de História da Biblioteca Nacional. O interesse foi aguçado com a leitura da tese de doutorado, *O Senhor da Pedra: os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940-1980)*², em que o mesmo discute como as produções sobre o industrial serviram para a construção de um mito modernizador do sertão. Na medida em que as páginas do seu texto iam sendo percorridas, algumas questões sobre pessoas e situações que giravam em torno da história do personagem, mas que foram de pouco ou nenhum interesse dos que produziram trabalhos sobre ele, foram suscitadas. As biografias, as peças de teatro, os filmes, as histórias em quadrinhos, os romances e os estudos acadêmicos, além dos trabalhos de Maynard, tratavam essencialmente de Delmiro ou abordavam aspectos de sua personalidade: o coronel, o industrial, o pioneiro, o educador, o civilizador etc.

Um confronto entre as biografias mostrou que dentre as mulheres com quem o negociante se relacionou, três delas em especial, a esposa Anunciada Cândida Falcão, a amante Carmélia Eulina do Amaral Gusmão e a uma suposta condessa italiana de nome desconhecido (com quem Gouveia teria vivido por um ano enquanto esteve em passagem pela Europa), foram semelhantemente mencionadas pelos biógrafos, todavia tratadas superficialmente. Por que elas foram citadas tão vagamente nas biografias? O tratamento que receberam dos memorialistas de Gouveia reflete uma visão individual que eles tinham ou uma visão de como a sociedade da qual faziam parte encarava as mulheres? O foco é Delmiro e por isso elas ganharam uma simplória menção? Por que Eulina não aparece no testamento do negociante? Afinal, ela lhe deu três filhos. E a amante italiana? Os biógrafos não omitiram o fato de ela ser uma condessa. Por quê? A posição social da nobre teve alguma influência sobre o envolvimento do coronel com ela?

¹ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O coronel dos coronéis** – A incrível vida de Delmiro Gouveia, audacioso mártir da indústria nacional. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/o-coronel-dos-coroneis>>, acesso novembro 2011.

² MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

Diante de tais curiosidades, o objetivo do projeto submetido ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS) foi investigar o tratamento que essas três mulheres que se relacionaram com Delmiro Gouveia (1863-1917) receberam nas biografias produzidas sobre ele entre 1960 e 1970, refletindo sobre os objetivos dos autores em descrevê-las ou suprimi-las. Conforme a pesquisa seguia avançando, o desafio em estudar a forma como essas personagens foram tratadas pelos memorialistas do industrial ia aumentando, já que as fontes sobre elas mostraram-se, a princípio, insuficientes para responder as interrogações que pairavam sobre a investigação, nos moldes de uma pesquisa de mestrado. Devido a isso, com pesar a proposta inicial foi engavetada, por ora.

Nesse ínterim, o texto de Adolpho Santos, *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*, e o projeto biográfico de Lauro Alves de Campos Góes, *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, já haviam sido lidos. Acessar a primeira biografia sobre o empresário, escrita em 1947 por Santos, e um manuscrito inédito, datado de 1962 com acréscimos em 1971 e 1973, que tratava da história de vida de Delmiro, mas que Góes nunca havia publicado, abriu a porta a um novo rumo para a pesquisa. Estes singulares autores mantinham laços de parentesco e amizade com o coronel, foram seus funcionários. Santos era contador da empresa Iona & Cia e gerente da Companhia Agro Fabril Mercantil pertencentes a Gouveia, e Góes foi empregado do escritório da fábrica de linhas. Ambos eram colegas de trabalho e entre 1914 e 1917 conviveram simultaneamente entre si e com o patrão. Além disso, suas obras não se limitam a vida de Delmiro, são também autobiográficas, recheadas de informações sobre esses biógrafos e seus respectivos contextos. O trabalho de Góes, inclusive, é diferente de tudo que já foi produzido sobre o negociante.

Embora a ideia de trabalhar as mulheres de Delmiro Gouveia, conforme apresentadas em suas biografias, fosse promissora, as possibilidades oportunizadas pelos textos de Góes e Santos, além de tentadoras, permitiam uma investigação no prazo exigido pelo PROHIS. Desse modo, o objetivo primário metamorfoseou-se numa análise biográfica, comparando os textos desses memorialistas, examinando o estilo, a linguagem, a forma, o conteúdo, as informações sobre os autores, o personagem e seus contextos, estabelecendo um diálogo entre o tempo em que os eventos narrados ocorreram e o tempo em que as biografias foram escritas. O âmago da pesquisa é identificar na trajetória individual subsídios para a produção do

conhecimento histórico. Não é uma tarefa fácil. Como José Buchmann³, o passado vendido por Góes e Santos foi comprado, e esta investigação partiu em busca da pilhagem retirada por estes biógrafos ao remexerem a intimidade do seu biografado. Coincidentemente, estudar biografias parecia estar em moda.

2. O PRESENTE E O “BOOM” BIOGRÁFICO

O interesse pela vida particular de indivíduos não é algo novo. Há muito os mexericos e fofocas fizeram e fazem parte de todos os âmbitos e rodas sociais. Um comentário deselegante sobre o vestido de uma mulher, ou o mal desempenho de um colega de trabalho, contar façanhas sobre si mesmo ou de um amigo, costumeiramente vêm acompanhados de um breve resumo da personalidade ou da vida da pessoa de quem se fala. Um exemplo disso é a sociedade parisiense do século XVIII. Refletindo sobre informação, notícia e comunicação, Robert Darnton explica que estes franceses, obcecados pela vida alheia, buscavam notícias onde quer que houvesse. Veículos como a “árvore de Cracóvia”⁴, cafés, mercados, salões como o de Madame Doublet, não deixavam a desejar quando o assunto era divulgar, ou melhor, fofocar. Estas notícias, orais, manuscritas, impressas, giravam principalmente em torno da vida pessoal do rei e da Corte, embora ocasionalmente tratassem de outros assuntos⁵.

A biografia não deixa de ser um exemplo do interesse ou curiosidade pelas histórias individuais. Peter Burke avalia que as trajetórias de vida são tão populares atualmente porque as pessoas se interessam mais por descrições pessoais, mais fáceis de ler, mais excitantes, muitas vezes semelhantes às suas vidas, do que por acompanhar as trajetórias de sociedades e culturas inteiras. Em geral os indivíduos sentem-se atraídos pela vida uns dos outros. A história privada é cheia de interesse humano, como a persistência da fofoca sugere⁶.

³ José Buchmann é um dos três personagens centrais do romance *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa. Estrangeiro, certo dia procura Félix Ventura (protagonista) para que este construa para ele um passado e uma linhagem, algo que encubra sua real identidade. O enredo do livro se desenvolve a partir daí. Ver: AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

⁴ “um grande e frondoso castanheiro que se erguia no coração de Paris, nos jardins Palais-Royal. É provável que seu nome tenha derivado das acaloradas discussões que tiveram lugar ao seu redor durante a Guerra da Sucessão Polonesa (1733-35), embora o nome também sugerisse mexerico (*craquer*, em francês popular quer dizer histórias dúbias)”. A árvore era o local onde boateiros espalhavam notícias sobre eventos correntes especialmente o que acontecia no governo, o que gerava preocupação do mesmo quanto ao que os parisienses diziam sobre isso. Ver DARNTON, Robert. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 41-42.

⁵ DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 40-90.

⁶ BURKE, Peter. **O Historiador como colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Ed., 2009. p. 29.

Esse gosto pelas histórias de vida pode ser observado no “boom” biográfico atual. Especialmente nos últimos quinze anos, as biografias, autobiografias e perfis biográficos invadiram as livrarias, o cinema, a TV, a música e a Internet. Produções deste tipo podem ser adquiridas em livrarias e bancas com status de *best sellers*, como por exemplo, *Comer, Rezar, Amar*⁷ (2008), autobiografia de Elizabeth Gilbert, em que a autora narra as transformações de sua vida; *Marilyn e JFK*⁸ (2009), de François Forestier, biografia que enfatiza o romance entre a atriz e o senador norte-americano John Kennedy; e *Fascinado pela Beleza – Alfred Hitchcock e Suas Atrizes*⁹ (2009), Donald Spoto, um perfil biográfico sobre a vida, a carreira e os filmes do cineasta pautado nas relações complexas do personagem com algumas de suas atrizes, Ingrid Bergman, Grace Kelly, Tippi Hedren e Kim Novak.

Muitas produções biográficas e autobiográficas saíram das páginas impressas para os telões do cinema. Nas películas, *Getúlio*¹⁰ (João Jardim, Brasil, 2014), *A Dama de Ferro*¹¹ (Phyllida Lloyd, Reino Unido, 2012), *J. Edgar*¹² (Clint Eastwood, EUA, 2012), *Lula, o Filho do Brasil*¹³ (Fábio Barreto, Brasil, 2010), *Coco antes de Chanel*¹⁴ (Anne Fontaine, França, 2009), *Alexandre*¹⁵ (Oliver Stone, EUA, 2004) e *Átila – O Huno*¹⁶ (Dick Lowry, EUA, 2001), só para mencionar algumas, aspectos da história de vida desses personagens foram apresentados aos olhares curiosos dos telespectadores. Algumas narrativas individuais viraram programas de TV, como a minissérie brasileira *Maysa: quando fala ao coração*, que foi ao ar pela Rede Globo de Televisão em 2009, escrita por Manuel Carlos e dirigida por Jayme Monjardim, filho da personagem. Outros perfis biográficos podem ainda ser encontrados na música. *Baião do Tomás* é um exemplo neste sentido, composta por Chico Saraiva e Luiz Tatit em 2003, interpretada por este último, descreve o nascimento de Tomás, neto de Tatit, e a comoção familiar em torno disso.

A Internet não fica atrás quando se trata de contar histórias de vida. As redes sociais como Facebook (<https://pt-br.facebook.com/>), Twitter (<https://twitter.com/>), Orkut (<http://www.orkut.com.br/PreSignup>), LinkedIn (<http://www.linkedin.com/company/linkedin>

⁷ GILBERT, Elisabeth. **Comer, Rezar, Amar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

⁸ FORESTIER, François. **Marilyn e JFK**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

⁹ SPOTO, Donald. **Fascinado pela Beleza – Alfred Hitchcock e Suas Atrizes**. São Paulo: Ed. Larousse, 2009.

¹⁰ JARDIM, João. **Getúlio**. Brasil: Globo Filmes, 2014. Duração: 100 min. Formato: DVDRip.

¹¹ LLOYD, Phyllida. **A Dama de Ferro**. Reino Unido: Paris Filmes, 2012. Duração: 105 min. Formato: DVDRip.

¹² EASTWOOD, Clint. **J. Edgar**. EUA: Warner Bros, 2012. Duração: 135 min. Formato: DVDRip.

¹³ BARRETO, Fábio. **Lula, o filho do Brasil**. Brasil: Downtown Filmes, 2010. Duração: 130 min. Formato: DVDRip.

¹⁴ FONTAINE, Anne. **Coco antes de Chanel**. França: Warner Bros, 2009. Duração: 135 min. Formato: DVDRip.

¹⁵ STONE, Oliver. **Alexandre**. EUA: Warner Bros, 2004. Duração: 176 min. Formato: DVDRip.

¹⁶ LOWRY, Dick. **Átila, o Huno**. EUA: Flashstar Filmes, 2001. Duração: 170 min. Formato: DVDRip.

-brasil) – rede social de negócios –, entre outras, oferecem inúmeras pequenas biografias e autobiografias sobre seus usuários. As facilidades de comunicação, interação e troca de informações disponibilizadas na Web também alcançam os integrantes destas redes sociais cibernéticas, que constantemente estão abastecendo de dados suas histórias pessoais e as veiculando no ciberespaço. Com baixo custo, de forma rápida e eficaz, qualquer pessoa, de qualquer lugar, cultura, meio, formação, pode ter sua biografia virtual elaborada por ela mesma e visualizada por milhares de pessoas no mundo inteiro. Uma projeção muito maior do que textos biográficos impressos de personagens históricos bem conhecidos ou celebridades aclamadas.

Com a História do Tempo Presente (HTP), essa parceria entre história e biografia parece ter-se estreitado ainda mais. Para Karl Schurster, a teoria do tempo presente configura uma forma de interpretação do mundo. Seu interesse está nos acontecimentos das sociedades atuais e em como são tratados pela memória de determinados grupos sociais. Isso implica uma mudança na escrita histórica: sair de uma história que identificava certezas para uma história que oferece possibilidades. Ela não possui um formato único, uma certeza imutável, mas variados significados e interpretações. Uma visão sensível diante dos acontecimentos contemporâneos baseada em fundamentação argumentativa. Não é banal, corriqueira, nem mera perspectiva solta, mas um tipo de racionalidade teórica¹⁷.

Uma vez que os arquivos referentes à II Guerra Mundial foram abertos, fator que introduziu uma nova discussão sobre o presente e como estudá-lo, a História do Tempo Presente, nesse contexto, tem-se apresentado como uma oportunidade para os historiadores reverem as metodologias e os objetos da história. Conforme a velocidade com que a humanidade se modifica e a busca cada vez maior pelo novo, essa corrente histórica possibilita uma reflexão singular sobre o impacto dos acontecimentos deste último século sobre o homem e suas atitudes. Para Agnes Chauveau e Philippe Tétart, a História do Tempo Presente é a história pautada num passado recente ou num acontecimento imediato em relação ao historiador, ou ainda, a produção historiográfica que toma como objeto fatos e acontecimentos ocorridos entre meados do século XX e século XXI¹⁸. Nessa perspectiva, o olhar sobre as produções biográficas e autobiográficas ampliou-se, enxergando nestas fontes ou registros históricos possibilidades de reflexão sobre determinado contexto, grupo ou rede de sociabilidade.

¹⁷ SCHURSTER, Karl. **Ver e não ver:** por uma história do Tempo Presente. Disponível em: <<http://www.tempo-presente.org>> acesso em 08 de agosto de 2009.

¹⁸ CHAUVEAU, Agnes. TÉTART, Philippe. **Questões Para a História do Presente.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.p.7-50

A HTP oportuniza um olhar mais aguçado sobre a leitura biográfica e sua produção. O rádio, a TV, o cinema, a cibercultura, a música, além dos inúmeros e variados impressos, que compõem fontes para essa historiografia, trouxeram novas abordagens aos registros biográficos que por sua vez promovem análises profícuas e diferenciadas conforme as contínuas transformações nas sociedades. A escolha pela análise biográfica como objetivo desta pesquisa considerou exatamente a velocidade nas alterações sociais ocorridas nos séculos XX e XXI, e o modo como as narrativas individuais têm sido encaradas pelos historiadores. Dessa forma, as biografias, *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)* escrita por Adolpho Santos em 1947, publicada em 1994, e, *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, escrita por Lauro Alves de Campos Góes entre 1962-1973, ambas sobre a vida e a obra de Delmiro Gouveia, possibilitam uma compreensão não apenas das vidas destes personagens e entrelaçamento entre elas, mas também permitem examinar o que essas obras apresentam quanto aos contextos e às relações sociais dos envolvidos.

Phillipe Levillain, ao estudar o papel dos protagonistas na biografia, compartilha a opinião de Louis Dumont segundo o qual os fenômenos coletivos são explicados mediante os comportamentos e as estratégias individuais¹⁹. Portanto, se os indivíduos são modelados pelas sociedades, eles manifestam preferências que devem ser explicadas. Desse modo, analisar os registros que Adolpho Santos e Lauro Góes fizeram sobre Delmiro Gouveia e sobre si mesmos, visto que seus textos também são, até certo ponto, autobiográficos e permeados de informações sobre seus espaços de circulação – Pernambuco, Alagoas, Bahia, Fábrica da Pedra – é, para além dos indivíduos, uma reflexão profunda e necessária sobre a cultura e a sociedade da qual faziam parte. Os trabalhos de Góes e Santos apresentam particularidades suscetíveis a análises específicas, como contexto, diferença de tempo entre a escrita e a publicação, linguagem, abordagem, narrativa, motivos, relações entre os biógrafos e o biografado.

Considerando isso, este texto está dividido em cinco capítulos. Para melhor analisar estas biografias e o que pode ser apreendido delas em termos de conhecimento sócio-histórico, o capítulo um debruça-se sobre o gênero biográfico. São analisadas as relações entre a biografia e a História, as divergências quanto ao caráter deste tipo de narrativa, as suas possibilidades, os seus desafios e os seus problemas. Através do entendimento sobre a produção biográfica e os elementos em torno dela é possível compreender a relevância dos

¹⁹ Cf. LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 168.

textos aqui estudados. Esse capítulo explora algumas teorias e concepções em torno de uma possível (auto)biografia, com objetivo de verificar se de alguma forma as obras de Adolpho Santos e Lauro Góes dialogam com as teorias apresentadas.

O segundo capítulo se atém aos protagonistas: Delmiro Gouveia, Adolpho Santos e Lauro Góes. Intrositos de suas vidas particulares construídas nas fontes encontradas, são apresentados para uma melhor compreensão destes indivíduos e da relação entre eles. Visto que tanto Góes quanto Santos foram funcionários de Delmiro, esse é alcunhado neste trabalho de *patrão*, enquanto que Santos é o *contador* e Góes o *empregado*, conforme as funções que exerciam. Os terceiro e quarto capítulos discutem as biografias escritas por esses autores. Estilo, forma, linguagem, conteúdo, relevância, são examinados e contrastados às teorias biográficas. O último capítulo faz um cruzamento entre as biografias estudadas. Os textos são comparados nos pontos que se encontram ou que se distanciam. Um debate sobre o tempo no qual os fatos narrados aconteceram e o tempo em que esses foram registrados é feito, considerando o contexto e refletindo sobre a imagem que estes biógrafos faziam da região Nordeste²⁰ e quais aspectos desta sociedade podem ser apreendidos em seus registros.

²⁰ Até o início da década de 1960 não existia a denominação Nordeste criada oficialmente em 1969 pelo IBGE. Os nove estados brasileiros que atualmente compõe esta região faziam parte da região Norte. Embora Adolpho Santos e Lauro Góes falem do Nordeste, este ainda não era um termo oficial na época em que escreveram seus textos (1947; 1962). Para facilitar a compreensão do leitor desta dissertação, o termo Nordeste é utilizado em todo este trabalho mesmo para os períodos em que a atual região era conhecida como Norte, visto que os eventos discutidos ocorreram onde hoje é o Nordeste. Ver, OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, Nordeste, Planejamento e conflito de classes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Capítulo 1

A BIOGRAFIA EM EVIDÊNCIA: UM EXAME SOBRE AS HISTÓRIAS DE VIDA

“a história sem biografia seria algo como um repouso sem relaxamento, uma comida sem gosto, quase como uma história de amor sem amor”

Victor Albjerg²¹

1.1. A BIOGRAFIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES: UM OLHAR TEÓRICO

Inicialmente, uma busca pela definição. O *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2001), explica o termo biografia como: “1. Narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. [...] 3. A história da vida de alguém”²². Conforme a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural* (1995), biografia é “História da vida de uma personagem, de um autor”, e autobiografia a “História da vida de uma pessoa escrita por ela mesma”²³. Segundo o *Dicionário Didático de Português* (1998), biografia significa “História que conta a vida de uma pessoa [...] quem escreve a biografia de sua própria vida faz uma autobiografia”²⁴. De modo geral, não há dúvidas de que o termo biografia significa uma narrativa da história da vida de determinada pessoa.

A biografia também pode ser entendida como a memória em documento. De acordo com Henry Rousso, a memória é:

Uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional [...] Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros²⁵.

²¹ ALBJERJ, Victor Apud LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (ORG). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1998. p. 227.

²² HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

²³ **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

²⁴ BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário Didático de Português**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

²⁵ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167, 168.

Para Rousso, a memória funciona como um arquivo mental em que fatos experimentados ou submetidos ao indivíduo durante sua vida ficam guardados em sua lembrança ou são esquecidos, conforme a mente e as necessidades emocionais agem sobre si. A memória é coletiva quando um grupo compartilha as mesmas lembranças ou esquecimentos sobre o passado ou presente, visto que ela se constitui após um acontecimento ou durante o ocorrido. É a memória que permite que o indivíduo ou grupo se identifique num contexto. A memória é sempre atual, já que o ato de lembrar ocorre no presente do indivíduo ou grupo, embora o fato que evoca a rememoração seja passado. Sob esta ótica, a biografia ou autobiografia poderiam ser consideradas registros de um ato de rememoração, uma produção da memória ou a memória em exercício. Trata-se de uma memória seletiva, em que os fatos a serem narrados passam por um delicado processo de escolha.

No texto *A tarefa do historiador*²⁶, publicado no livro *Memórias e Narrativas Autobiográficas* (2009), Sabina Loriga discute a função da memória para a história a partir do diálogo com Paul Ricoeur e sua obra *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (A memória, a história, o esquecimento, 2000). Para ela, alguns pontos positivos podem ser extraídos ao se fazer da memória, quer individual, quer coletiva, um meio para se compreender e escrever a história. Dentre esses, por exemplo, o fato de que a lembrança serve de alerta e lição quando se refere aos grandes crimes cometidos pela humanidade. Preservar e registrar a lembrança permite à consciência humana a ciência de que tais atrocidades não devem se repetir: *Shoah*, I e II Guerras Mundiais, genocídio armênio, torturas em Abu Ghraib, escravidão etc. A memória também pode ser um propulsor da verdade²⁷. Quanto mais se investiga testemunhos ou documentos que registrem o passado, mais o pesquisador se aproxima da verdade ou mentira sobre o ocorrido.

Ao mesmo tempo o ato de recordar pode ser falho. No romance *O Vendedor de Passados* (2004), José Eduardo Agualusa conta a história de Félix Ventura, um angolano que ganha a vida fabricando memórias para pessoas ilustres (políticos, ricos empresários, generais etc) que necessitam de um passado importante. Dividem a cena Eulálio – uma osga – e um cliente estrangeiro – José Buchmann – que precisa de uma identidade angolana²⁸. Para além da história e das críticas à sociedade de Angola presentes na obra, o livro faz uma pertinente discussão sobre a memória e sua função. Eulálio é uma osga, mas originalmente foi uma

²⁶ LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 11-37.

²⁷ Ibidem, p. 18, 19.

²⁸ AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro:Gryphus, 2004.

peessoa que morreu e renasceu várias vezes e que, em sua forma atual, rememora constantemente suas vidas passadas ao ponto de às vezes ficar confuso quanto a sua existência. De forma romanceada, Agualusa reflete sobre os equívocos da memória e sobre como a referida pode ser construída e assumida pelo próprio indivíduo a quem pertence.

É neste sentido que Loriga aponta para o valor da dúvida, a necessidade da certificação do que é relatado ou registrado sobre o que, como ou por que ocorreu. Embora os falsos testemunhos apareçam, especialmente quando se tratam de delitos históricos, a autora ressalta que muitas vezes é preciso lutar contra a incredulidade²⁹. Entretanto, mesmo sendo uma ferramenta eficazmente auxiliadora, a dúvida não deve cegar o discernimento. É importante considerar que apesar de atemporal, a memória pode ser afetada pela passagem do tempo. Isso significa que em muitos casos, as mudanças que podem ocorrer num determinado relato de uma mesma testemunha podem dar-se conforme a maturidade age sobre ela, possivelmente levando-a a compreender o fato narrado sobre outro ponto de vista, para além do que foi relatado num primeiro confronto. Ao refletir sobre os relatos de memória, o historiador deve considerar os vários fatores emocionais que atuam sobre as recordações.

Entender o significado de biografia e de autobiografia, bem como sua relação com a memória, é indispensável para compreender as alterações que a narrativa individual experimentou. A biografia passou por significativas transformações na sua construção e em seu uso desde seu surgimento até o presente. Nasceu na antiguidade clássica ligada ao panegírico, no medievo serviu como modelo de virtude, concentrando-se principalmente na história de vida dos santos católicos, e na modernidade focou na exaltação do herói e posteriormente do grande homem. Essas mudanças iam ocorrendo conforme as necessidades dos biógrafos, dos biografados, da finalidade das produções ou ainda as tensões sociais das quais faziam parte.

Em *Vidas Paralelas*, Lucius Mestrius Plutarchus (Plutarco, c.46-120 a.C.),³⁰ apesar de sua proximidade com o panegírico, apresenta algumas das primeiras diretrizes neste tipo de narrativa. Suetônio (Caio Suetônio Tranquilo, 69-141 d.C.), escritor romano da obra *A Vida dos Doze Césares*³¹, por outro lado, foi um exemplo do distanciamento entre biografia e o viés adotado por Plutarco. Diferente daquele que escreveu de forma elogiosa sobre seus

²⁹ LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 11-37.

³⁰ PLUTARCO. **Vidas Paralelas**: Alexandre e César. Tradução de Júlia Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM. 2005.

³¹ SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares**. Coleção a Obra Prima de Cada Autor – Série Ouro. 1ª Edição. São Paulo: Martin Claret, 2004.

personagens tidos como modelos de virtude, Phillippe Levillian explica que Suetônio estabeleceu características próprias da biografia, “distinção entre a vida privada e a vida pública; entre o respeitável e o menos respeitável; identificação pelo jogo de contrastes”³². Ele buscou desmistificar seus personagens abalizando suas informações mediante os testemunhos orais, os documentos e a observação. Com isso, Suetônio valeu-se de um método para construir suas descrições.

A forma como uma canção laudatória do século XIII foi produzida, evidencia que algumas biografias do medievo já engatinhavam quanto à preocupação com a investigação e a documentação disponível. Georges Duby (1988), ao analisar a cavalaria e a sociedade medieval através da vida do cavaleiro Guilherme Marechal, descreve alguns detalhes usados na elaboração do poema biográfico em sua homenagem e sua estrutura:

Cento e vinte e sete folhas de pergaminho – não falta uma sequer; em cada uma delas, duas colunas de trinta e oito linhas; ao todo, dezenove mil, novecentos e quatorze versos: Guilherme, o Moço, não poupou cuidados. Sete anos se passaram na coleta de informações, na elaboração e adequada edição da obra³³.

Duby explica que Guilherme, o Moço, filho do Marechal, encomendou este poema a João, um trovador, por ocasião da morte do pai. O objetivo era perpetuar sua memória como grande chefe de família, narrando sua trajetória de vida, enfatizando seu heroísmo e feitos como cavaleiro e a fé cristã³⁴. Benito Bisso Schmidt menciona que foi a partir dos séculos XVII e XVIII, em especial, que as produções biográficas preocuparam-se mais com os métodos de investigação e com a relação entre biógrafo e biografado³⁵. Vavy Pacheco Borges aponta o exemplo de James Boswell neste sentido, que revolucionou a Inglaterra em 1791 ao publicar *Vida de Samuel Johnson*, trabalho de quase vinte anos de pesquisa. Havia na atmosfera da época um ideal de contar a verdade a partir da documentação e entrevistas. Muitos intelectuais ingleses dos séculos XIX e XX escreveram biografias tomando Boswell como parâmetro. Lytton Strachey foi um destes ao registrar *Eminentes Vitorianos* (1918)³⁶.

³²LEVILLIAN, Phillippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René (ORG.). **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996. p. 146.

³³ DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo**. Tradução Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª Ed. 1988.p. 45.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 189.

³⁶ Cf. BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 205.

Dentro das correntes historiográficas florescentes a partir do século XIX, segundo Schmidt, o positivismo histórico motivou a ênfase nas ações individuais dos grandes líderes políticos, militares e religiosos, conferindo destaque à figura do “grande homem”, conforme o uso de documentos oficiais como fonte. Já a historiografia marxista fugiu inicialmente do individualismo privilegiando mais os grandes movimentos estruturais, os atores coletivos e as classes. Para esta corrente histórica, as escolhas dos indivíduos são motivadas pelo que é transmitido do passado e seriam as circunstâncias que determinariam as escolhas. Neste contexto, a biografia foi pouco utilizada quando comparada à ênfase marxista ao coletivismo³⁷. Em geral, na historiografia do final dos oitocentos, as histórias de vida foram utilizadas como gênero acessório, modelos de civismo e patriotismo para as nações em construção, uma fonte de inspiração e reflexão.

Borges, em suas reflexões sobre a construção biográfica, aponta para três maneiras em que a biografia vinha sendo escrita através da história, conforme identificadas por Daniel Madelénat e Michel Trebitsch: *biografia clássica* – tradicional, qualitativa e quantitativa –; *biografia romântica* – comum aos séculos XVIII a início do XX –; e a *biografia moderna* – preocupada com o relativismo ético, a psicanálise e as transformações epistemológicas da História. Acrescenta que a análise de Trebitsch sobre estes modelos biográficos surgiu da comparação ao examinar como os biografados são tratados nas biografias, quais os procedimentos dos autores e como estes se posicionam em relação aos objetos³⁸. A autora lembra ainda que conforme François Dosse a biografia caminha em três percursos: “*idade heroica*”, biografia que transmite modelos e valores; “*biografia modal*”, na qual o indivíduo serve como ilustração, exemplo de um coletivo (sua sociedade ou grupo); e “*idade hermenêutica*”, quando a biografia dialoga com outras disciplinas e abre possibilidades de estudo para a História³⁹.

A Escola dos Annales contestava a narrativa biográfica postulada no fato histórico colocado em ordem cronológica, exigindo que a mesma partisse de hipóteses verificáveis, de acordo com Levillain. A cronologia linear precisava ser substituída por uma cronologia com pano de fundo, contextual. O tempo deveria ser um laboratório para uma pesquisa comparativa. A combinação seria do tempo cronológico, mais a evolução com o tempo do

³⁷ Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 190, 191.

³⁸ Cf. BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 206.

³⁹ BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 207.

progresso com a pesquisa efetuada pelo biógrafo. Uma mistura entre Plutarco (história moral) e Suetônio (testemunho). Dessa forma, os Annales revisaram criticamente a biografia em função de novos dados e métodos. A obra *Le méditerranée et Le monde méditerranée à l'époque de Philippe II*, de Fernand Braudel (O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Philippe II, 1949), exemplifica o modelo de biografia proposto pela historiografia dos Annales. Esta vai além do indivíduo, pois discorre sobre a história de uma civilização milenar, uma monarquia, e dialoga com o tempo e o espaço⁴⁰.

Sendo o homem produto de uma sociedade cujas condições de vida explicam melhor as mentalidades, logo, uma biografia sobre o indivíduo seria capaz de produzir alguma explicação sobre tal sociedade. Essa concepção é nítida no livro *A Estranha Derrota*, de Marc Bloch. Escrito em 1940, durante a ocupação alemã na França, o texto é um testemunho do autor sobre a rápida derrota que os franceses sofreram dos alemães durante a Segunda Guerra. Bloch combateu nas duas Grandes Guerras Mundiais e participou da resistência francesa à dominação alemã. Seus relatos são autobiográficos e reflexivos. Este historiador tanto descreve os acontecimentos que levaram à derrota e ocupação da França pelos nazistas, por ele vivenciados, como também realiza uma “análise de consciência” da sociedade francesa da década de 1940⁴¹. Seu testemunho inclui desde as batalhas travadas com os nazistas, a organização de ambos os exércitos, a incompetente burocracia francesa, à submissão, quase que total, da população ao regime de Vichy (1940-1944). O autor afirma no início de sua obra que “antes mesmo de relatar o que vi, seria conveniente dizer com que olhos vi”⁴². Nesta perspectiva, o texto de Bloch é uma narrativa individual que produz uma explicação sobre o coletivo, uma sociedade, a partir da forma como compreendia os acontecimentos em sua volta.

A partir dos anos 1980, a biografia – as narrativas individuais haviam ficado ofuscadas pelas análises coletivas mais visadas pela história antes disso – foi revalorizada historiograficamente, reafirmando-se nos anos 1990, de acordo com Schmidt, como “forma legítima de se escrever e de se compreender a História”⁴³. Levillain lembra que na França, ainda nos anos 1970, as trajetórias de vida tiveram um considerável aumento. Já em 1966, das 756 teses de história contemporânea computadas, 46 eram biografias. Apesar das críticas que

⁴⁰ LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 159.

⁴¹ BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

⁴² Ibidem, p. 11.

⁴³ SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 192.

recebiam – “exaltação discutível de um indivíduo” – os alunos interessavam-se pelo valor dos documentos privados, o que os levava a um estudo ou produção neste sentido⁴⁴.

Assim como na Europa, na primeira metade do século XIX no Brasil, a história conferiu a biografia um espaço ilustrativo. Embora Capistrano de Abreu (1853-1927) tenha escrito inúmeras notícias biográficas para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Schmidt indica que para alguns historiadores brasileiros deste período, a biografia servia como uma espécie de “afresco”, concebida para ilustrar projetos historiográficos mais amplos, um documento que confirmasse a autenticidade de fontes ou exemplo de patriotismo a ser seguido. Entre o final da década de 1920 e a de 1950 a biografia brasileira passou a ser vista como um meio para se compreender o passado da nação. Nas décadas de 1960 e 1970, este gênero narrativo começa a ser pensado na historiografia brasileira como ‘forma de se escrever a história’:

mais do que erigir modelos idealizados de conduta, o historiador biógrafo deveria, segundo tal perspectiva [i. é. “o ato de conhecer o outro (...) um caminho de aprendizado do passado brasileiro”⁴⁵], buscar compreender os personagens por ele enfocados como vias de acesso a outras épocas, enfim, para se construir uma história mais viva e plural – questões, aliás, que retomam toda a força na atualidade⁴⁶.

A biografia, portanto, parece ter passado por significativas mudanças até o tempo presente. Ora mais valorizada, ora pouco marginalizada, este tipo de narrativa se fez constante na história sendo registrada de forma variada e para diversos fins. As diferentes etapas e os diversificados momentos que atravessou, foram ocorrendo à medida que as sociedades iam se modificando, gerando uma oferta e uma demanda sobre a produção biográfica, diferentes do que se esperava de uma narrativa individual clássica. No caso dos biógrafos, perguntar-se por que e para que escrever uma biografia ou autobiografia são questionamentos que vêm antecedendo as escolhas dos personagens. Para os historiadores que estudam as trajetórias de vida, buscar neste gênero explicações para um passado ou presente, tem favorecido as análises nesse campo.

⁴⁴ LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 141.

⁴⁵ GONÇALVES, Márcia de Almeida, 2009, Apud, SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 201.

⁴⁶ Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 201.

Seriam estes os motivos pelos quais os historiadores voltaram a flertar atrevidamente com as narrativas de vida a partir dos anos 1980? O que explica o “ressurgimento” biográfico no final do século XX?

1.2. TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS EM PAUTA

O retomado interesse francês nos anos 1980 pelo gênero biográfico, deixado de lado desde os anos 1950 devido a um maior interesse pelos fatos coletivos, pode ser explicado, segundo Vavy Borges, pelos movimentos da sociedade e um número crescente de disciplinas que estudam o homem em sociedade. As disciplinas acadêmicas tem voltado seu interesse pela experiência, pelos excluídos, pelas minorias sociológicas, não enfocando tão rigidamente conceitos totalizantes como “classe” e “mentalidades”⁴⁷. O fato de que muitas biografias eram feitas em função da sedução do público, visto que seu objetivo era inclusive comercial, contribuiu em algum momento para que muitos historiadores se distanciassem dela. Apesar disso, para além da satisfação do mercado, Phillipe Levillain questiona se este “retorno” à biografia não foi um sinal de mutação historiográfica. A biografia seria agora vista também como testemunho significativo das relações entre a história e as outras ciências.

Esse recente interesse pelas histórias de vida, para Sabina Loriga, remonta ao campo da história que se debruça sobre o cotidiano, as subjetividades, como a história oral, a história das mulheres e os estudos sobre cultura. A atenção dada aos excluídos da memória reabriu o debate sobre o valor do método biográfico. Entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a curiosidade pelas atividades políticas e econômicas dos camponeses ou dos empregados foi sendo direcionada também para sua subjetividade ou suas experiências. A crise na história científica, em especial nos conceitos de classe social e mentalidades, na interpretação marxista e no modelo estrutural, estimulou o aprofundamento da noção histórica de indivíduo. Os destinos individuais passaram a ser atentamente observados pelos historiadores sociais⁴⁸.

Schmidt lembra novamente que para alguns historiadores como François Hartog, a crise no presentismo (estudo do presente) foi um fator crucial para o retorno da biografia, devido às preocupações com as raízes, a identidade e a memória. Historiadores do contemporâneo passaram a ressuscitar ou recriar os personagens convertendo-os como

⁴⁷ Cf. BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 209, 210.

⁴⁸ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (ORG). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1998. p. 225.

referências para o presente, como reforço à determinada identidade, etnia, religião, região, nação, geração etc. Para Roger Chartier, os historiadores atuais voltaram-se para o indivíduo com objetivo de restaurar seu papel na construção dos laços sociais. Essa busca pelos laços sociais tem possibilitado que histórias individuais influenciem as produções historiográficas da história marxista, da micro-história e da chamada “terceira geração” da escola dos Annales.

Jaques Le Goff, Michel Vovelle e George Duby, são exemplos de historiadores da Escola dos Annales que dedicaram obras importantes a personagens individuais, mas mantiveram-se fiéis à história-problema, vendo no estudo dos “seus indivíduos” uma forma de compreender os contextos sociais dos quais fizeram parte. Entre os marxistas, Edward Thompson e Christopher Hill analisaram a ação individual como questionamento sobre o determinismo marxista estruturalista. Os personagens estudados por Thompson aparecem como auxílio para esclarecer ou inspirar as lutas no presente. Sob a perspectiva da micro-história, o estudo do indivíduo possibilita dimensionar a liberdade individual em diferentes contextos, inclusive em sistemas opressivos. Carlo Ginzburg trabalhou esta dimensão ao analisar a cosmogonia de Menocchio controversa à da Igreja no século XVI⁴⁹. Pode-se perceber então, que a biografia em diferentes tradições historiográficas tem sido valorizada como mais uma forma de se analisar temas e problemas, como o feudalismo, a evolução burguesa na Inglaterra e as relações entre normas sociais e ações individuais.

Sob a influência destas correntes da história, a biografia pós-anos 1980 no Brasil passou a ser encarada como forma de explicar problemas de pesquisa. A micro-história italiana e a “história vista de baixo” inglesa influenciaram construções de narrativas individuais de pessoas das classes populares ou grupos excluídos socialmente. Sobre isso, Schmidt cita como exemplo as pesquisas sobre militantes brasileiros ou estrangeiros, atuantes no país, ligados ao socialismo, ao sindicalismo e ao anarquismo do movimento empregado do final do século XIX e início do século XX. Também historiadores da escravidão e do pós-abolição vem se dedicando à investigação de indivíduos escravos e libertos, tornando conhecidas suas experiências. Ou ainda as biografias de mulheres que apresentam os obstáculos que o gênero continua enfrentando e as estratégias criativas utilizadas por estas para atuarem numa sociedade dominada por homens⁵⁰.

Apesar desse interesse pelos indivíduos excluídos, os “grandes personagens” não foram banidos da produção biográfica brasileira. Seu estudo, entretanto, passou a ter um foco

⁴⁹ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. 3ª Edição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁵⁰ Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p. 202.

mais diferenciado, analisando os agentes e processos que forjaram suas memórias, desconstruindo assim a ideia de predestinação. Alguns historiadores consagrados, conforme Schmidt, têm escrito biografias de “grandes personagens” para coleções dirigidas, com objetivo de despertar o gosto dos leitores em geral pela história e reutilizar o caráter pedagógico da escrita biográfica⁵¹. *D. Pedro I – Um herói sem nenhum caráter* (2006)⁵², da cientista política Isabel Lustosa, e *D. Pedro II – Ser ou não ser* (2007)⁵³, de José Murilo de Carvalho, são exemplos disso. Desse modo, historiadores têm aproveitado de forma criativa as discussões internacionais sobre biografia, adaptando os novos métodos à historiografia nacional. Interpretações da História do Brasil poderiam ser repensadas a partir de trajetórias individuais em contextos específicos. Tal renovação da biografia se deve também a valorização nostálgica de memórias e personagens do passado⁵⁴.

“A biografia histórica é, antes de tudo, história”⁵⁵, declara Schmidt. E como tal, deve estar subordinada aos procedimentos de pesquisa e formas narrativas próprias desta disciplina. Isto significa que deve ter um problema como guia de investigação, formulado a partir de referências conceituais e fontes documentais. Os resultados do trabalho devem ser expostos em um texto que indique os métodos e materiais que subsidiaram a investigação. Também devem justificar-se pelas contribuições que podem trazer aos avanços do conhecimento da história, se as experiências do biografado favorecem ou não a compreensão ou explicação de determinados processos e acontecimentos. Para que a biografia histórica não caia numa mera representação, Schmidt ressalta a importância em compreender a relação entre indivíduo e sociedade. É imprescindível estabelecer o conceito de contexto e o conceito de indivíduo e como ambos se entrelaçam.

Magda Ricci exemplificou bem isso em sua obra *Assombrações de um padre regente – Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*⁵⁶. Seu texto dialoga com outras memórias escritas sobre o personagem, especialmente as publicadas na década de 1940 com o centenário de sua morte, além de uma vasta bibliografia e documentos escritos por Feijó. A pesquisadora faz um levantamento do contexto do personagem, mas também dos contextos dos seus biógrafos compreendendo as razões de suas épocas e particularidades. Sua pesquisa, como afirma,

⁵¹ Ibidem, p. 203.

⁵² LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I – Um herói sem caráter**. Col. Perfis Brasileiros. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

⁵³ CARVALHO, José Murilo de. **D. Pedro II – Ser ou não ser**. Col. Perfis Brasileiros. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

⁵⁴ Ibidem, p. 201.

⁵⁵ Ibidem, p.195.

⁵⁶ RICCI, Magda Maria de Oliveira. **Assombrações de um padre regente – Diogo Antônio Feijó (1784-1843)**. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2005. 1ª reimpressão.

objetiva contribuir para a historicização do biografado, compreender processos históricos e suas implicações, e apresentar a biografia como um estilo narrativo. Além disso, a historiadora discute sobre os limites da liberdade, erguendo pontes entre o padre de Itu e o político da Corte. Como sugeriu Schmidt, o trabalho de Ricci é guiado por um problema de pesquisa, utiliza inúmeras e variadas fontes, métodos, contribui para os avanços no conhecimento histórico e os resultados são expostos num texto.

Levillain acrescenta que com o retorno da história política atrelada a uma história que contemplasse a coletividade, que analisasse as forças profundas da história, os fatos e também os comportamentos coletivos, as realidades econômicas e sociais, e as vontades individuais, a trajetória individual assume a função de meio caminho entre o particular e o coletivo. Ela serve para identificar uma figura num meio, examinar seus aspectos em relação aos outros indivíduos, seu reflexo ou não da sociedade da qual faz parte, fazendo um balanço entre o herdado e o adquirido. A história social, embora enfocada no coletivo, deu à biografia pós-década de 1970 uma nova dimensão, buscando fragmentos de expressão dos meios sociais no indivíduo⁵⁷.

Para o supracitado historiador, o individualismo é tanto o reconhecimento da liberdade de escolha do homem, como o confronto entre sociedade e indivíduo quanto à fixação dos valores. Levillain acredita que os comportamentos e as estratégias individuais podem muito bem explicar os fenômenos coletivos, visto que é a reunião de ideias, objetivos e anseios semelhantes de indivíduos, que se transformam em ideias, objetivos e anseios dos grupos, e conseqüentemente modelam as sociedades. Isso pode ser visto nas multidões que exercem forte influencia nos acontecimentos nas sociedades modernas, mas que podem deixar-se levar pelo prestígio de condutores, como Hitler, Robespierre, Mussolini etc., “um desviante cujo sucesso tem a força de uma ideia fixa”⁵⁸ que contamina a multidão transformando um objetivo individual num objetivo coletivo.

A década de 1980 parece ter florescido quanto às novas concepções sobre a biografia. Os autores mencionados concordam que a busca por identidade, memória, necessidade de compreender a sociedade através das ações individuais, que para esses culminam nos atos coletivos, o estudo do homem em sociedade, as mudanças nas correntes historiográficas e suas formas de perceberem o papel do indivíduo foram fatores que chamaram a atenção para as narrativas de vida. O estudo do eu, ou a produção de uma história do eu, deve estar

⁵⁷ Cf. LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 166.

⁵⁸ Ibidem, p. 168, 169.

problematizada, como anteviu os *Annales*, possuir métodos e hipóteses, segundo Schmidt, além de considerar os problemas e desafios enfrentados por aqueles que fazem deste gênero alvo de investigação.

Com esse objetivo, estudiosos e historiadores, criaram teorias ou explicações que fossem capazes de explicar e justificar a produção biográfica e seus usos. Como um experimento, a biografia foi posicionada, caracterizada e enquadrada nos moldes da pesquisa. Os teóricos da biografia renderam-lhe especificações: formas, características, tipos, modelos, variedades. E as mudanças na compreensão e escrita da história lançaram luz sobre as possibilidades que os estudos deste gênero podem oferecer ao conhecimento histórico.

1.3. PENSANDO AS POSSIBILIDADES DA BIOGRAFIA

A biografia oferece inúmeras possibilidades de uso para pesquisa e como qualquer objeto, apresenta variados problemas. Giovanni Levi estudou os usos e objetivos da biografia entre os séculos XVIII e XX, relacionando narrativa e gênero biográfico. Ele identificou pelo menos dois motivos que justificam o recente interesse dos historiadores pelas trajetórias individuais: 1. Para enfatizar as fraquezas ou transgressões dos indivíduos, seus comportamentos e o sistema no qual são inseridos, a partir de suas experiências; 2. Para provar ou validar hipóteses científicas em relação às leis e regras sociais⁵⁹. A história narrativa vem se renovando, procurando novas fontes e documentos que deem conta de descobrir e explicar indícios de atos e palavras do cotidiano, passíveis de descrições. Esta busca pode ser encontrada nas trajetórias individuais. Um problema em se escrever a vida de um indivíduo está na forma como os atores históricos são compreendidos, obedientes a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. A tradição biográfica tem se contentado com modelos que seguem uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável.

Conforme Levi, no século XVIII, a biografia pública, exemplar, moral, foi fruto de oscilações entre os momentos de crise da racionalidade ou quando o confronto do indivíduo com as instituições foi mais agudo. As histórias de vida tinham muito mais características de romance, na medida em que eram fragmentadas, cheias de retornos, preenchidas com hipóteses, incapazes de serem realistas, na qual os personagens eram representados como célebres, revelando suas virtudes públicas e seus vícios privados. A biografia e a autobiografia oscilavam entre verdade e ilusão literária. As discussões em torno do romance e da

⁵⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167, 168.

(auto)biografia chegaram a um consenso na *biografia moral*, que consistia em renunciar a veracidade, acrescentando às vezes emoções e paixões, fixando-se apenas nos aspectos significativos de uma vida. Eram exemplares, ressaltando os feitos e as atitudes dos protagonistas. Neste viés, Levi afirma que positivistas e funcionalistas privilegiavam a dimensão pública ao invés da dimensão privada⁶⁰.

Com os novos paradigmas em todos os campos científicos, inclusive as novas tendências literárias, as possibilidades do que é descrito tornaram-se objeto de questionamentos em torno das produções biográficas no século XX. Nessa dimensão, entre alguns dos desafios com que se depara a biografia histórica, inclui-se a importância de se conhecer o ponto de vista do observador, a complexidade da identidade, sua formação progressiva e não linear e suas contradições; as redes de relações, estratos, grupos sociais, e seus mecanismos; e como os indivíduos se definem em relação ao grupo e se reconhecem numa classe⁶¹. Devido à diversidade com que os historiadores passaram a problematizar as histórias de vida, Levi divide a biografia em quatro tipos que auxiliam na identificação ao se estudar o gênero:

- *Prosopografia e biografia modal*: consiste na utilização de dados biográficos para fins prosopográficos. Seus elementos são considerados historicamente reveladores quando ilustram comportamentos ou aparências ligadas as condições sociais mais frequentes. Trata-se da infinidade de combinações possíveis a partir de experiências comuns a pessoas de um mesmo grupo. A biografia aqui não é de uma pessoa singular, mas de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo⁶². Em, *Todas as Mulheres de Hitler*, por exemplo, Erich Schaaake analisa a intimidade de Hitler e sua projeção política a partir das histórias de vida de treze das mulheres com quem ele se relacionou, desde sua mãe, amigas, funcionárias, parentes a amantes⁶³. Também Natalie Zemon Davis reflete sobre as condições da mulher e da cultura do mundo moderno no século XVII a partir das histórias de três mulheres: a judia Glikl bas Judah Leib, a católica Marie de l'Incarnacion e a protestante Maria Sibylla Merian, em seu livro *Nas Margens – três mulheres do século XVII*⁶⁴.

⁶⁰ Ibidem, p.170-172.

⁶¹ Ibidem, p. 173.

⁶² Ibidem, p. 174.

⁶³ SCHAAKE, Erich. **Todas as Mulheres de Hitler**. São Paulo: Lafonte, 2012.

⁶⁴ DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens – Três Mulheres do Século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- *Biografia e contexto*: neste tipo a biografia preserva sua essência, porém dá ênfase ao contexto, o ambiente também é valorizado como fator capaz de caracterizar e explicar a trajetória do indivíduo em questão. O “contexto serve para preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado”⁶⁵. *O retorno de Martin Guerre* (1987)⁶⁶, também da historiadora Natalie Zemon Davis, em que não só o personagem é o centro da discussão biográfica, mas também a forma de comportamento e as práticas culturais do século XVI, é um modelo disso. Outro exemplo é o trabalho de Eduardo Silva, *Dom Obá II D’África, o Príncipe do Povo – Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor* (1997)⁶⁷, em que o biógrafo faz um estudo de caso sobre o cotidiano e o universo cultural e simbólico dos escravos, libertos e homens livres no Brasil do século XIX a partir da história de vida de Cândido da Fonseca Galvão, o Príncipe Obá.
- *Biografia e os casos extremos*: aqui as biografias são utilizadas exclusivamente para esclarecer um contexto. O indivíduo é apenas um aporte, o contexto é o foco. Em sua biografia de Menocchio, *O queijo e os vermes* (1975), por exemplo, Carlo Ginzburg analisa a cultura popular através de um caso extremo e não de um caso modal. O objeto funciona como ilustração.
- *Biografia e hermenêutica*: consiste em atribuir significado ao ato biográfico, que por sua vez pode adquirir uma infinidade de outros significados. É preciso problematizar e interpretar antes de partir para a produção biográfica. De acordo com Levi, este tipo de abordagem estimulou a reflexão entre os historiadores, levando-os a buscar técnicas mais dinâmicas e utilizar formas narrativas mais disciplinadas⁶⁸.

⁶⁵ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 175, 176.

⁶⁶ DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁶⁷ SILVA, Eduardo. **Dom Obá II D’África, o Príncipe do Povo – Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁶⁸ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 178.

Para Levi, estes tipos de biografia apresentados servem como novos caminhos a serem trilhados pelos que procuram utilizar as narrativas individuais como instrumento do conhecimento histórico em substituição à tradicional biografia linear e factual⁶⁹. Vavy Borges, ao explicar como elaborar uma trajetória individual, lembra que segundo o especialista em autobiografia Phillippe Lejeune, as histórias de vida podem ser classificadas em três categorias: 1. *Narrativa pura* – aquela em que o narrador não conheceu seu objeto e pretende com sua narrativa dar a ele uma existência completa mediante documentos e testemunhos; 2. *Testemunho com pretensão de biografia* – neste caso o narrador conheceu ou conhece o personagem. É um testemunho que pode ser usado para uma futura biografia, apoiado nos documentos que possui; 3. *Testemunho puro* – é quando o narrador não apenas conhece o indivíduo, como participou de momentos de sua vida. Geralmente são textos de amigos, filhos, parentes, companheiros etc⁷⁰.

Uma produção biográfica implica, conforme as considerações que Levillain faz a partir do romancista André Maurois (1928), regras factuais rigorosas e não é meramente um exercício da fantasia, muito embora existam fatos mais importantes do que outros segundo as escolhas do autor a partir do seu ponto de vista. Elementos ficcionais muitas vezes são utilizados para reconstituir uma história de vida, o que não significa que a informação seja descartável, já que para ele “a ficção provém do suplemento de explicação que o autor se julga no direito de dar quando a reunião dos documentos não basta para retratar o personagem. Pois toda biografia resulta da tentação criadora”⁷¹. A ficção costuma ser utilizada para preencher espaços na narrativa carentes de documentação sobre o biografado. Muitas narrativas utilizam-se das realizações do personagem quando os registros pessoais são insuficientes. Nestes casos, o biografado não é mais utilizado para se esclarecer uma época, um século, mas, a época e o século é que servem de base para se explorar o indivíduo, suas qualidades, defeitos e vícios, ou seja, quais tensões sociais da época de determinado personagem agiram para que ele manifestasse certo comportamento.

Em *O historiador como colunista: ensaios para a folha* (2009)⁷² Peter Burke dedica um texto às variedades com que as trajetórias individuais podem ser contadas, uma vez que diferentes tipos de pessoas apreciam diferentes tipos de biografias. Dentre estas preferências,

⁶⁹ Ibidem, p.179.

⁷⁰ Cf. LEJEUNE, Phillippe. Apud BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 213, 214.

⁷¹ Cf. LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 155.

⁷² BURKE, Peter. *O Historiador Como Colunista: ensaios para a folha*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2009.

alguns se atraem pelas hagiografias, outros pelas que tratam dos heróis e há aqueles que se seduzem pelas produções do tipo anti-herói que têm como foco expor as fraquezas do biografado. A série *Heróis e Vilões* publicada no *The Independent Magazine* é exemplo de um perfil biográfico do tipo anti-herói. Em 28 de outubro de 1989, essa série publicou “Epitáfio para um vilão: Roy Cohn”, em que os vícios e defeitos de Roy Cohen, advogado de caráter dúbio e influente na política norte-americana durante o Governo de Ronald Reagan (1981-1989) foram propositalmente explorados e apresentados⁷³.

Em geral, quaisquer que sejam as preferências dos leitores em relação aos personagens biografados, os biógrafos encontrarão na vida interior, nas atividades realizadas pelo indivíduo, na sua rotina no dia a dia, que é o que mais interessa neste tipo de trabalho, obstáculos para construção da narrativa, pois estes dados muitas vezes são escassos, faltando registros de acontecimentos ou datas sobre os quais estes autores costumam se apoiar para desenvolverem suas investigações⁷⁴. Por incluir diferentes variedades, a biografia pode ser adaptada para diversos objetivos, mudando conforme o interesse dos escritores e dos leitores. Uma tendência biográfica mais recente é a “automodelagem”, ou seja, dar atenção não apenas aos pensamentos e feitos dos protagonistas, mas também à forma como estes se apresentam. Burke exemplifica esse modelo apontando o trabalho de Felipe Fernández-Armesto que, ao escrever sobre Cristóvão Colombo, enfocou a preocupação do personagem com o autoavanco e a autopromoção⁷⁵.

Nos últimos anos, alguns historiadores-biógrafos demonstraram interesse pelos chamados “impostores”. Pessoas que ao longo de suas vidas experimentaram outras ou várias identidades. Esses seriam burgueses se passando por nobres, católicos fingindo serem mulçumanos para terem acesso à Meca ou mulheres que se vestiam como homens chegando a exercerem carreiras militares em exércitos e navios britânicos, franceses e holandeses. Novamente *Martin Guerre* é evocado como modelo biográfico. O livro de Davis narra a história de um camponês basco do século XVI, residente na França, que fugiu para servir como soldado e anos mais tarde supostamente retorna para encontrar seu lugar ao lado de sua esposa. Porém, não é Martin Guerre quem volta, mas Arnaud Du Tilh, um impostor que

⁷³ HOBSBAWM, Eric. Epitáfio para um vilão: Roy Cohen. In: **Pessoas Extraordinárias – Resistência, Rebelião e Jazz**. São Paulo: Paz e Terra Ed., 2005. p. 331-333.

⁷⁴ BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 29, 30.

⁷⁵ Ibidem, p. 30, 31.

assume sua identidade e que só é comprovadamente descoberto após o aparecimento do verdadeiro Martin Guerre⁷⁶.

A história de Martin Guerre foi primeiro contada pelo cinema, com o filme *O Retorno de Martin Guerre*⁷⁷, do cineasta francês Daniel Vigne, em 1982. Descontente com as lacunas e imprecisões da trama, a historiadora Natalie Zemon Davis publicou em 1987 a história retratada na película, com mesmo título, mas baseada em profunda pesquisa e análise de documentos do século XVI. Em 1993, Jon Amiel lançou o filme *Sommersby, o retorno de um estranho*⁷⁸, uma versão norte-americana da história. Outro exemplo de impostor foco de estudo, mencionado por Burke, foi George Pslamanazar, francês do século XVIII que tentou executar várias carreiras antes de chegar à Inglaterra e se fazer passar por um nativo de Formosa. Foi também japonês, francês, holandês, judeu, estudante, refugiado, soldado, convertido, estudioso e empresário⁷⁹.

Com a ascensão da história social, novas formas de narrativas individuais foram encorajadas. Uma delas é usar a história de uma pessoa comum para fazer com que o leitor compreenda outra época, o contexto do indivíduo, embora biógrafos dessa espécie discordem sobre qual seria a pessoa ideal para isso. Alguns dizem que deve ser um indivíduo típico do seu tempo. Já outros defendem uma pessoa comum, mas fora do comum, como Menocchio, com ideias religiosas excêntricas para sua época.

Domenico Scandella (Menocchio) foi um moleiro italiano do século XVI, da aldeia de Montereale, levado a julgamento pelo tribunal da Inquisição Católica, devido às ideias que tinha sobre a Igreja (hierarquias, ofícios, ministério, obrigações, dogmas etc.), às doutrinas “cristãs” (conceitos sobre: a origem da vida, os santos, a trindade, Deus, Jesus, o Espírito Santo, Maria, a Bíblia e demais doutrinas) e, principalmente, por difundir suas opiniões sobre o tema a outros. Menocchio vivia numa atmosfera de mudanças econômicas, sociais e políticas em Veneza, cidade que dominava sua aldeia. Para Carlo Ginzburg, o mais importante na análise feita sobre este moleiro foi procurar entender como ele absorvia e transmitia o conhecimento que adquiria, adaptando-o a uma lógica própria de interpretação

⁷⁶ DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁷⁷ VIGNE, Daniel. **Le Retour de Martin Guerre**. França: 1982. Duração: 122 min. Formato: DVDRip.

⁷⁸ AMIEL, Jon. *Sommersby - O Retorno de um Estranho*. França/EUA: Warner Home Video, 1993. Duração: 114 min. Formato: DVDRip.

⁷⁹ BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista: ensaios para a folha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 30, 31.

singular, e como a difusão de suas concepções preocupavam as estruturas de controle da Igreja⁸⁰.

Outro modelo de biografia encorajada pela história social são as biografias coletivas. Burke cita como exemplo as equipes de historiadores que estudaram todos os membros de um grupo particular, como os antigos senadores romanos ou os modernos membros do parlamento britânico. Outra possibilidade neste sentido é a exploração de um pequeno grupo ou rede de amigos e conhecidos unidos numa mesma empreitada, como o estudo sobre os “pais fundadores da república norte-americana” ou os membros da Sociedade Lunar de Birmingham, do século XVIII. No entanto, seria impreciso afirmar se este tipo de estudo trata-se de um tipo de produção biográfica. Para o historiador, esses trabalhos devem ser considerados análises sérias, mas uma forma híbrida do gênero, o que caberia descrevê-los como “semi-biografias”⁸¹, uma inovação ou descoberta, um limite entre o gênero literário ou intelectual.

Nesta perspectiva, *O Castelo de Papel – Uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d’Eu* (2013) pode ser considerada um exemplar recente de biografia coletiva. Escrita por Mary Del Priore, a obra narra a história da princesa Isabel e do conde d’Eu, seu esposo. As trajetórias se cruzam quando o foco passa a ser a relação conjugal, fundindo-se numa biografia única. Mas Priore não se limita às vidas de Isabel e Gastão, seus relatos apresentam o panorama político no Brasil da segunda metade do século XIX, o movimento abolicionista, as tensões com D. Pedro II e a queda do segundo Império Brasileiro⁸².

Burke acrescenta que muitas biografias do tipo anti-heroicas são maneiras utilizadas para evitar escrever o passado de forma triunfalista, desmitificando e enfatizando mais as fraquezas ao invés de concentrar o foco nas realizações. Apesar desta tendência, esse historiador reflete sobre a necessidade que as sociedades têm de construir para si heróis. Heróis e heroínas agem como modelos ou símbolos de identidades ou valores culturais. Podem ser santos, libertadores nacionais, escritores, cientistas etc., e gozarem de influência duradoura, como Marilyn Monroe ou Elvis Presley. Heróis dão esperança, mesmo se nos bastidores nem sempre levem uma vida heroica.

⁸⁰ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. 3 Edição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.p. 37-90.

⁸¹ BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 33.

⁸² PRIORE, Mary Del. **O Castelo de Papel – Uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d’Eu**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

Todavia, heróis também podem se transformar em vilões, pois precisa-se deles para assumirem os papéis de culpados pelos desastres, calamidades, genocídios. Saddam Hussein ou George Bush foram heróis para uns e vilões para outros. Nesta perspectiva – heróis *versus* vilões – há um abismo entre o suprimido, a quantidade de heróis, e a demanda, a necessidade que se tem deles. Esta lacuna é vencida pelos mitos, “histórias que uma cultura particular trata como especiais ou até sagradas, que tem um significado simbólico e nas quais os protagonistas – sejam super-humanos, sejam sub-humanos – são figuras marcantes”⁸³. Ou seja, o personagem é mitificado.

Embora sua origem seja oral, os mitos também circulam e às vezes ganham força nas formas escrita, impressa, na web, nos filmes ou na televisão. O processo de mitificação geralmente ocorre quando as pessoas notam semelhanças entre as ações de um indivíduo particular e um tipo cultural específico, como um líder nacional, ou um santo que já é alvo do mito. Lampião pode ser um exemplo. Por roubar dos ricos, passa a ser considerado ou lembrado como um benfeitor dos pobres, porque é isso que “bandidos bons” fazem⁸⁴. Foi a partir da figura de Delmiro Gouveia, outro exemplo, que foi construído o mito do herói modernizador do sertão. Em sua tese de doutorado, Dilton Cândido Santos Maynard (2008) explorou os usos da memória de Gouveia e como essa colaborou para a criação desse mito. Dentre inúmeros trabalhos produzidos sobre Gouveia, Maynard inclui suas diversas biografias que exerceram papel preponderante em eleger o industrial como símbolo de uma modernidade aparentemente distante da então região Nordeste⁸⁵.

É nas associações e comparações que os mitos vão se formando. São modelos elaborados que circulam oralmente e são enriquecidos pelos detalhes. Muitos traços que são incorporados aos mitos vêm em geral das vidas de heróis mais antigos. Uma comparação entre a vida dos santos católicos revela que eles compartilham biografias similares, quase idênticas. Isso evidencia que as histórias contadas sobre reis e santos já haviam sido contadas antes deles. Tais narrativas são reciclagens características da história oral. Quando atraem, os detalhes são lembrados, quando não atraem, são esquecidos. Dessa maneira o herói é mitificado. Estudiosos podem descobrir que grande quantidade do que é dito, atribuído ou escrito sobre um herói em geral carece de provas confiáveis. Muitos escrevem sobre eles com objetivo de desmitificá-los ou minimizá-los, reduzindo-os à escala humana comum. Uma

⁸³ BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 34, 35.

⁸⁴ Ibidem, p. 36.

⁸⁵ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra**: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980). Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

biografia heroica em geral tem enredo estereotipado. Por isso, Burke aconselha aos que escrevem sobre o heróis que tenham “a devida ‘maturidade psicológica’, a capacidade de admirá-lo consciente de suas fraquezas”⁸⁶.

Analisando a forma como muitas biografias são construídas, Pierre Bourdieu critica os pesquisadores ou biógrafos que tomam esse processo de nascimento, crescimento, predestinação e morte, como um pressuposto para seus métodos e interpretações, chamando tais produções de “ilusão biográfica”. Nesta “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva de um projeto”⁸⁷. A história de vida narrada desta forma “é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico”, acrescenta⁸⁸. Sob esta ótica, o relato do historiador se assemelha a um romance, ou seja, para Bourdieu, quando se fala de história de vida, deve-se levar em conta que a vida é uma história que não pode ser separada do conjunto de acontecimentos de uma existência e que não obedece a uma ordem sistemática.

Essa vida (biografia) é organizada e narrada de forma cronológica, em perspectiva linear, desde origem – duplo sentido, de princípio, de razão de ser –, até seu término, este também com sentido duplo. Ela tem causa, motivo e efeito, consequências advindas das situações pelas quais o objeto passou ou escolhas que fez. Este sentido é criado artificialmente, na medida em que certos acontecimentos são selecionados e apresentados em sequência coerente como se sempre tivessem ocorrido, enquanto outros são omitidos ou reduzidos. Sob este prisma, o biógrafo age como cúmplice interpretando e aceitando esta criação artificial de sentido⁸⁹. É esta forma de construção biográfica que Bourdieu questiona, uma apresentação que é conduzida dando a impressão de que o biografado deveria, no sentido de estar destinado, ter passado por todas as situações descritas em sua narrativa.

A película *O Escritor Fantasma*⁹⁰ (2010) ilustra as observações de Bourdieu. A trama gira em torno do biógrafo (Ewan McGregor), um escritor fantasma, e do ex-primeiro ministro britânico Adam Lang (Pierce Brosnan), o biografado. O escritor fantasma foi contratado para concluir a autobiografia de Adam Lang, que levará os créditos por isso. Em meio a toda aura

⁸⁶ BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.p. 36.

⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 184.

⁸⁸ Ibidem, p. 183, 184.

⁸⁹ Ibidem, p. 185.

⁹⁰ POLANSKI, Roman. **O Escritor Fantasma**. França: Paris Filmes, 2010. Duração: 128 min. aproximadamente. Formato: DVDRip.

de mistério e suspense que envolve o roteiro, o ponto a ser mencionado aqui é que no filme a vida do biografado passa por uma seleção que vai sendo feita por ele mesmo sobre o que deve ou não deve ser relatado. O objetivo é uma “ilusão biográfica”, em que a trajetória de Lang vai sendo descrita como se todos os elementos concorressem para que ele alcançasse um destino glorioso, que atingiu seu clímax quando se tornou primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Para Bourdieu, produzir uma história de vida ou tratar a vida de um indivíduo como história, com relato linear e existência dotada de significado e direção, seria uma “ilusão retórica”, uma representação de uma existência reforçada pela tradição literária, construída conforme o mercado social a que se destina, submetida à manipulação do biógrafo sobre a relação sujeito-objeto⁹¹. Para este sociólogo, uma história de vida deve ser registrada tentando entender as redes de relações sociais, o tempo e o espaço que a cercam, pois não é possível compreender uma vida como uma série única em si, sem considerar todos os envolvidos em sua história no mesmo tempo-espaço, assim como não é possível tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede em diferentes estações. Nesta perspectiva, a biografia precisa reconstituir o contexto onde age o indivíduo ou que age sobre ele⁹².

Conforme Levi, Borges, Lejeune, Levillian, Maurois, Burke, Bourdieu, as biografias são construídas para diversas finalidades, servindo tanto como registro da história, quanto fonte ou objeto de investigação. Elas podem ser dos tipos prosopografia ou biografia modal, biografia e contexto, biografia e casos extremos, e biografia e hermenêutica; ou nas formas de, narrativa pura, testemunho com pretensão de biografia e testemunho puro; ou ainda variarem entre trajetórias de heróis, anti-heróis e impostores, para melhor satisfazerem o público a que se destinam ou os autores que as escrevem. De qualquer maneira ou para qualquer fim, nas reflexões de Bourdieu, o registro biográfico pode se tornar uma ilusão, selecionada, recortada e montada pelo biógrafo como uma vida destinada a um fim surpreendente, se não houver o devido comprometimento com a investigação.

Robert Darnton faz uma crítica semelhante a Bourdieu, mas direcionada ao historiador. No texto *Os esqueletos no armário: como os historiadores brincam de ser Deus*, oitavo capítulo do seu livro *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*, Darnton reflete sobre como a vida de um personagem pode ser selecionada, retalhada em pequenos fragmentos e depois reelaborada conforme a

⁹¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 188, 189.

⁹² *Ibidem*, p. 190, 191.

conveniência do historiador ou biógrafo. As considerações partem de sua experiência ao investigar a vida de Jaques-Pierre Brissot, um dos líderes dos gerundinos durante a Revolução Francesa (1789), mediante artigos e documentos da editora de Brissot, a Société Typographique de Neuchâtel na Suíça, e 119 cartas inéditas escritas por ele⁹³.

Darnton deparou-se com importantes descobertas sobre o papel que o revolucionário desempenhou na indústria editorial. Para sua surpresa, Brissot, a quem admirava, havia sido contrabandista de livros e espião da polícia. Sua maior decepção talvez seja o fato de que tais aspectos de sua vida não tenham sido relatados por seus memorialistas ou estudiosos da Revolução Francesa (1789-1799). Ao examinar como a vida de Brissot foi recortada e selecionada pelos biógrafos, Darnton mostra o quanto o historiador-biógrafo pode comportar-se como agente do destino, brincando de Deus, quando se coloca fora do tempo e cria vida, escavando arquivos e removendo esqueletos dos armários, ou seja, separando e manipulando os fatos conforme o destino que suas escolhas conferem ao personagem.

Mas, até que ponto o recorte e a seleção sobre o que é ou não exposto numa biografia deve ser encarado como manipulação dos fatos? No final de 2013 houve uma polêmica apresentada na mídia brasileira sobre a liberdade de expressão e o direito à privacidade em torno dos textos biográficos, envolvendo a ANEL – Associação Nacional dos Editores de Livros, o sistema judiciário e o grupo Procure Saber. O Procure Saber é um grupo formado por artistas brasileiros que luta para que as biografias não autorizadas sejam submetidas à autorização do biografado ou seus familiares antes de serem publicadas⁹⁴. As bases em que se debruçam o Procure Saber seriam os artigos 20 e 21 do Código Civil que determinam a existência de autorização para a publicação ou uso da imagem de uma pessoa. O primeiro afirma que se a divulgação de escritos, a transmissão, a publicação ou a exposição atingirem a honra, a boa fama, a respeitabilidade ou servirem para fins comerciais, poderão ser proibidas. O outro artigo determina que a vida privada é inviolável⁹⁵.

⁹³ DARNTON, Robert. Os Esqueletos no Armário: como os historiadores brincam de ser Deus. In: **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 183.

⁹⁴ Ver: Entenda a polêmica sobre a proibição de biografias não-autorizadas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/10/entenda-polemica-sobre-proibicao-de-biografias-nao-autorizada.s.html>>, acesso 30/10/2013.

⁹⁵ Ver **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**: “Art. 20. Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais.

Art. 21. A vida privada da pessoa natural é inviolável, e o juiz, a requerimento do interessado, adotará as providências necessárias para impedir ou fazer cessar ato contrário a esta norma”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm> acesso novembro 2013.

A ANEL entrou com uma ação no Supremo Tribunal Federal contra estes dois artigos argumentando que ambos atacam a Constituição Federal que prevê a liberdade de expressão, e que a proibição da publicação de biografias é uma forma de censura. Isso gerou debates nos veículos de comunicação entre a Associação, os cantores Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda, membros do Procure Saber, e intelectuais, sobre os limites entre a preservação da imagem e a exposição pública. Para François Dosse, a biografia funciona como difusor da memória, capaz de redimensionar o legado de um personagem para a história. Essa não pode existir se não há liberdade de pesquisa. Em declaração ao blog Prosa, Dosse disse ter ficado perplexo com a forma como os sistemas de censura brasileiros são impostos sobre os biógrafos, inibindo assim suas produções⁹⁶.

Comentando o ocorrido na seção *Notícias* do site da ANPUH (Associação Nacional de História), o professor Benito Bisso Schmidt, ex-presidente desta Associação, faz um balanço dos envolvidos neste debate – ANEL, biografados, figuras públicas – e os interesses, inclusive econômicos, em torno disso. Sua defesa recai principalmente sobre os trabalhos biográficos acadêmicos. Segundo ele, a biografia, anteriormente considerada um gênero menor pelos historiadores, já que o indivíduo teria participação inexpressiva no romper dos processos históricos, não sofre um retorno, pois o gênero não deixou de ser produzido ou estudado. Ao invés disso, as trajetórias de vida produzidas e estudadas pela academia hoje são diferentes das feitas antes da segunda metade do século XX, posicionando-se no centro do conhecimento histórico. Seu objetivo é apresentar através de evidências a liberdade de atuação dos indivíduos apesar dos empecilhos gerados pelos constrangimentos estruturais. Não se limita a figuras conhecidas ou à elite, mas inclui os considerados subalternos e desviantes. Daí a importância destas biografias continuarem a ser produzidas e com liberdade para investigação⁹⁷. Schmidt se posiciona de forma clara em relação a este problema:

sou contra qualquer forma de censura prévia e a favor da liberdade de pesquisa e divulgação de textos biográficos, mas também sublinho que o biógrafo deve guiar sua atuação a partir de princípios éticos que tenham como horizonte a salvaguarda do biografado de prejuízos materiais e simbólicos⁹⁸.

⁹⁶ François Dosse: 'Não há biografia sem liberdade de pesquisa'. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/10/19/francois-dosse-nao-ha-biografia-sem-liberdade-de-pesquisa-512485.asp>>, acesso outubro de 2013.

⁹⁷ Notícias – A posição da ANPUH diante da polêmica sobre as biografias (05/11/2013). Disponível em: <http://www.anpuh.org/informativo/view?ID_INFORMATIVO=4370>, acesso em janeiro de 2013.

⁹⁸ Idem.

Como escrito no próprio título da notícia – “A posição da ANPUH diante da polêmica sobre as biografias” – a postura de Schmidt é compartilhada pela ANPUH. Comparando esta situação com os comentários de Darnton sobre a narrativa biográfica seletiva, vale ressaltar que em muitos casos, a seleção às vezes precisa ocorrer, porém orientada pelos princípios éticos defendidos por Schmidt. Ao historiador não cabe fazer da intimidade do biografado um espetáculo à parte ou alvo de comentários inescrupulosos. Antes, o interesse é pelo que pode ser extraído da vida do indivíduo que contribua para a compreensão dos processos históricos nos quais ele esteja envolvido.

Os aspectos curiosos sobre a biografia discorridos e o arcabouço teórico e metodológico em torno das narrativas individuais apresentados aqui, tem por finalidade dar sentido às análises feitas sobre os objetos dessa pesquisa, as biografias *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*, escrita por Adolpho Santos, e, *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, escrita por Lauro Góes, ambas sobre Delmiro Gouveia. Neste caso, inicialmente, para compreender o que escreveram é necessário saber quem eles foram.

Capítulo 2

O PATRÃO, O CONTADOR E O EMPREGADO – PROTAGONISTAS

Inúmeros e variados trabalhos foram produzidos sobre Delmiro Gouveia com objetivo de homenageá-lo. Ainda em 1917, após sua morte, artigos de jornais já falavam com honras da sua fábrica de linhas e da hidroelétrica de Angiquinho que ele havia criado. Especialmente a partir da década de 1940, intelectuais sentiram a necessidade de imortalizar a vida e os feitos de Gouveia. Figura de grande importância no cenário da atual região Nordeste, tornou-se conhecido devido aos seus empreendimentos ousados, pioneiros e desenvolvimentistas numa época em que o Brasil não possuía ainda indústrias modernas, com maquinário e empregados padrões que proporcionassem uma concorrência com países que já vinham num processo de industrialização.

Para além das obras literárias, biográficas e cinematográficas, entre os trabalhos acadêmicos, destacam-se as pesquisas de Dilton Cândido Santos Maynard, Arnaldo Cordeiro de Souza Filho, Telma de Barros Correia e Edvaldo Francisco do Nascimento. Em *O Baião das Cores: Delmiro Gouveia e as alternativas para o desenvolvimento da região do São Francisco*, monografia produzida em 1999, Maynard faz uma análise da relação de Delmiro Gouveia com o desenvolvimento da região em torno do Rio São Francisco, a usina hidroelétrica de Angiquinho e a Fábrica, bem como as iniciativas do coronel em utilizar a água do rio para irrigação e a construção de estradas. O trabalho do referido autor discorreu sobre seu papel como empreendedor e pioneiro industrial⁹⁹.

Na tese *O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)*, Maynard reflete sobre algumas das produções referentes a Gouveia e suas apropriações para construção do mito modernizador e uma identidade nordestina. O recorte abrange a década de 1940, quando há uma ampliação das discussões em torno de propostas para o aproveitamento do rio São Francisco, até a década de 1980, período em que um número considerável de obras sobre ele já haviam sido publicadas, apontando-o como “mártir da indústria nacional contra os

⁹⁹ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Baião das Cores: Delmiro Gouveia e as alternativas para o desenvolvimento da região do São Francisco**. Universidade Federal de Sergipe: Campus São Cristóvão, 1999.

trustes estrangeiros”¹⁰⁰. Maynard faz uma minuciosa pesquisa utilizando como fontes artigos de jornais, panfletos, biografias, revistas em quadrinhos, filmes, peças de teatro, imagens, romances e depoimentos.

Maynard publicou também o artigo *O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)*, na revista *Mesters – Special Issue Memory and History, Remembering, Forgetting, and Forgiving*, edição de 2007. Neste texto, o autor analisa como a figura do industrial nordestino aparece nos debates sobre os rumos do Nordeste brasileiro, a partir das impressões que os intelectuais, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Assis Chateaubriand, Oliveira Lima e Graciliano Ramos tinham de Gouveia como exemplo de “redentor” do sertão, para eles uma terra marcada pelo atraso social e econômico, o banditismo e o fanatismo religioso¹⁰¹.

Além dos estudos citadas, no trabalho monográfico publicado em 2006, de Arnaldo Cordeiro de Sousa Filho, *As várias peles de um Coronel: as biografias sobre Delmiro Gouveia*, o autor compara cinco produções biográficas sobre o personagem. As três primeiras são chamadas de biografias fundadoras, os primeiros registros publicados sobre o industrial: “*Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista*” (1963), do cearense Francisco Magalhães Martins; “*Quem foi Delmiro Gouveia?*” (1967), escrita por Mario Mota; e “*Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso*” (1963) de Tadeu Rocha. As outras duas, são consideradas obras recentes: “*Delmiro Gouveia: desenvolvimento com impulso de preservação ambiental*” (1998), de Frederico Pernambucano de Mello, e “*Delmiro Gouveia*” (2001), escrita por José Aírton de Farias. A pesquisa de Sousa Filho apresenta um panorama das obras, como o biografado era visto por estes escritores e aponta similaridades e divergências entre eles. O objetivo destes textos, conforme constatado por Sousa Filho, foi promover a imagem de um progressista, o homem que se antecipou em contribuir para o desenvolvimento do sertão nordestino¹⁰².

A tese da arquiteta Telma de Barros Correia, *Pedra: plano e cotidiano empregado no Sertão. O projeto urbano de Delmiro Gouveia* (1995), concentra-se na figura do empresário e na infraestrutura da Pedra. Além das discussões sobre o planejamento urbano, as edificações da fábrica e da hidroelétrica, bem como a distribuição das casas na vila operária, a autora

¹⁰⁰ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.p.7.

¹⁰¹ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O “modernizador dos sertões”: intelectuais brasileiros e as memórias de Delmiro Gouveia. In: **Mesters – Special Issue Memory and History, Remembering, Forgetting, and Forgiving**. University of California, Los Angeles. XXXVI, 2007. p. 123-145.

¹⁰² FILHO, Arnaldo Cordeiro de Sousa. **As várias peles de um Coronel: as biografias sobre Delmiro Gouveia**. Universidade Federal de Alagoas: Campus Palmeira dos Índios, 2006.

apresenta outros fatores que levaram ao sucesso de Delmiro Gouveia, como privilégios junto a políticas locais, sonegação de impostos, parcerias com coronéis, subornos a funcionários públicos, além do uso da violência e da coerção. Barros questiona também as estratégias do industrial para submeter seus funcionários e os habitantes de Pedra¹⁰³.

Edvaldo Francisco do Nascimento publicou recentemente o livro *Delmiro Gouveia e a Educação na Pedra* (2013). Nascimento enfoca suas reflexões no sistema educacional criado por Gouveia para atender às necessidades dos moradores do povoado e dos funcionários da Fábrica. Seus trabalhadores obrigatoriamente deveriam matricular e manter seus filhos na escola sob a pena de demissão da indústria. Havia também educação disponível para adultos¹⁰⁴. Delmiro era tão rígido neste sentido, quanto em tantos outros, que o boletim escolar das crianças contendo boas notas era apresentado como ingresso para assistir às seções do cinema em Pedra ou participar das feiras e eventos locais.

Além dos trabalhos citados, podem ser encontrados na web cerca de vinte cinco artigos sobre o “senhor da Pedra”¹⁰⁵ que abordam seus vários aspectos: o empreendedor, o industrial, o educador, o civilizador, o pioneiro, o higienista, dentre outros. Esta breve menção de tais produções justifica-se para explicar a escolha por uma análise biográfica para esta pesquisa. As obras acadêmicas apresentadas debruçam-se em questões que envolvem as produções dos memorialistas, porém, focadas na personalidade de Delmiro e no homem empresarial, sem qualquer discussão sobre os biógrafos. Mesmo a monografia de Sousa Filho, que compara cinco narrativas biográficas sobre Gouvia, enfatiza a forma como os memorialistas analisados trabalham os aspectos do personagem tidos como progressistas. Nenhuma das obras verificadas debate sobre as construções das trajetórias de vida do empresário. Devido a isso, este trabalho se propôs a fazer uma análise biográfica de duas narrativas sobre o personagem, considerando seus autores, as relações existentes entre eles, o objeto e seus contextos, e suas contribuições para o conhecimento histórico. Porém, para compreender melhor o cerne desta pesquisa é necessário conhecer os protagonistas da trama: *O patrão, o contador e o empregado*.

¹⁰³ CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

¹⁰⁴ NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Delmiro Gouveia e a Educação na Pedra**. Maceió: Viva Editora, 2013.

¹⁰⁵ Título alcunhado por Dilton Maynard em sua tese de doutorado. Sobre isso, ver: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

2.1. DELMIRO GOUVEIA: O PATRÃO

Negociador ousado, empreendedor corajoso, de pulso firme, elegante e sedutor, sua fama circundou todo o Nordeste de 1895 a 1917. Delmiro Gouveia era considerado pelos que o conheceram e posteriormente por seus memorialistas como “modernizador do sertão”, “rei das peles”, “bravo caboclo nortista”, “coronel dos coronéis”¹⁰⁶. Inspirado pela visita que fez à Exposição Universal de Chicago, em 1893, Gouveia idealizou e dirigiu o *Mercado do Derby* (1898-1900), no Recife. Surpreendente, o estabelecimento tratava-se de um grande centro comercial e de lazer, inédito devido a sua iluminação elétrica, com 18 portões, 120 janelas e persianas, e 264 boxes de hortaliças com balcões de mármore. Estendia-se por 129 metros de comprimento e 28 metros de largura. Próximo ao rio Capibaribe, havia ao lado do Derby um hotel que fazia parte deste centro, que dispunha ainda de carrosséis, barracas de prendas, teatro, regatas e um velódromo para ciclismo. O Derby era visto por alguns como uma versão pioneira no Brasil de um shopping center¹⁰⁷.

Na cachoeira de Paulo Afonso/BA, Gouveia criou na queda de Angiquinho (1913) a primeira usina hidroelétrica do Brasil. Em 1914 fundou uma fábrica de linhas de coser também pioneira, na Vila da Pedra, em pleno sertão alagoano, atualmente município Delmiro Gouveia, a 304 Km de Maceió. A vila operária construída para abrigar os funcionários da fábrica, era composta de 250 casas de alvenaria, com água encanada e luz elétrica que passavam por constante inspeção sanitária. Em Pedra estabeleceu também escolas, cinema, carrossel, tipografia, cassino e pista para patinação. Seus empregados tinham uma jornada de trabalho de 8 horas e uma folga semanal. Abriu estradas e fez pleno uso da palma como ração para alimentar bovinos e caprinos.

Filho do cavalariano Delmiro Porfírio de Farias, o “Belo de Farias”, e de Leonilda Flora da Cruz Gouveia, Delmiro Augusto da Cruz Gouveia nasceu em Ipu, Ceará, em 5 de junho de 1863. Mudou-se para Recife ainda pequeno, após a morte do pai na Guerra do Paraguai (1864-1870). Com o falecimento da mãe, em 1877, ingressou no mercado de trabalho entre seus 14 ou 15 anos de idade. Foi tipógrafo, cobrador na Brazilian Street

¹⁰⁶ Cf. JÚNIOR, Félix Lima. **Delmiro Gouveia o Mauá do Sertão Alagoano**. Coleção Vidas e Memórias. Maceió: Grafitec, 2ª Ed. 1983; MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: FUNDAJ, 1963; ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia – o pioneiro de Paulo Afonso**. Recife: UFPE, 3ª Ed. 1970; SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público**, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 9-43.

¹⁰⁷ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O coronel dos coronéis – A incrível vida de Delmiro Gouveia, audacioso mártir da indústria nacional**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/o-coronel-dos-coroneis>>, acesso novembro 2011.

Railways Company, mascate e despachante de barcaças no Cais de Ramos. Ingressou no negócio de peles (bodes, carneiros, etc.) e mais tarde fundou em 1896 a empresa Delmiro & Cia, tonando-se o único exportador de peles do atual Nordeste para os EUA.

Sua residência, o “palacete de Apipucos”, como se referiu Adolpho Santos à Vila Anunciada, nome dado ao lugar em homenagem a sua esposa, Anunciada Cândida Falcão, com quem se casou em 28 de agosto de 1883 na cidade de Pesqueira, interior de Pernambuco, era um luxo. Adornada seguindo a moda europeia foi cenário para festas e jantares. Elegante, ditou moda no Recife com os famosos “colarinhos Delmiro Gouveia”¹⁰⁸. Vestia-se costumeiramente de branco, perfumado, com chapéu e bengala. Mesmo na Vila da Pedra no sertão de Alagoas, sua imponente figura era reconhecida à distância pelos empregados de sua fábrica ou moradores da vila devido à sua vestimenta impecavelmente branca e seu perfume marcante. Sua reputação de sedutor seguia-o de perto. Tinha por costume enviar rosas e bilhetinhos apaixonados às amantes.

De origem simples e pouca escolaridade, Gouveia acumulou riqueza apostando em negócios arriscados e desafiando a concorrência, chegando a ser nomeado presidente da Associação Comercial do Recife. O mercado do Derby, por exemplo, conseguiu do prefeito José Coelho Cintra (1843-1939) isenção de impostos, o que possibilitou a comercialização dos produtos com preços mais baixos, aumentando o lucro do “rei das peles”. Isso gerou inimizade com outros comerciantes e políticos como o governador Segismundo Gonçalves (1845-1915) aliado político do conselheiro Francisco Rosa e Silva (1857-1929), a quem supostamente Delmiro havia agredido certa vez a bengaladas, na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. A rixa culminou com o incêndio do Derby em 2 de janeiro de 1900 e a prisão de Gouveia, acusado de destruir o mercado para beneficiar-se do seguro. Inocentado das acusações, foi solto. Com problemas conjugais devido a sua constante infidelidade, o “rei” partiu para a Europa ficando por lá cerca de um ano¹⁰⁹.

Ao retornar, sua esposa havia abandonado a casa, indo para Pesqueira. Falido, envolveu-se com a menor Carmélia Eulina do Amaral Gusmão – com quem posteriormente teve três filhos – enteada de Segismundo Gonçalves, despertando a fúria do político. Alguns biógrafos teriam chamado a relação do negociante com Eulina de “vingança de saias” aplicada ao governador. De acordo com Tadeu Rocha, no dia 20 de fevereiro de 1902, Eulina fuge de sua residência junto com Delmiro e os dois moram por vinte dias na Usina Beltrão, de propriedade do industrial. Isso gerou um escândalo no Recife e o empresário foi acusado

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: FUNDAJ, 1963

judicialmente por crime de rapto e sedução de menor. O desfecho foi a fuga de Gouveia para Maceió, estabelecendo-se depois na cidade de Água Branca sob a proteção das famílias Torres e Luna, com Eulina indo em seguida. Em 1903, transfere-se para a Vila da Pedra onde empreende sua “obra civilizadora do sertão”, epíteto dado pelos seus memorialistas aos empreendimentos de Delmiro no lugar: a vila operária, a hidroelétrica de Angiquinho e a Fábrica de Linhas¹¹⁰.

Em Pedra, Delmiro era também “o coronel dos coronéis”, segundo Adolpho Santos. O negociante se encaixava bem no papel: proprietário de terras, construtor de estradas e escolas, aliado de governadores como Euclides Malta (1861-1944) e Joaquim Paulo Malta (1857-1913), e dos coronéis Ulisses Luna e Manoel Rodrigues da Rocha¹¹¹. Gouveia seria uma espécie de coronel “evoluído”, conforme as observações de Victor Nunes Leal (1975) sobre o fenômeno. Para ele o coronelismo não acabou em 1949, mas foi adaptando-se com a expansão do urbanismo, com as massas rurais que saíram do campo rumo a cidade, com as modificações nos meios de comunicação e com as novas lideranças que iam se estabelecendo em torno das indústrias, dos comércios e das profissões liberais. Nesta perspectiva, o coronel seria o doutor e a fazenda a fábrica¹¹². Desse modo, Delmiro se enquadra nesta descrição de Leal, pois, embora não fosse doutor, nas décadas de 1900 e 1910 foi em Pedra o coronel fazendeiro e o *patrão*, dono da fábrica.

Para além dos empreendimentos pioneiros do industrial, Telma de Barros Correia (1995) aponta o fato de que as alianças políticas, associações com coronéis locais, subornos, sonegação e violência foram fatores que contribuíram para a ascensão de Gouveia. Barros lembra que é preciso distinguir o mito da história. Segundo ela, em contraste com as importantes realizações de Gouveia para a atual região Nordeste e seu aspecto progressista e moderno, ele mantinha o controle social sobre os empregados da fábrica de forma autoritária, impondo castigos e humilhações no tronco, uma herança da escravidão. Também firmava compromissos com as oligarquias locais do período e associava-se com capitalistas norte-americanos e italianos¹¹³.

Gouveia morreu assassinado em 17 de outubro de 1917 em seu chalé, próximo a sua fábrica. Caso ainda não solucionado, especula-se que tenha sido vítima de coronéis da região ou que sua morte tenha sido encomendada pelo Machine Cottons, grupo inglês concorrente da

¹¹⁰ ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia** – o pioneiro de Paulo Afonso. Recife: UFPE, 3ª Ed. 1970. p. 69-82.

¹¹¹ Manoel Rodrigues da Rocha foi pai do biógrafo Tadeu Rocha. Cf. ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia** – o pioneiro de Paulo Afonso. Recife: UFPE, 3ª Ed. 1970

¹¹² LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5 ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986. p. 26.

¹¹³ CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

fábrica de Delmiro que havia se empenhado ferrenhamente pela compra de sua indústria. Por tudo que realizou, o industrial é lembrado como alguém que rebateu uma ideia prevalecente no resto do Brasil da época, de que a então região Nordeste, especialmente o sertão, era atrasado, incivilizado e refúgio de desordeiros. Alguns anos após sua morte, seu legado despertou o olhar para políticas que discutissem opções de modernização, industrialização e usos do rio São Francisco como fonte de energia e irrigação. O coronel vestido de branco virou mito, símbolo da modernização, vítima do “atraso sertanejo” e do capital estrangeiro. Sua vida e obra podem ser encontradas nas páginas de suas biografias ou em acervos pelas regiões que mais sentiram sua influência: Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe.

2.2. O CONTADOR: ADOLPHO SANTOS

O segundo protagonista é Adolpho Santos, biógrafo de Delmiro Gouveia, aqui chamado *o contador*. Filho de Francisco Xavier dos Santos, um negociante de peles e algodão no Cais de Ramos, e Jovelina de Brito Santos, nasceu em Pesqueira em 22 de maio de 1881 e morreu em janeiro de 1970 em Recife¹¹⁴. Santos teve uma relação achegada com Delmiro. O conheceu no bairro de Apipucos, quando era um “estudante pobre” e Gouveia já havia se tornado o “rei das peles”. Chegou a morar com o casal Gouveia e foi na Vila Anunciada que conheceu sua futura esposa Laura de Gouveia Santos, por volta de 1897, sobrinha de Delmiro, filha de sua irmã Maria Augusta da Cruz Gouveia de Carvalho¹¹⁵. Em 1908, quando *o patrão* já estava bem estabelecido na Vila da Pedra/AL, para onde havia fugido anos antes de inimigos políticos na capital pernambucana, Santos e sua família se mudaram para lá, onde trabalhou como contador da empresa Iona & Cia (fundada em 1907), pertencente a Delmiro e a Lionelo Iona, e mais tarde foi gerente da Companhia Agro-fábrica Mercantil (fundada em 1912) e administrador da Fábrica da Pedra (1914)¹¹⁶.

Em 1947, Santos escreveu *Delmiro Gouveia (depoimento para um estudo biográfico)*. Uma pequena biografia sobre a vida e obra de Delmiro Gouveia que somou quarenta e três páginas quando foi publicada em dezembro de 1994 pela Revista do Arquivo Público, V. 41, Nº 45. O documento original foi enviado ao Arquivo Público Estadual Jordão Emericiano, em

¹¹⁴ As informações sobre Adolpho Santos contidas neste texto foram fornecidas por suas netas Maria Laura Menezes, Francina Menezes de Aguiar, Maria de Lourdes da Cunha Bandeira (irmã de Gilberto Fernandes da Cunha) e seus bisnetos Flávio Menezes de Aguiar e Letícia da Cunha Bandeira, em depoimentos para esta pesquisa feitos entre fevereiro e março de 2014. Outras informações pessoais advêm da própria narrativa de Santos.

¹¹⁵ SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994**. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 14, 15.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 27, 28.

Recife, no dia 23 de junho de 1993 por Gilberto Fernandes da Cunha, neto do autor¹¹⁷. Atualmente, um exemplar desta revista encontra-se disponível no CEHIBRA – Centro de Estudos de História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade, da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas, também em Recife.

O relato de Santos compreende desde o nascimento do industrial até o período que o biógrafo passou na Vila da Pedra (1908-1927). Trata-se de um texto curto, mas que abrange aspectos importantes da vida do biografado e alguns outros fatos da vida de Santos, visto que sua narrativa também contém descrições autobiográficas. Foi escrita em ordem cronológica e linear, concentrando-se principalmente no Delmiro empresário, negociante, industrial. Sob alguns aspectos, Santos não foge ao costume de outros biógrafos ufanistas do negociante, chamando-o de “herói de muitas vitórias”, “indomável Delmiro”, “bravo caboclo nortista”, “bandeirante moderno”, entre outros epítetos¹¹⁸.

2.3. LAURO GÓES: O EMPREGADO

O *empregado* nesta análise é o terceiro e último protagonista estudado, Lauro Alves de Campos Góes. Filho de Manoel Alves de Campos Góes, um ex-fiscal do governo de Pernambuco, conhecido de Gouveia, nasceu em Triunfo/PE a 26 de julho de 1897 e faleceu em 24 de setembro de 1979, em Recife. Trabalhou na Fábrica da Pedra entre 1914 e 1917, sendo deste período os seus relatos. Após sair da fábrica, foi também contador, colunista da “Folha do Povo”, um jornal pernambucano, e militante comunista, dirigente municipal do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Em 1936, Góes foi preso e condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional por atividades consideradas subversivas¹¹⁹. Como Santos, sua produção oscila entre a biografia de Delmiro e relatos autobiográficos. Repleto de histórias isoladas, conectadas ou não, sobre pequenos acontecimentos na Vila da Pedra no período em que lá permaneceu, seu texto abrange desde a forma como o “coronel dos coronéis” negociava, ao tratamento dado aos funcionários, à população, etc, sem, contudo, obedecer a uma cronologia linear ou sequencial.

¹¹⁷ Ibidem, p. 43.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Cf. Dossiê sobre Lauro Góes incluindo ficha técnica, recortes de jornais e uma biografia sobre Delmiro Gouveia escrita por este, elaborado por Paulo Calvacanti e doado a Fundação Joaquim Nabuco em 03 de maio de 1986. PC CEp 3 doc 46 / PIp 1doc 2.

O manuscrito, *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*¹²⁰ foi escrito por Lauro Góes a pedido do amigo e escritor Paulo de Figueiredo Cavalcanti, mas nunca publicado. Trata-se de um documento inédito, doado por Cavalcanti ao CEHIBRA da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas (FUNDAJ) em 1986 junto com outros documentos de autoria de Góes. Não há como saber com precisão quando estas *Recordações* foram feitas. O biógrafo data o texto como sendo de 1962. Porém, a terceira lauda é uma nota esclarecendo que Gouveia não mantinha plantação de algodão, datada pelo autor de 1973. Da quadragésima primeira à quadragésima sétima lauda, parte em que o biógrafo transcreve trechos de uma biografia de Delmiro Gouveia escrita por Hildebrando Menezes, são datadas de 1971. Já um artigo de jornal encontrado nos arquivos de Delmiro Gouveia nesta instituição, descrevendo os documentos doados à fundação por Paulo Cavalcanti, afirma que a biografia foi escrita em 1977¹²¹.

Distinta das demais produções examinadas, o texto do *empregado* é rico em detalhes e dados, englobando fatos do cotidiano da fábrica, da vila operária e do povoado da Pedra, informando sobre funcionários, engenheiros, jagunços, coronéis, dentre outros. As vidas destes três personagens se cruzam quando passam a conviver simultaneamente no mesmo tempo e espaço, de 1914 a 1917. Delmiro chegou ao povoado da Pedra em 1903, Santos em 1908 e Góes em 1914. Em 1917 Góes deixa a fábrica e Delmiro é assassinado, Santos volta para Recife em 1927. É sob este contexto que mais tarde estes funcionários registram a história de vida do empresário e suas experiências.

2.4. ENQUADRANDO O PATRÃO, O CONTADOR E O EMPREGADO

Quem são estes biógrafos, o que descrevem e por quê? Quando Adolpho Santos e Lauro Góes registraram a história de vida de Delmiro Gouveia, bem como alguns aspectos de suas próprias vidas, seus objetivos passaram longe de tentar realizar uma descrição nos moldes acadêmicos ou à maneira dos jornalistas. Aparentemente eles não se preocuparam em obedecer algum tipo, forma ou modelo biográfico. O contexto não foi o foco dos seus relatos, nem tinham por meta apresentar as tensões sociais de uma época através de uma trajetória individual. As primeiras teorias formuladas em torno das narrativas individuais apareceram no

¹²⁰ O texto de Lauro Alves de Campos Góes foi escrito com esferográfica em papel pautado. Embora Góes tenha numerado as laudas, estas foram renumeradas para citação neste trabalho durante a análise do documento, pois o autor não numerou todas as folhas.

¹²¹ O documento é um recorte de jornal com uma nota intitulada “Paulo Cavalcanti faz doação de importantes documentos”. Não há indicação de qual seja o periódico ou a data da notícia. Cf. Delmiro Gouveia, DG Jp. 2, Doc. 10. Disponível no CEHIBRA da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas.

cenário científico em fins dos anos 1970 e as explicações mencionadas datam dos últimos 20 anos. Período bem distante das décadas de 1940, 1960 ou 1970, quando Santos e Góes escreveram seus textos.

Apesar disso, uma comparação entre as novas explicações para a biografia e os registros biográficos aqui discutidos pode ajudar a compreender estas trajetórias e utilizá-las como explicações históricas. Neste sentido, a sugestão de Pierre Levi sobre procurar conhecer a perspectiva dos observadores (biógrafos) e suas redes de sociabilidade é bastante pertinente para entender a maneira como as vidas de Delmiro Gouveia, Adolpho Santos e Lauro Góes se entrelaçam, as relações sociais e de poder que estabeleceram, como se definiam ou reconheciam. Levi falou sobre os tipos de biografia: prosopografia, biografia e contexto, biografia e os casos extremos, e biografia e hermenêutica¹²². Com base nas definições sobre essas, o modelo *biografia e contexto* poderia se encaixar sem dificuldades nos textos de Góes e Santos, pois ambos fazem uma apresentação do contexto de Gouveia inserindo-se nele:

Este depoimento biográfico é escrito no Recife, onde, depois de longos anos de ausência vim matar saudades e avivar lembranças. Visitei também o Derby. Foi grande o meu justificado espanto! Percorri uma cidade moderna nascida do nada que houvera ali. Assim é o bairro do Derby, pontilhado de residências elegantes entre o renque de árvores ornamentais, em derredor do parque soberbo, surgindo diante de mim como um reino de fadas. A arquitetura estilizada deste bairro contrasta com os casarios velhos, antiquados, que ainda se espalham pelo centro urbano do Recife, que perde com isso muito de sua graça natural¹²³.

[...]

Para quem viu, como eu vi, a meio século atrás. Aquele descampado Derby quando o seu primeiro construtor pisou as suas terras úmidas – campo coberto de capim e servindo de pastagem a animais vagabundos – e que os olhos surpresos vêem agora todo o esplendor do luxo e da correção arquitetônica, não pude conter espanto igual ao que senti. E neste estado de ânimo, como esquecer Delmiro, o seu desbravador, o pioneiro dessa obra? Impossível!¹²⁴

Na descrição acima, feita por Santos do mercado do Derby, fica evidente a apresentação do contexto, seu diálogo com o tempo em que viveu em Recife com Delmiro, o

¹²² LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 173-178.

¹²³ SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994**. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 15.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 16.

que era aquele estabelecimento naquela época e o que se tornou quando o revisitou na década de 1940, quando escreveu seu *Depoimento*. Uma descrição similar é feita por Góes:

As pequenas embarcações vindas de Pirapora-Minas a Juazeiro-Bahia terminavam o seu itinerário em Jatobá de Tacaruna, onde existe ainda resto de um pequeno “cais” para desembarque de passageiros e mercadorias. De Jatobá para Piranhas – hoje Floriano Peixoto – o rio não é navegável devido a existência das cachoeiras de Paulo Afonso [...] Nós havíamos tomado banho naquela parte do rio¹²⁵.

Ao falar sobre o trajeto do rio São Francisco que corta as cidades acima mencionadas, Góes refere-se tanto ao período do qual trata o seu texto (1914 a 1917), quanto ao momento em que registrou a história de Gouveia (entre as décadas de 1960 e 1970). Expressões como “ver como eu vi” e “vêm agora”, usados por Santos, e, “onde existe ainda”, mencionada por Góes, mostram que os autores estão intimamente relacionados ao seu tempo, espaço e meio social, promovendo um constante diálogo temporal nos textos conforme evidenciado nos excertos. Não é possível dissociá-los ou entendê-los sem estes aspectos. Embora os objetivos destes ex-funcionários de Gouveia ao registrarem sua vida não tenham sido utilizar o personagem para reconstituir um contexto, seus trabalhos permitem analisar este aspecto na medida em que se pode apreender características da sociedade e do cotidiano deste período ao longo dos seus relatos.

Phillipe Lejeune categoriza como *testemunho puro* a biografia produzida por um biógrafo que conheceu e participou da vida do personagem, motivada por laços afetivos¹²⁶. Pensando dessa forma, os textos de Santos e Góes poderiam ser indicados como testemunho puro mesmo que eles não tenham tido essa pretensão do ponto de vista teórico. Isso é possível devido a duas situações, a relação existente entre os sujeitos (biógrafos) e o objeto (biografado), e a natureza da narrativa. Na primeira situação havia laços de afetividade que os uniam. Lauro Góes era filho de um amigo de Gouveia. Adolpho Santos além de amigo era parente, foi casado com sua sobrinha. Os três também mantinham uma relação profissional, Góes e Santos eram funcionários da Fábrica pertencente a Delmiro. Na segunda, a narrativa apresenta elementos autobiográficos e os autores afirmam construir os relatos a partir de suas experiências. Os laços de afetividade entre Gouveia e Santos e os elementos autobiográficos

¹²⁵ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. 1962-1973. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p.19.

¹²⁶ LEJEUNE, Phillipe. Apud, BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 213, 214.

de seus registros são percebidos nos trechos a seguir, em que o autor de *Depoimento* conta como conheceu o industrial e sua sobrinha:

Nesta situação mais ampla para a dilatação da sua energia de trabalhador incansável e de comerciante experto, acumulou a grande fortuna que lhe assegurou fastígio, a ostentação de luxo e de conforto; o prestígio no seio da classe; o destaque no meio social; o prazer de gozar o renome dos seus triunfos. Era a quadra culminante dos seus primeiros embates – quando em Apipucos nossas vidas se ligaram em íntimo contato, aquela atração do estudante pobre pelo amigo milionário¹²⁷.

[...]

Para encarregar-se da administração e zelo de sua rica residência, mandou chamar a sua irmã, Maria Augusta, que enviuvara e estava morando em Fortaleza, – a cidade arejada e atraente, a capital do Ceará, geométrica no seu traçado como um tabuleiro de xadrez.

Com essa respeitável senhora, chegaram também os seus dois filhos. Osvaldo, menino vivo e curioso, e Laura, já adolescente morena bonita de grandes olhos negros.

Alegrei-me com a presença de novos companheiros que a sorte mandava para o meu convívio como um presente do céu [...]¹²⁸.

Circunstâncias semelhantes, que denotam o grau de intimidade existente entre Góes e Gouveia, estão presentes na descrição que aquele faz sobre como foi trabalhar na fábrica de linhas:

No início de 1914, em uma das visitas feitas pelo nosso genitor a Delmiro, falou com ele para nos colocar na Fábrica de Linhas. Assim concedido, disse que nos mandasse vê-lo.

Em um sábado, rumamos à Pedra, como visita, para conhecermos o meio em que iam passar a viver. Fomos hóspedes de Delmiro¹²⁹.

Além disso, pode-se acrescentar que o *Depoimento* de Santos e as *Recordações* de Góes oscilam entre uma “ilusão biográfica”, segundo Pierre Bourdieu¹³⁰, e um exercício da memória, se considerado as explicações de Henry Rousso¹³¹ e Sabina Loriga¹³². A vida de

¹²⁷ SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público**, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 14.

¹²⁸ Ibidem, p. 15.

¹²⁹ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / PIP 1doc 2. p. 8.

¹³⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 185.

¹³¹ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167, 168.

Delmiro foi organizada e contada em etapas: início, meio e fim, de forma a ter uma finalidade. Os acontecimentos foram selecionados em ordem cronológica, recortados e montados conforme direcionados pelos narradores. Santos optou por uma cronologia linear e um sentido para a vida do personagem, visto por ele como o agente de uma “obra civilizadora do sertão”. Góes escolheu selecionar os fatos que mereciam serem registrados. Ambos tinham profunda admiração por Gouveia e suas obras, conforme pode ser percebido nos seus textos.

Seus testemunhos ou suas memórias concordam na maior parte do que dizem, mas também apresentam algumas poucas divergências sobre fatos indiferentes. Para Loriga, um mesmo relato pode ser contado de maneiras diferentes por diferentes testemunhas, de acordo com o modo como absorveram o fato. Nestes casos é perceptível a ação da memória sobre os autores que constroem explicações ou descrições para os acontecimentos, mediante a forma como compreendiam o personagem ou conforme o impacto que tais circunstâncias tiveram em suas vidas. Elas são individuais e coletivas, quando os fatos narrados foram compartilhados. Por exemplo, ao falar sobre uma agressão sofrida por Delmiro numa viagem de trem de Piranhas para Pedra, da qual o mesmo se defendeu com um punhal, o *contador* diz que o maquinista havia parado para comer melancia¹³³. O *empregado* por outro lado, afirma que o trem desta linha “nunca” parava para que o maquinista ou os passageiros comessem frutas.

Sobre a inimizade entre Delmiro Gouveia e Rosa e Silva (1856-1929), Góes disse ter escutado do próprio *patrão* que não tinha agredido o Vice-Presidente, como escreveram seus demais biógrafos:

Diversas vezes, ouvimos [i.é. ouvi] Delmiro afirmar, em conversa com o Cel. Aureliano de Menezes e nosso [i. é. meu] genitor, que não bateu com a bengala no Conselheiro Francisco de Assis Rosa e Silva, Vice-Presidente da República. Apenas o ameaçou levantando-a¹³⁴.

Santos, no entanto, declarou:

Delmiro foi vítima desse conceito rigorista.

¹³² LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 11-37.

¹³³ SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994**. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 16.

¹³⁴ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p. 9.

E foi por isso que aconteceu o povo do Rio de Janeiro assistir, estarecido, em plena rua do Ouvidor, na hora em que regorgitava de transeuntes, a cena memorável da agressão de que o valoroso negociante e industrial, a par de político militante, foi autor contra o conselheiro Rosa e Silva¹³⁵.

Entretanto, ambos concordam quando descrevem uma prisão sofrida pelo coronel numa viagem a Jatobá de Tacaruna/PE – atual Petrolina – por um militar a serviço de políticos pernambucanos, ou quando falam que o cinema da Pedra tinha prédio próprio e não um dos espaços da fábrica, como disseram outros escritores. Exceto por alguns poucos relatos, as narrativas de Santos e Góes não são contraditórias ou excludentes, mas ao invés disso complementares. O que difere suas construções textuais são o enfoque que dão a elas e a forma como são escritas em virtude disso.

Enquanto Góes relata acontecimentos isolados tanto de Delmiro quanto das pessoas em seu entorno (funcionários, familiares, coronéis etc.), numa sucessão de micro histórias, limitando-se aos espaços Vila da Pedra e fábrica, Santos se direciona para a vida e a obra do rei das peles, do nascimento até depois da sua morte, quando as máquinas da fábrica foram destruídas, descrevendo entre outras coisas, a Vila Anunciada em Recife, a Casa Grande em Pedra, a relação de Gouveia com sua esposa Anunciada Cândida, a suposta amante italiana quando em viagem para Nápoles, o rapto de Eulina (resumidamente), suas relações com os americanos e os planos para trazer energia elétrica à capital de Pernambuco. Todos esses frutos das memórias dos autores.

Para Santos, seu patrão era um homem de passos medidos, calculados e acertados, mesmo quando suas atitudes eram repressivas ou tirânicas. Isso é percebido na apresentação que faz das normas impostas pelo industrial aos moradores da vila operária, construída por ele para abrigar os trabalhadores da fábrica, que o autor chama de “medidas moralizantes”:

Os homens, mesmo sendo os chefes da família, não podiam permanecer em casa de chapéu ou de peito nu, sem camisa; as mocinhas não deveriam fumar – principalmente o repugnante cachimbo de barro das viciadas sertanejas; não deveriam ser toleradas as danças, a não ser em dias determinados e no largo salão do edifício do cinema, sob fiscalização cuidadosa e cortês. Eram punidos aqueles que fossem encontrados em idílios amorosos em lugares escusos; puniam-se também os praticantes de jogos de azar e os bebedores inveterados. Estes e outros preceitos, medidas moralizadoras que condissessem com os bons costumes, eram impostas pelo Chefe que não admitia fossem prevaricados¹³⁶.

¹³⁵ SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994**. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 17.

¹³⁶ Ibidem, p.38.

Ao mesmo tempo em que este memorialista defende a “medida”, o que resultava para ele em ordem e disciplina, omite detalhes sobre a vida promíscua que o coronel levava em contradição ao que impunha aos seus subordinados. Góes, ao contrário disso, fala do comportamento de Delmiro neste sentido sem qualquer receio:

Na sua “Casa Grande”, ou no “Chalé” construído fora do arame, onde passou a viver, até seu assassinato, sempre havia uma “francesa” vinda do Recife, como as chamavam os moradores e empregados da Pedra, que sempre eram “vezadas”¹³⁷.

Depoimento e Recordações foram escritos por duas finalidades comuns a ambos, segundo afirmações destes biógrafos em suas obras: fazer uma denúncia e contar a verdade. A trajetória escrita por Adolpho Santos é fruto de ressentimento junto à destruição das máquinas da fábrica de linhas pela Machine Cottons (1929), doze anos após a morte de Gouveia, considerada por ele um descaso e abandono da “obra” do “modernizador do sertão” por parte dos seus herdeiros e do Governo. Isso o motivou a escrever a história de vida de Delmiro no intuito de tornar público seus feitos e “a verdade” sobre ele:

O concatenador destes dados biográficos teve ensejo de denunciar e profligar o triste fato pelas colunas dos jornais, em duas oportunidades, – nas páginas do O NORTE, de Parnaíba, no Piauí, quando lhe chegou a notícia da consumação do crime, e depois em entrevista concedida a O RADICAL, do Rio de Janeiro. Infelizmente já era tarde para qualquer providência nacionalista e coercitiva do Governo capaz de punir este dano inominável; mas, ao menos ficou em paz com sua consciência depois de ter clamado no deserto da inocuidade¹³⁸.

[...]

Aqui chegamos nós, meu caro leitor, ao ponto em que julgo ter cumprido o plano de exposição que me tracei sobre a vida e a obra de Delmiro Gouveia [...] Tenho possibilidade de contar as coisas com a exatidão que deve prevalecer¹³⁹.

Góes também afirma contar “a verdade” sobre Delmiro em relação a acontecimentos que outros biógrafos do negociante deixaram passar:

¹³⁷ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p. 16.

¹³⁸ SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994**. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 39, 40.

¹³⁹ Ibidem, p. 40, 41.

Aceitamos a sugestão de Paulo. Porém, como guardamos estes – rascunhos – apenas para reviver sempre um passado de nossa vida e acontecimentos que os biógrafos de Delmiro deixaram passar “despercebidos”, uns por desconhecê-los e outros, talvez, para não ferir melindres – que justificamos e respeitamos¹⁴⁰.

Delmiro Gouveia era uma espécie de herói para estes seus dois funcionários. Afinal, como lembrou Peter Burke¹⁴¹, todos precisam de heróis. Eles servem como identidade regional, cultural, social, modelos de virtude a serem seguidos, quer no comportamento, quer nas atitudes. Em *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*, Santos refere-se a ele como “bravo caboclo nortista”, “bandeirante moderno”, “coronel dos coronéis”, “indomável Delmiro”, “civilizador dos sertões”. E no texto *Recordações de um passado bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, Góes apresenta aos leitores um padrão paternalista, que cuidava das necessidades dos empregados em todos os aspectos, pessoa de boa índole e caráter, embora mencione algumas de suas falhas. Em ambas as biografias, seus vícios e defeitos são omitidos ou suavizados.

Após sua morte, Gouveia foi enquadrado no discurso regionalista. Conforme Dilton Maynard¹⁴², a figura do “rei das peles” tem aparecido com frequência, especialmente entre os anos 1920-1970, em discussões referentes aos rumos do Nordeste brasileiro. Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Assis Chateaubriand e Manuel de Oliveira Lima, intelectuais analisados por Maynard, enxergavam Gouveia como exemplo de desenvolvimento e modernização numa terra que segundo eles era marcada pelo fanatismo religioso, o banditismo e o atraso econômico. A imagem heroica do coronel foi construída e vendida como símbolo de identidade regional, modelo de desenvolvimento e pioneirismo.

Não se deve esquecer que as trajetórias analisadas aqui não tratam exclusivamente da vida do personagem, mas também das vidas dos autores. O *contador* e o *empregado* inserem-se em seus respectivos relatos. Variadas situações envolvendo os biógrafos, sem qualquer relação direta com o personagem, são descritas: como chegaram à Vila da Pedra, suas estratégias de sobrevivência, o dia a dia na vila operária, o cotidiano da fábrica. Santos, inclusive, fala um pouco da vida que levava em Recife. Como Marc Bloch que produziu um testemunho em *A Estranha Derrota*, descrevendo e analisando acontecimentos os quais

¹⁴⁰ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p. 5.

¹⁴¹ BURKE, Peter. **O Historiador como Columista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 30.

¹⁴² MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O “modernizador dos sertões”: intelectuais brasileiros e as memórias de Delmiro Gouveia. In: **Mesters – Special Issue Memory and History, Remembering, Forgetting, and Forgiving**. University of California, Los Angeles. XXXVI, 2007. p. 123-145.

vivenciou¹⁴³, Adolpho Santos e Lauro Góes tomam como ponto de partida suas experiências, suas memórias, lembranças de uma história da qual fizeram parte.

Para Philippe Levillain a biografia é um modo de se escrever a história. Serve como ordenação cronológica para uma história a ser feita e pode realizar a verificação do conhecimento histórico já elaborado. Pode ser um método investigativo, capaz de revelar constantes, indicar diferenças, captar a realidade dos problemas sociais através de uma vida ou retificar mitos em torno de uma pessoa. Funciona ainda para homologar o conhecimento adquirido, sejam das ideias prontas sobre um homem, sejam das relações entre um sistema político e a coletividade¹⁴⁴. A biografia pode explicar comportamentos, apresentar uma cultura e uma sociedade.

A proficuidade contextual extraída mediante ou através de uma produção biográfica pode ser exemplificada em *Mozart – Sociologia de um Gênio* (1995), de Norbert Elias. Neste trabalho, Elias não apenas perfaz a trajetória pessoal de Wolfgang Amadeus Mozart, mas também apresenta uma discussão sobre a sociedade, as classes, a burguesia e a corte austríaca do século XVIII. Reflete sobre como o trabalho dos músicos era encarado naquela sociedade e os desafios enfrentados pelo personagem que tentou levar uma vida de compositor autônomo. Apesar de ser socialmente subordinado à corte aristocrática, Mozart tinha plena consciência do seu talento, considerando-se até mesmo superior a estes¹⁴⁵. Esta biografia deixa claro como o gênero serve para refletir a cultura, os comportamentos e as sociedades. É neste aspecto que esta análise biográfica das produções de Lauro Góes e Adolpho Santos se detém. Através das suas narrativas, busca-se explicações sobre os atores envolvidos – Santos, Góes, Gouveia – e seus contextos.

O poema biográfico de Guilherme Marechal analisado por George Duby, a cosmogonia de Menocchio refletida por Carlo Ginzburg e a história de Martin Guerre problematizada por Natalie Zemon Davis, são também retratos do mundo dos cavaleiros e das sociedades italianas e francesas do século XVI, respectivamente. As biografias *Domitila – A verdadeira história da marquesa de Santos* (2013), de Paulo Rezutti¹⁴⁶, e *A condessa de Barral – A paixão do Imperador* (2008), escrita por Mary Del Priore¹⁴⁷, são mais do que

¹⁴³ BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

¹⁴⁴ LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 175.

¹⁴⁵ ELIAS, Norbert. **Mozart – Sociologia de um Gênio**. Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

¹⁴⁶ REZITTI, Paulo. **Domitila – A verdadeira história da marquesa de Santos**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

¹⁴⁷ PRIORE, Mary Del. **A condessa de Barral – A paixão do Imperador**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

histórias de duas mulheres ou dos escândalos de seus amores, mas também imagens de suas sociedades e a forma como estas encaravam seus comportamentos. Diante disso, uma questão é levantada: poderiam também as biografias sobre Delmiro Gouveia escritas por Lauro Góes e Adolpho Santos retratarem a sociedade em que viviam ou refletir os anseios destes autores no momento de suas produções? Se a história é uma narrativa do coletivo e este coletivo é formado por trajetórias individuais, biografia e história estabelecem estreitas relações de similitudes.

Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico), e, *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, são convites aos curiosos que queiram adentrar as almas do *contador*, do *empregado* e do *patrão*. Elas incitam os olhares curiosos a espiarem o Recife do final do século XIX, o cotidiano da fábrica em Pedra, a vila operária alagoana, os arranca-rabos, as transações comerciais, o universo do “rei das peles”, oportunizando um estudo sobre suas histórias. Elas também dão um vislumbre das ideias sobre a atual região Nordeste que permeavam tanto a época em que os eventos narrados ocorreram, quanto o período em que eles foram registrados. Analisá-las e compará-las possibilita pensá-las não apenas como fonte para a história, mas também, como narrativas históricas sobre estes três personagens, seu tempo e seu espaço.

Adolpho Santos apresenta um texto linear, organizado, clássico dentro dos moldes comuns ao registro biográfico. Mas é também autobiográfico. Repetidas vezes o autor afirma estar presente, ter visto, ter ouvido, ter dito, ter feito. Mais do que a vida de Delmiro Gouveia, Lauro Góes expõe situações particulares ou exclusivas dos funcionários da fábrica. Fulano viu, cicrano ouviu, beltrano disse, eu fiz, nós estávamos presentes. Uma história sucede a outra e todas compõe sua narrativa. Estes três personagens, ora ativos, ora passivos, atuam numa mesma trama. O *Depoimento do contador* e as *Recordações do empregado* são roteiros diferentes de uma mesma história sobre o *patrão*. Este capítulo apresentou os protagonistas e como se enquadram, do ponto de vista analítico, nas teorias em torno do gênero biográfico.

Os próximos capítulos abrem uma porta para o universo destes escritores e seus registros, mostrando de que forma atuam no enredo montado por eles para tornar público a vida e a obra de Delmiro Gouveia.

Capítulo 3

ARROMBADOR PROFISSIONAL DA MEMÓRIA: ADOLPHO SANTOS NARRA A VIDA DE DELMIRO GOUVEIA

“o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter joias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem”

Janet Malcolm¹⁴⁸

Os capítulos anteriores abordaram as transformações que o texto biográfico atravessou durante a história, identificaram os protagonistas – Delmiro Gouveia, Adolpho Santos e Lauro Góes – e apresentaram como o objeto desta pesquisa, as biografias *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, e *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*, se aproximam ou não das teorias apresentadas. Especialmente com a História do Tempo Presente, a forma de produzir e estudar as trajetórias de vida ampliou suas possibilidades e seus veículos. Embora o cinema, a TV, a Internet e o rádio venham gerando uma onda de biografias e conquistando com isso um grande e variado público, a tradicional narrativa impressa, o livro, ainda ocupa lugar de destaque. Análises sobre histórias de vida também são cada vez mais frequentes, por inúmeros motivos.

Dois exemplos neste sentido são as obras *Nas Margens – três mulheres do século XVII* (1997), da historiadora norte-americana Natalie Zemon Davis, e *A Mulher Calada – Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia* (1995), da jornalista Janet Malcolm. O livro de Davis analisa as autobiografias de três mulheres europeias do século XVII, verificando através de suas trajetórias individuais exemplos do cotidiano da mulher naquela sociedade e suas estratégias de sobrevivência. Malcolm por sua vez, escreve sobre a vida de Sylvia Plath, poeta e romancista norte-americana que se suicidou em 1963. O que torna estes trabalhos excepcionalmente relevantes é a importância de suas propostas e a forma como foram elaborados.

¹⁴⁸ MALCOLM, Janet. **A Mulher Calada** – Sylvia Plath, Ted Hughes e os Limites da Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Nas Margens tem por finalidade estabelecer uma melhor compreensão da figura feminina no século XVII tomando como parâmetro as vidas da judia alemã Glikl bas Judah Leib, da católica francesa Marie de l'Incarnation e da protestante holandesa Maria Sibylla Merian. Desconhecidas umas das outras, essas mulheres atravessaram reveses financeiros, momentos de solidão, conflitos internos e demonstraram uma inabalável religiosidade. As escolhas que fizeram diante da viuvez, dos filhos, do divórcio, das crenças, têm muito a revelar sobre o modo como as mulheres sobreviviam na Europa setecentista e como as relações sociais se estabeleciam¹⁴⁹. Em *A Mulher Calada*, não só a vida de Sylvia Plath é contada, mas acima de tudo, a autora produz um exame meticoloso das biografias escritas sobre a poeta. Os biógrafos são comparados e contrapostos. As linhas das narrativas biográficas são averiguadas, contrastadas à documentação sobre a personagem, incluindo diários e cartas com objetivo de demonstrar os limites entre o fato e a ficção¹⁵⁰.

A análise feita neste capítulo segue uma proposta semelhante aos textos de Malcolm e Davis. O objetivo é perceber o que a biografia escrita por Adolpho Santos sobre Delmiro Gouveia têm a dizer sobre o contexto em que estes personagens estavam inseridos ou o momento em que ela foi registrada. Assim como Davis utilizou-se de autobiografias para estudar aspectos da sociedade europeia no século XVII e Malcolm comparou cada biografia sobre Sylvia Plath para verificar as semelhanças e divergências do que foi narrado sobre ela, o texto de Santos passará por um crivo similar. O trabalho deste biógrafo será dividido, apresentado em partes e depois examinado para melhor apreender sobre o que fala, por que fala e de onde fala¹⁵¹.

Diversas foram as produções sobre Delmiro Gouveia. Artigos de jornais, verbetes, romances, histórias em quadrinhos, catálogos, panfletos, informes, peças de teatro, música, filmes, sites e biografias. Todas estas obras serviram para alimentar o mito em torno do “herói civilizador do sertão”. Entrementes, talvez as histórias de vida escritas sobre ele tenham servido de alavanca principal neste sentido, focadas no objetivo de cristalizar a memória do personagem e suas conquistas. O padre João Machado de Souza escreveu *Vida de Delmiro Gouveia* (1964) para um concurso de biografias e outros trabalhos promovidos pela FUNDAJ

¹⁴⁹ DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens* – Três Mulheres do Século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹⁵⁰ MALCOLM, Janet. *A Mulher Calada* – Sylvia Plath, Ted Hughes e os Limites da Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹⁵¹ Para evitar sucessivas repetições das expressões “idem” ou “ibidem” nas notas de rodapé que referenciam as citações da biografia escrita por Adolpho Santos aqui trabalhada, este capítulo utilizará a sigla **D.B.** ao referir-se à sua obra – Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994.**

em celebração ao centenário de nascimento do negociante. Trajetória clássica vai desde as origens a sua morte, conferindo destaque ao caso judicial relacionado ao seu assassinato. Seu objetivo era imortalizar a figura de Gouveia na História do Brasil e motivar iniciativas econômicas e sociais. A obra faz uma relação entre a doutrina social da igreja e o que Delmiro introduziu na Pedra. O autor investigou documentos da época, colheu alguns depoimentos transcritos no trabalho, contrastou fontes. Souza cita outros biógrafos como Mauro Mota e Paulo Duarte¹⁵².

O jornalista J.C. Alencar Araripe, conterrâneo de Gouveia, concentrou sua narrativa nas realizações do empresário, especialmente a hidroelétrica de Paulo Afonso. Em *A glória de um pioneiro – a vida de Delmiro Gouveia* (1964), este memorialista realizou uma comparação entre os grandes produtores de energia elétrica na década de 1960, EUA e Europa, e o baixo nível do Brasil neste seguimento, já que para ele a energia move a economia e subsidia o progresso de uma nação. Seu interesse por Gouveia veio de sua mãe, nascida em Pedra, que falava muito do coronel. Há um capítulo dedicado à CHESF (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco), continuadora segundo o autor da obra de Delmiro. O biógrafo visitou, inclusive, o canteiro de obras durante a construção da Companhia. Em seu texto, menciona que Adolpho Santos era acionista da Iona & Cia, bem como Oswaldo Gouveia de Carvalho, sobrinho de Delmiro. Seu trabalho tem um viés nacionalista e apresenta algumas reflexões sobre a situação do Brasil nos anos 1960¹⁵³.

Delmiro Gouveia – o Mauá do sertão alagoano (1963, reeditada em 1983), escrita por Félix Lima Júnior enfatiza os feitos de Gouveia do Derby à Pedra. Este biógrafo encarava o trabalho de Delmiro como uma obra civilizadora de pessoas, comparando o negociante cearense a Irineu Evangelista de Souza (1813-1889) – Barão de Mauá. Lima Junior também assemelhou a “grandiosidade” da obra de Gouveia a alguns dos mais famosos monumentos históricos: as pirâmides do Egito, o farol de Alexandria, a torre Eiffel, os jardins suspensos da Babilônia, dentre outros. Concluída em 1963, foi elaborada em comemoração ao centenário do nascimento do industrial promovido pelo Governo do Estado de Alagoas. Adolpho Santos também é mencionado nesta obra como um dos sócios da Companhia Agro Fabril Mercantil e amigo leal de Gouveia. Lima Júnior utilizou outros biógrafos do empresário na construção do

¹⁵² SOUSA, João Machado de. **Vida de Delmiro Gouveia**. Recife: Editora e Revista Flos Carmeli, Convento do Carmo, 1964.

¹⁵³ ARARIPE, J. C. Alencar. **A Glória de um pioneiro – A vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro S.A., 1965.

seu trabalho, incluindo F. Magalhães Martins, Mauro Motta, Plínio Cavalcanti, Tadeu Rocha, além do texto de Adolpho Santos, apontado como inédito¹⁵⁴.

Jornalista, historiador e professor, Tadeu Rocha valeu-se de dezenove anos de pesquisa para produzir *Delmiro Gouveia – O pioneiro de Paulo Afonso* (1963; 1970), publicada em comemoração ao centenário de seu nascimento, com apoio do Estado de Alagoas. Como Araripe, dedica um capítulo exclusivamente à CHESF, tida pelo escritor como herdeira do legado de Gouveia. Rocha encarava o trabalho desse “pioneiro” como modelo a ser seguido. Filho do Coronel Manoel Rodrigues da Rocha e M^a Isabel Gonçalves Rocha, ambos amigos de Delmiro, o interesse pelo negociante partiu dos seus pais. Sua mãe recordava as conversas que o empresário tinha com seu marido, afirmando que iria eletrificar Santana do Ipanema, onde moravam. Rocha conviveu com as filhas de Gouveia e sua casa também era frequentada por Adolpho Santos. Seu texto inclui documentos diversos e depoimentos de familiares do personagem, da mãe do biógrafo e de Adolpho Santos. Rocha pesquisou também os textos biográficos de Mauro Mota, Hildebrando Menezes e Félix Lima Júnior. Afirma, inclusive, que “nenhum outro trabalho” sobre Delmiro foi escrito com “maior compreensão de sua vida e entusiasmo pela sua obra” além do seu¹⁵⁵.

A trajetória de Gouveia escrita por Hildebrando Menezes é igualmente clássica. Sobrinho e genro do coronel Aureliano de Menezes amigo e funcionário de Delmiro, viveu na Vila da Pedra e foi redator do jornal *O Correio de Pedra* de 1925 a 1930. *Delmiro Gouveia – vida e morte* (1966) foi escrita para o concurso promovido pela FUNDAJ em celebração ao centenário do nascimento do empresário e publicado originalmente em 1966. O objetivo deste biógrafo era dar um depoimento sincero sobre a vida e obra do “rei do sertão” do qual foi testemunha. Menezes afirma contar a verdade sobre o assassinato de Delmiro. Sua produção biográfica está repleta de citações da biografia de Adolpho Santos¹⁵⁶ e é considerada por Lauro Góes como a única que descreve a morte do coronel como realmente aconteceu.

Itinerário de Delmiro Gouveia do cearense Olympio de Menezes foi publicada em 1963. Fruto de cuidadosa pesquisa, algumas das descrições que faz da personalidade de Delmiro ou de Anunciada Cândida são acompanhadas de citações dos relatos de Adolpho Santos, tirados do seu *Depoimento* biográfico escrito em 1947. Seu texto enfoca o Delmiro empresário, empreendedor, pioneiro, tido pelo autor como modelo do potencial de desenvolvimento da região Nordeste. Nos capítulos seis e sete, assim como Tadeu Rocha e

¹⁵⁴ JÚNIOR, Félix Lima. **Delmiro Gouveia o Mauá do sertão alagoano**. Maceió: Grafitex Editora, 1983.

¹⁵⁵ ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia – o pioneiro de Paulo Afonso**. 3^a Ed. Recife: EDUFPE, 1970.

¹⁵⁶ MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia vida e morte**. Recife: CEPE, 1991. 1^a edição em 1966.

Alencar Araripe, o autor por vezes aponta para a CHESF como responsável por dar continuidade à obra de Gouveia¹⁵⁷.

No ensaio biográfico *Delmiro Gouveia, o precursor da CHESF*¹⁵⁸ (1996), Moacir Medeiros de Sant’Ana descreve a vida de Delmiro em quarenta e duas páginas. Rápida, porém abrangente, mantém a estrutura comum às biografias. Uma particularidade desse texto é que Sant’Ana faz uma comparação das fontes utilizadas, mostrando quais documentos comprovam ou discordam dos trechos descritos. Sua obra trata-se de uma relação de bibliografias sobre Gouveia entre 1917 e 1994, desde artigos de jornais a biografias. O ensaio precede a lista, que inclui e comenta os trabalhos de Adolpho Santos e Lauro Góes. O mesmo foi produzido com apoio da CHESF¹⁵⁹.

Nas biografias referidas, Delmiro é apontado como “domador de gente”, “pioneiro”, “precursor”, “predestinado”, portador de uma “missão civilizadora”, “redentor do sertão”, “evangelizador”, sem falar nos inúmeros e variados epítetos citados no primeiro capítulo desta pesquisa, diferentes destes, mas igualmente ufanistas. Todas estas produções seguem o modelo clássico, trazem depoimentos, uma vasta bibliografia, os autores que conheceram Delmiro ou eram próximos de quem o conheceu, e levaram anos de pesquisa. Essas trajetórias, muito semelhantes, compreendem desde as origens do personagem, sua ida para Recife, primeiro emprego, prosperidade, o mercado do Derby, inimizade com Rosa e Silva, fuga para Pedra, fábrica de linhas, hidroelétrica, assassinato, o caso judicial em torno disso, até a destruição das máquinas da Companhia Agro Fabril Mercantil. Foram produzidas, à exceção de Moacir Sant’Ana, num período de preocupação com a memória, com os heróis nacionais, com os rumos do Nordeste e as crises enfrentadas no Brasil no início da década de 1960, período em que o “rei das peles” completaria seu centenário de nascimento.

Mas, por que nesse universo de biografias sobre Delmiro Gouveia, pois outras além das mencionadas foram produzidas, o *Depoimento* de Adolpho Santos e as *Recordações* de Lauro Góes foram eleitas para este estudo? Respondendo diretamente tal pergunta, devido a algumas particularidades que as diferem dos textos descritos. São estas:

1. **Intimidade ou parentesco:** Adolpho Santos conheceu Delmiro enquanto ainda era bem jovem. Morou com o casal Gouveia na Vila Anunciada em Recife, casou-se com a sobrinha de Delmiro, Laura Gouveia Santos, tonando-se assim membro de sua

¹⁵⁷ MENEZES, Olympio de. *Itinerário de Delmiro Gouveia*. Recife: FUNDAJ, 1963.

¹⁵⁸ SANT’ANA, Moacir Medeiros de. *Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia*. Recife: CHESF, 1996.p. 9-42.

¹⁵⁹ SANT’ANA, Moacir Medeiros de. *Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia*. Recife: CHESF, 1996.

família. Lauro Alves de Campos Góes era filho de um amigo de Gouveia. Ambos eram íntimos do industrial;

2. **Ligação entre os biógrafos e o biografado:** os três personagens conviveram no mesmo ambiente simultaneamente onde mantinham relações afetivas e profissionais entre si. Santos e Góes eram colegas de trabalho. O primeiro foi sócio e gerente da Companhia Agro Fabril Mercantil, o segundo, funcionário do escritório da Companhia, e Gouveia, patrão deles.
3. **Os textos:** A narrativa de Santos provavelmente é a primeira biografia propriamente dita sobre Delmiro Gouveia (1947). Após a morte do empresário, em 1917, perfis biográficos sobre ele já eram vistos em artigos de jornais ou verbetes. Entretanto, eram citações curtas e resumidas de periódicos. Santos produziu um texto clássico que serviu posteriormente de fonte para outros biógrafos a partir da década de 1950. Góes começou a escrever em 1962. Sua narrativa é diferente de tudo o que já foi escrito sobre Gouveia, tanto pelo período que ela abrange – apenas os acontecimentos entre 1914 e 1917 –, época em que o autor trabalhou na fábrica, quanto pelo conteúdo, pois relata inúmeras histórias de diversos outros funcionários e o cotidiano da fábrica.
4. **(Auto)biografias:** Ambos os trabalhos estão permeados de elementos autobiográficos. Os autores inseriram-se na história em diversas situações, quer como testemunhas, quer como participantes. Estas narrativas são também histórias de partes de suas vidas.
5. **Denúncia e verdade:** O ex-gerente da fábrica afirmou que seu *Depoimento* teve por finalidade fazer uma denúncia sobre a destruição da obra de Gouveia sintetizada na quebra e inutilização das máquinas da fábrica de linhas, além de contar a verdadeira história de Delmiro. O ex-funcionário também disse em suas *Recordações* que precisava contar a verdade concernente ao empresário, apontando outros biógrafos como tendo escrito algumas informações equivocadas.
6. **Reflexões sobre a memória:** Os fatos narrados por Santos partem da sua experiência. Abrangem os acontecimentos conforme vivenciados pelo autor que vão de meados de 1897 a 1927 – tempo de convivência com Delmiro. Quando chegou à Vila da Pedra em 1908, este memorialista tinha cerca de 27 anos de idade. Era casado e tinha filhos. Ao sair de lá, em 1927, já carregava a maturidade dos seus 46 anos. Lauro Góes também partiu de sua experiência ao escrever a vida de Gouveia. Foi trabalhar na fábrica com apenas 16 anos de idade e saiu de lá com 19. Os textos refletem as memórias de um homem e de um menino respectivamente. De um familiar que exercia

cargo de chefia na fábrica e do filho de um amigo que era um dos muitos funcionários do escritório. A forma como estes relataram acontecimentos similares evidencia o modo como entendiam os fatos vivenciados ou testemunhados.

7. **Período de escrita-publicação:** O *Depoimento* de Santos foi escrito em 1947 e publicado em 1994, antes disso, porém, serviu como fonte para diversos autores. As *Recordações* de Góes começaram a ser escritas em 1962 e concluídas, segundo as datas dos registros na obra, em 1973. Um documento em papel pautado, escrito à mão e nunca publicado. Estas obras levantam pelo menos duas questões neste sentido: Se seu trabalho é uma denúncia, por que Santos só escreveu 20 anos depois da destruição das máquinas da fábrica e 30 anos após a morte de Gouveia? Por que nunca foi publicado, visto que a publicação do mesmo ocorre após sua morte? Por que Góes conta uma verdade apenas 45 anos após sua saída da Pedra e do assassinato do industrial e não a publica? Quais as circunstâncias das décadas de 1940 e 1960 que motivaram ou favoreceram os registros destes biógrafos sobre um passado distante de suas atuais vidas?

Explicado os motivos pelos quais os textos de Adolpho Santos e Lauro Góes foram selecionados para este estudo, antes de partir para a análise é preciso adentrar o universo destes documentos e dos seus autores.

3.1. CONTABILIZANDO OS RASTROS DO PATRÃO: DELMIRO GOUVEIA (DEPOIMENTO PARA UM ESTUDO BIOGRÁFICO)

3.1.1. Depoimento – o Autor

Pernambucano de Pesqueira, Adolpho Santos nasceu em 22 de maio de 1881 e morreu em janeiro de 1970 na cidade de Recife. Era um dos filhos de Francisco Xavier dos Santos, o senhor Francisquinho¹⁶⁰, um negociante de algodão que conheceu Delmiro quando ainda trabalhava no Cais de Ramos. Mais tarde, Francisquinho apresentou Gouveia a Antonio Severino de Melo Falcão, pai de Anunciada Cândida. Boa parte do que é descrito neste trabalho sobre Santos é extraído da biografia que escreveu, pois a referida traz muitas referências autobiográficas. O *contador*, assim chamado neste trabalho porque além de

¹⁶⁰ GONÇALVES, Alberto Cosme. **Delmiro Gouveia** – Era uma vez no sertão... Ribeirão Preto: Fábrica de Sonhos ed. 2010.p. 88.

possuir tal formação exerceu esta função quando trabalhou para Delmiro, conheceu o industrial em Recife, no bairro Apipucos. Santos disse que era “um estudante pobre” deslumbrado com o “amigo milionário”, na ocasião.

Ele não descreve como esse encontro ocorreu ou porque mais tarde foi morar na Vila Anunciada, residência do casal Gouveia. Pelo visto, o pai de Santos e Delmiro eram amigos e foram sócios, pois, segundo Alberto Gonçalves em *Delmiro Gouveia – Era uma vez no sertão...*(2010), trabalho em que o autor descreve a vida de Gouveia e suas realizações, associando sua figura a de grande importância para a história do Brasil, Francisco Xavier dos Santos e Gouveia constituíram em 1895 a firma Francisco Xavier dos Santos & Cia¹⁶¹, dissolvida no ano seguinte. Isso torna um pouco confusa a expressão de Santos de que era um “estudante pobre”. Os relatos autobiográficos do autor giram em torno das experiências que teve com o “rei das peles” e são utilizados para atestar sua propriedade em contar a história de vida do *patrão* visto que também faz parte dela.

Em seu *Depoimento*, Santos narra como conheceu sua esposa Laura, ambos jovens, adolescentes ainda, quando morou na Vila Anunciada. Em Recife, estabeleceu com o empresário uma relação de parentesco ao casar-se com sua sobrinha. Depois disso, o biógrafo volta a falar de si mesmo no texto quando Gouveia faz um discurso político na cidade de Pesqueira e mais tarde quando vai morar na Vila da Pedra com sua família, convidado pelo “tio” para trabalhar na firma Iona & Cia exercendo o cargo de contador. Quando da constituição da Companhia Agro Fabril Mercantil (1912), Santos participa do contrato social como um dos sócios¹⁶², conforme documento de constituição da mesma, e passa a trabalhar na gerência da fábrica. Esse fato referente à sua participação societária na empresa é omitido de sua narrativa. Permanece na Pedra até 1927 presenciando assim a venda da fábrica pelos herdeiros de Delmiro. O contador então retorna a Recife.

3.1.2. Depoimento – o Documento, a Obra

Os indícios levam a crer que Adolpho Santos tenha escrito a primeira biografia sobre Delmiro Gouveia até agora encontrada. *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)* data de 1947. Alguns perfis biográficos sobre o personagem podem ser encontrados bem antes deste período em artigos de jornais e revistas, definições em obras de

¹⁶¹ Ibidem, p. 114-115.

¹⁶² Cf. ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia** – O pioneiro de Paulo Afonso. 3ª Ed. Recife: EDUFPE, 1970.p. 195-202. Ver também: ARARIPE, J.C. Alencar. **A Glória de um pioneiro** – A vida de Delmiro Gouveia. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1965.p. 56.

referência ou testemunhos. Novamente, Dilton Maynard apresenta alguns intelectuais que nutriam grande admiração pelo negociante e foram responsáveis por vários destes perfis: Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Assis Chateaubriand, Oliveira Lima e Graciliano Ramos¹⁶³. Porém, um texto com a clássica característica biográfica, atendendo aos tradicionais padrões deste gênero é primeiramente identificado na obra de Santos. As demais produções biográficas sobre a vida e obra do industrial começam a surgir no final da década de 1950.

A biografia escrita por Santos é clássica: começa com os pais de Delmiro, passando por sua infância, casamento com Anunciada Cândida Falcão, a vida em Recife, os inimigos políticos, a viagem à Europa, o comércio de peles, o divórcio, a ida para Vila da Pedra em Alagoas, o cotidiano da fábrica, abrangendo sua trajetória no meio empresarial e político, sua morte, findando com a quebra das máquinas da indústria. O texto segue o modelo linear: nascimento, realização, provação e morte. Embora mencione poucas datas, os acontecimentos apresentados são organizados cronologicamente. Suas descrições dão ênfase a um Delmiro negociante, pioneiro, “civilizador dos sertões”.

Benito Bisso Schmidt indica que entre o final do século XIX e início do século XX, biografias sobre os grandes heróis nacionais eram produzidas como exemplo a ser seguido¹⁶⁴. Apesar do texto de Santos ter sido escrito num período em que as biografias estavam num processo de transformação quanto aos seus objetivos, sua narrativa é concebida como a história de um exemplo a ser seguindo, um “grande homem”. Por vezes, o autor refere-se a Gouveia como ‘movido por uma força maior’. Sua narrativa lembra as críticas de Pierre Bourdieu a algumas biografias francesas, nas quais a vida do personagem é montada pelo biógrafo como se todos os eventos descritos estivessem predestinados a ocorrer¹⁶⁵.

Cabe lembrar mais uma vez que o texto biográfico escrito por Santos não seguiu quaisquer das concepções criadas em torno do gênero depois da década de 1970. Mas, para fins de análise, pode-se reafirmar que seu texto poderia ser do tipo *biografia e contexto*¹⁶⁶, esquematizado por Giovanni Levi. Isto porque embora Delmiro ocupe o centro da narrativa, essa apresenta descrições minuciosas da época, como economia, política, sociedade e cultura

¹⁶³ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.p. 45-76.

¹⁶⁴ Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 200.

¹⁶⁵ Cf. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 184, 185.

¹⁶⁶ Cf. LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 175, 176.

do personagem e do autor. E mesmo sem intenção, pode ser considerado um *testemunho puro*¹⁶⁷, aquele modelo de biografia que de acordo com Phillippe Lejeune é escrita por um parente ou amigo que participou dos fatos relatados. Neste sentido, Santos tanto possuía laços de parentesco com Gouveia, devido ao casamento com Laura Gouveia, quanto estava presente em algumas das ocasiões que descreveu.

Embora tenha sido escrita em 1947 sua publicação só ocorreu em 1994, quarenta e sete anos depois em Recife, na *Revista do Arquivo Público*¹⁶⁸. Antes disso, porém, já havia sido utilizada como fonte de pesquisa para os biógrafos citados no início deste capítulo. Nessa revista, o texto de Santos está distribuído em trinta e cinco páginas, dividido em seis capítulos numerados em algarismos romanos. É narrado em primeira e terceira pessoas do singular. Há palavras em negrito, sugerindo que o autor achou necessário destacá-las por serem relevantes dentro do contexto do seu trabalho. Utiliza linguagem culta, poética, repleta de lirismo ou expressões da área de contabilidade. A mudança na abordagem vai ocorrendo conforme o fato específico é apresentado. Ao descrever os sentimentos de Anunciada Cândida quando seu casamento chegava ao fim, por exemplo, o autor se expressa da seguinte forma:

O palacete do Derby ficou fechado, com todo o mobiliário e alfaias. Era como o ninho abandonado no jardim em flor.
Enquanto seu esposo gozava a delícia de uma paixão efêmera na região calcinada pelas lavas do Vesúvio, - Anunciada amargurava-se por aquele que era o dono absoluto do seu amor incompreendido e eterno, que a ciliciava no abandono. Fizera-se prisioneira voluntária, trancada nas quatro paredes do seu aposento, caiado de branco, muito asseado e claro¹⁶⁹.

A mesma linguagem pode ser observada no saudosismo com que fala de suas memórias, quando visitou a Vila Anunciada em Recife no período em que escreveu esta biografia:

Também fui a Apipucos rever a velha casa amiga que embalou as minhas primeiras ilusões. Ela está lá, na mesma postura, agora com ar mais triste, parecendo uma velha alquebrada pelos anos, decrépita, senil.
Ainda lá está o nome “Vila Anunciada”, escrito em letras de bronze singelas, sobre o arco de ferro que encima o portão de entrada, como se fora o título do sentido romance cujos mais belos episódios foram vividos naquele cenário¹⁷⁰.

¹⁶⁷ Cf. LEJEUNE, Phillippe Apud BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 213, 214.

¹⁶⁸ SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994**. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 9-43.

¹⁶⁹ D.B., p. 20.

¹⁷⁰ D.B., p. 15, 16.

O estilo se repete quando Santos não poupa sentimentalismo ao se referir à esposa Laura Gouveia, lembrando o momento em que ambos se conheceram e moraram na Vila Anunciada:

Sáímos os três juntos, - os sobrinhos de Delmiro e eu - para cumprir nossas obrigações escolares, utilizando o elegante cabriolé como meio de transporte. Laura e Osvaldo acomodavam-se nas almofadas macias da parte posterior do carro e eu, postando-me ao lado do cocheiro, na boléa, arrebatava das mãos dele as rédeas para guiar eu o **Maroim** e **Rosmarinho** no seu esforço de tração. E com que orgulho eu o fazia, com que cuidados conduzia na caleche a morena bonita de grandes olhos negros... Essa jovem, mais tarde, ficou presa a mim por matrimônio e foi mãe amável de adoráveis filhos meus¹⁷¹.

Mudança de assunto, mudança de linguagem. Ao descrever situações comerciais, como quando Gouveia foi nomeado gerente-geral de um curtume norte-americano para o qual já trabalhava como corretor, com filial em Pernambuco, o biógrafo passa a uma abordagem técnica, típica de sua área de contabilidade:

[...] Apresentadas as credenciais, Delmiro se propôs assumir imediatamente as funções e exigiu que se procedesse, com presteza, a um balanço-geral da firma pois queria saber com detalhes o que ia receber sob sua responsabilidade. Este serviço foi realizado levantando-se o devido inventário, o que quer dizer em linguagem contábil – o arrolamento minucioso de todas as utilidades e mercadorias; fechando-se todas as contas para a verificação de saldos; cumprindo-se enfim, todas as regras comuns de apuração técnica da situação financeira [...] ¹⁷².

Em muitos trechos do *Depoimento* de Santos, são encontrados diálogos ou expressões de Delmiro em situações que o biógrafo não estava presente, mas registrou como se houvesse presenciado cada linha do que escreveu:

Uma tarde, Delmiro mirava pela janela aberta a cratera do Vesúvio e recordava que, havia muitos anos, naquele abismo de fogo desaparecera Silva Jardim, o patriota sem jaça, o republicano impoluto. E agora ele se achava, também a beira de um abismo, abismo de outra natureza, porém que consumiria o produto do trabalho de toda sua vida... E murmurava, como se conversasse com sua própria sombra projetado no chão:
– Não! Eu mesmo, não! Perca-se tudo, e eu fique porque preciso ainda reabilitar-me, lutar novamente, lutar muito e vencer outra vez...

¹⁷¹ D.B., p. 15.

¹⁷² Idem.

Sentou-se, e com os olhos semi-cerrados tinha as mãos entrecruzadas pelos dedos, movendo em sentido rotativo os dois polegares. Era este um hábito muito seu, nos momentos em que precisava concentrar-se e pensar¹⁷³.

O trecho transcrito acima descreve uma reação que Gouveia teria tido ao meditar sobre as dificuldades que suas empresas em Recife atravessavam. Na situação em questão, o industrial havia deixado Anunciada Cândida na capital pernambucana e viajado à Europa para recuperar-se da acusação de ter incendiado o Mercado do Derby sob sua administração. Estava morando há quase um ano na Itália, supostamente em companhia de uma condessa italiana, quando soube do revés financeiro de seu curtume. Santos não testemunhou a cena transcrita, mas a descreveu com os detalhes de quem a tudo assistiu. Philippe Levillain explica que elementos ficcionais são comuns em textos biográficos. A biografia consiste, entre outras coisas, num processo criativo e muitas vezes a ficção é usada para preencher lacunas no texto, na falta de documentação sobre o biografado ou quando os dados são insuficientes¹⁷⁴. Ter Santos acrescentado expressões ditas por Gouveia sem que ele tenha testemunhado isso, evidencia a presença dos elementos ficcionais em sua narrativa. Suposições sobre a reação do personagem a partir de um comportamento já conhecido do autor.

Nessa biografia, a história da vida de Gouveia é contada a partir de três espaços de memória: 1. Ceará – as origens do personagem; 2. Pernambuco – juventude, casamento, crescimento empresarial, riqueza, perseguição política; 3. Alagoas – fuga para Vila da Pedra, criação da hidroelétrica de Angiquinho, da fábrica de linhas e assassinato. Do ponto de vista subjetivo, pode-se dizer que sua narrativa ainda inclui um quarto lugar de memória: as lembranças do autor. Esse refere-se ao seu trabalho como um depoimento. Um depoente é aquele que relata algo em que esteve envolvido ou presenciou. O depoimento é acionado a partir das lembranças do declarante, uma reconstituição psíquica e intelectual do passado segundo Henry Rousso¹⁷⁵. Quando Santos intitula seu texto como um *Depoimento para um estudo biográfico* ele deixa claro que fala de uma experiência pessoal, acionada por suas memórias.

A maior parte do que é apresentado nesta trajetória individual concentra-se na vida do personagem quando morou em Recife, e seu tino empresarial é o ponto-chave da obra. Os

¹⁷³ D.B., p. 21.

¹⁷⁴ Cf. LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.

¹⁷⁵ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167

espaços e as situações apontadas pelo autor são panos de fundo para explicar o sucesso de Delmiro nos negócios:

Já então com responsabilidade de família e se sentindo solidificado sobre os alicerces que levantara com tenacidade, aventurou-se fazer a sua primeira viagem aos Estados Unidos da América.

Chegando a New York, entrou em contato direto com os chefes superiores - digamos - os donos de um poderoso curtume para o qual já trabalhava, como simples corretor, por intermédio da filial de Pernambuco. Sem falar inglês, valeu-se do concurso de um intérprete e discutiu, abertamente, as diferentes modalidades do negócio no Brasil, apresentou planos próprios, originais, de ação a desenvolver, ao mesmo passo condenando o modo pelo qual se agia no mercado brasileiro. Deste **meeting**, à feição puramente americana, resultou voltar trazendo consigo a carta de sua nomeação para o ambicionado cargo de Gerente-geral do estabelecimento do Recife, em substituição do estrangeiro que o exercia¹⁷⁶.

Várias negociações, contratos, transações comerciais envolvendo o empresário, semelhantes ao trecho citado são descritas pelo biógrafo. Ele mostra, no excerto abaixo, que depois de ter passado um tempo como gerente do curtume norte-americano mencionado, Delmiro alçou voos mais altos:

O famoso negociante, considerado o “Rei das peles” no Brasil, resolveu, quando nessa posição próspera, constituir a razão social Delmiro Gouveia & Cia. Foi impelido para essa deliberação em face do grande volume de suas operações de compra e venda e pela progressão de suas transações bancárias. Para compor a nova firma, foi convidado Antonio Carlos Ferreira da Silva, cidadão de alguns haveres, acionista do Banco de Pernambuco, do qual era diretor-gerente¹⁷⁷.

Além do ramo de exportação de peles, Santos prossegue descrevendo mais aspectos da vida empresarial de Gouveia. Após regressar de um passeio que fez à Europa em companhia de sua esposa Anunciada Cândida Falcão, Delmiro investiu na Usina Beltrão (1897-1899) e no Mercado do Derby (1898-1900), transformando esse último num grande centro de entretenimento e distribuição de produtos diversos. Quando se transferiu para o povoado de Pedra em Alagoas (1903), continuou no ramo de peles e mais tarde inaugurou uma hidroelétrica na queda de Angiquinho (1913) e a Fábrica de Linhas (1914) concorrente das

¹⁷⁶ D.B., p. 13.

¹⁷⁷ D.B., p. 14.

Linhas Corrente pertencente ao grupo inglês Machine Cottons¹⁷⁸. Santos prossegue sua narrativa sobre as virtudes empresarias de Delmiro até o sertão alagoano:

Pedi projetos e orçamentos a firma W.R. Bland & Co., de Londres, para a fundação de uma pequena fábrica de linhas em novelos, os quais foram examinados e estudados com meticoloso cuidado.

Quando saturado do assunto estudado, acapitado dos prós e dos contras, resolveu definitivamente criar a indústria de linhas no Brasil e embarcou para a Inglaterra, onde deixou feita a encomenda de todo o maquinário bem como todos os utensílios e sobressalentes necessários para a instalação da fábrica, que funcionaria a cargo da Companhia Agro-Fábrica Mercantil, sociedade anônima que incorporou com os seus sócios da firma Iona & Cia. e os auxiliares destacados da organização que trabalhavam sob o impulso do seu tino administrativo¹⁷⁹.

Ao “contabilizar” a vida do *patrão*, o *contador* apresenta também detalhes sobre a fundação da fábrica, da hidroelétrica, da vila operária, a organização do trabalho nestes espaços, o perfil dos trabalhadores e os tipos de linhas produzidas. Sobre a edificação destes empreendimentos, descreve:

Essa maquinaria se compunha da turbina hidráulica com respectivo gerador e demais material elétrico; bombas e tubos condutores para o serviço de abastecimento d’água; a aparelhagem completa e propriamente dita de fabricação, inclusive a cobertura metálica para o edifício da fábrica.

De acordo com as plantas organizadas pelos técnicos das fábricas fornecedoras de maquinaria e materiais complementares, iniciou-se a construção do edifício da - Fábrica de Linhas da Pedra. Concomitantemente preparava o terreno para a edificação da vila operária¹⁸⁰.

[...]

As montagens feitas com maior prontidão (quase escrevi precipitação) foram as que diziam respeito a usina hidroelétrica e à bomba de 150HP que aspirava a água revolta do rio na cachoeira e impelia-a pelos condutos de ferro Mannesman até os reservatórios na Pedra¹⁸¹.

Relata como eram fabricados os produtos na indústria de linhas em Pedra:

¹⁷⁸ O atual grupo Coats é escocês e originou-se no início do século XIX. Em 1896 os concorrentes J&P Coats (James Coats) e J&J Clark (James Clark) se fundiram numa única empresa para melhor aproveitarem as novas tecnologias advindas da Revolução Industrial têxtil europeia da época, tornando-se líder de linhas para costura industrial e doméstica. No Brasil, a indústria foi fundada em 18 de junho de 1907, no bairro Ipiranga, em São Paulo. Era conhecida como Machine Cottons e mais tarde Linhas Corrente. Em 1995 a razão social foi mudada para Coats Corrente com objetivo de se adequar a logomarca mundial. O grupo está presente hoje em mais de 60 países. Cf. <<http://www.linhascorrente.com.br/scripts/empresa/home/home.asp>> acesso em novembro de 2013.

¹⁷⁹ D.B., p. 34.

¹⁸⁰ D.B., p. 35.

¹⁸¹ D.B., p. 36.

Montado o primeiro grupo, começou imediatamente a trabalhar a fábrica, produzindo o tipo de linha glacê, e a seguir logo vieram as linhas de bordar e de crochet macramé, os fios mercerizados, todos os variados artigos da indústria especializada.

É agradável lembrar o dia em que chegou o primeiro jato d'água e acendeu-se a primeira lâmpada [...]

A 6 de junho de 1914, aniversário do bandeirante moderno, entrou o primeiro fardo de algodão nos “batedores” inaugurando a Fábrica de Linhas da Pedra[...]¹⁸²

Explica como funcionava e estava organizada a vila operária e o que a compunha:

Todas as casas da vila - aquele agrupamento de casas todas iguais, caiadas de branco, muito alvo, com copiar na frente para resguardo do sol causticante e com luz elétrica - já estavam todas ocupadas pelo operariado. Nas esquinas de cada quarteirão havia uma casa, no mesmo estilo das outras, porém de maiores dimensões, para residência dos chefes de serviço - os “contra-mestres” - e dos empregados categorizados, que eram, deste modo, responsáveis pela boa ordem do trecho habitado com encargo tácito de “inspetores”.

Naquela época ali se constituía, na prática dos seus diferentes misteres, uma escola técnica de trabalho onde os empregados, cada qual em suas secções, se preparavam eletricitistas, mecânicos, fiadeiros, tintureiros, chauffeurs e tantas outras atividades¹⁸³.

Nessa gama de realizações, um dos fatores que causava reverência do biógrafo para com o biografado eram os serviços que ele colocava à disposição dos seus subordinados:

Entrando a fábrica em funcionamento, foi contratado um médico, um farmacêutico, um dentista e abriu-se uma farmácia com sortimento completo de medicamentos, que atendiam, sem exceções a todos que necessitassem da vigilância médico-sanitária gratuita e eficiente.

Gratuitas também eram as sessões cinematográficas, aos domingos, cujas projeções se efetuavam no teatro especialmente construído, prédio que, cumulativamente, servia de escola nos dias úteis. As aulas diurnas eram obrigatoriamente frequentadas pelos filhos dos empregados, e as noturnas pelos adultos de cuja alfabetização se cuidava. Outras escolas havia para o aprendizado de disciplinas superiores ao curso primário, bem como professoras que lecionavam as mocinhas habilidades domésticas, trabalhos manuais, etc¹⁸⁴.

Considerando as críticas de Pierre Bourdieu as construções biográficas francesas baseadas nas escolhas que o biógrafo faz dos fatos que decide apresentar sobre o biografado de modo a dar sentido a sua vida, Santos foi bastante seletivo na estruturação da trajetória de

¹⁸² Idem.

¹⁸³ D. B., p. 37.

¹⁸⁴ D.B., p. 37, 38.

Gouveia de modo a descrever alguém com um destino superior¹⁸⁵. Fez questão de ir até sua origem, ressaltou suas realizações desde quando começou com o ramo de peles em Recife até seus empreendimentos na Vila da Pedra, como a fábrica de linhas, a vila operária – duzentas casas construídas para abrigar os funcionários da fábrica – e a hidroelétrica na cachoeira de Paulo Afonso. Porém, omitiu ou suavizou fatos que julgou inadequados, como o autoritarismo, a rigidez, as regras que impunha aos habitantes da Pedra e aos trabalhadores da fábrica ou os castigos aplicados quando as coisas não eram feitas conforme sua vontade ou quando alguma regra sua era violada.

O modo como a relação de Delmiro com a amante Carmélia Eulina do Amaral Gusmão, enteada do governador de Pernambuco Segismundo Gonçalves (1899-1900/1904-1908), com quem Gouveia fugira para Água Branca em Alagoas, é citada pelo biógrafo exemplifica sua seleção narrativa. No texto o fato é superficialmente mencionado. Por outro lado, o autor descreve o casamento do negociante com Anunciada Cândida Falcão com mais afinco. Filha de um ex-tabelião da cidade de Pesqueira no interior de Pernambuco, Delmiro a conheceu mediante o pai de Santos numa das viagens que fez à cidade para negociar peles de animais. O biógrafo inclui no registro alguns detalhes da intimidade do casal, diferenças temperamentais, o ciúme de Anunciada ante as traições de Gouveia e o divórcio, o qual lamenta dramaticamente:

A sociedade conjugal que se firmara sobre alviçareiros augúrios na igreja de Sant'Aguida, em Pesqueira, entre os jovens Delmiro e Anunciada, dissolveu-se de maneira contristadora e imprevista.

A harmonia, entre o casal, outr'ora amena e ditosa, veio, a espaços, sofrendo fortes soluções de continuidade, todas oriundas de atitudes sentimentais antagônicas.

Delmiro era arrojado e audaz; Anunciada era mansa e cautelosa. Um amava o luxo e o prazer; a outra cultuava a modéstia e adorava a tranquilidade do lar.

Testemunhei, a meu pesar, talvez o primeiro choque entre eles [...] A esposa soubera do namoro, que se conversava a boca pequena pelos cantos dos salões [...]¹⁸⁶

O namoro a que Santos se refere foi mais um de tantos relacionamentos extraconjugais que Gouveia mantinha ocasionalmente. O caso com Eulina foi uma relação mais duradoura, vista como sua segunda mulher, o empresário chegou a ter filhos com ela, o que ocorreu após a separação de Anunciada. Eulina viveu com Gouveia na Vila da Pedra até 1909, quando

¹⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 184, 185.

¹⁸⁶ D.B., p. 18, 19.

separou-se do industrial e deixou os filhos Noé, Noêmia e Maria sob sua tutela. De todas as mulheres com quem Delmiro se envolveu, o biógrafo destaca o casamento do empresário dando mostras de que toma posição ao lado da ex-esposa em lugar das outras mulheres com quem Gouveia se relacionou. Suas expressões para com a situação de Anunciada Cândida após a separação de Delmiro são cheias de respeito, atenção e compaixão:

[...] Não se sabia se era espírito de renúncia ou obcecação...

De um único modelo era o traje que vestia sempre, composto de saia de casimira azul, blusa branca e sapatos pretos. Tornara-se pálida; olhos amortecidos e cismadores. Falava pouco (e só quando interpelada) e meditava muito, em constante abstração das coisas mundanas. O riso, que sempre enfeitou com discrição a sua boca, desapareceu por completo da comissura dos seus lábios.

De passeio em pesqueira, em 1911, visitei-a uma vez, e vendo-a, tive a impressão de achar-me diante de uma freira que se mortificava com torturantes cilícios. Seria a monja do mosteiro da Saudade...

Pela manhã, saía do quarto - uma vez em cada dia. Almoçava e retornava à cela improvisada.

Referia-se a Delmiro, algumas vezes, porém, nunca mais pronunciou o seu nome, o que talvez lhe fosse muito doloroso. - Quem pode vislumbrar os íntimos segredos de uma alma? Designava-o com uma simples palavra: - Ele¹⁸⁷.

Gouveia teve três filhos com a jovem Eulina, em Pedra. Entretanto, essa parte da vida do negociante não é narrada por Santos. O biógrafo refere-se a amante apenas com expressões curtas como a jovem “pupila do governador” raptada por Gouveia. Para o autor, as mulheres não tinham maior relevância na vida do industrial, eram apenas distrações: “Que lhe importava a amante? Para ele, as mulheres passavam como passam as estações”¹⁸⁸. Também não faz descrições dos filhos do empresário, timidamente mencionados quando o biógrafo expressa seu pesar pela venda da fábrica de linhas, referindo-se a estes coletivamente como “os herdeiros de Delmiro”.

Santos exercia profunda admiração e gratidão pelo “tio”, amigo e patrão. Via-o como exemplo de trabalho, coragem e determinação. Sua narrativa tece elogios ao industrial da primeira à última letra. Quando menciona alguma atitude negativa do personagem, justifica explicando que foi necessário que o mesmo agisse desta ou daquela forma. No trecho abaixo, o autor relatou uma situação pessoal que o deixou desconfortável com a atitude de Gouveia, mas logo em seguida apresentou uma razão plausível para o fato:

¹⁸⁷ D.B., p. 20.

¹⁸⁸ D.B., p. 21.

Ele [i. é. Delmiro] gostava de conhecer a fundo as pessoas com quem lidava, sondando-lhes o temperamento e as suas reações. Comigo próprio teve este procedimento, quando assumi o cargo que me foi reservado de chefe do escritório da Pedra. Tínhamos andado separados, dez anos, e não sabia ele que modificações se teriam operado em mim. Quando chegou o fim do mês procedeu à primeira experiência. Pagou-me o ordenado na base de cento e cinquenta mil réis mensais, a mim que havia abandonado uma colocação na prensa de algodão de Boxwell & Co., no Recife, onde vencia muito mais. Aceitei sereno os setenta e cinco mil réis da quinzena. Em casa, no serão da família, comentei o fato, decepcionado e... resolvi esperar. Ademais, raciocinei - quando eu havia chegado na residência que me foi destinada, a despensa lá estava cheia de mantimentos que me garantiriam a mesa por bastante tempo...

Mas no segundo mês, meu ordenado era o duplo e no fim do ano estava quintuplicado. Ele próprio disse-me, muito tempo depois, que tinha “gozado” a expressão de espanto do meu semblante quando me fez o ridículo primeiro pagamento com o intuito secreto de medir a resistência do meu caráter, até onde chegaria a minha abnegação¹⁸⁹.

Por mais que Santos estivesse decepcionado por ter recebido um salário muito aquém do esperado, considerava que a maneira como Gouveia agiu para com ele na situação descrita havia sido correta. O negociante precisava medir seu caráter, o que justificava seu procedimento. A conduta do autor neste sentido se repete novamente na narrativa das “necessárias” “medidas moralizadoras” que Delmiro impunha aos funcionários que viviam na vila operária:

[...] todos aceitavam e cumpriam de ânimo bom as determinações do chefe amigo e protetor. Nem poderia ser de outro modo porque é direito intransferível do dirigente ser obedecido desde que tenha predicados de mando e de orientação seguros e seja capaz de impor confiança e respeito como ele os merecia. A indisciplina, em, qualquer organização, é motivo de desordem, de anarquia, e Delmiro sabia impôr ordem disciplinada, porque tinha o dom de saber distinguir e respeitar, delimitando-as, as zonas do poder patronal e do direito do operariado. Por isto, nunca surgiu qualquer manifestação de luta de classes naquele consórcio do capital com o trabalho na organização onde ele pontifica¹⁹⁰.

A história da vida de Delmiro Gouveia produzida por Adolpho Santos apresenta todas as características da construção de um herói. Para Peter Burke, precisamos de heróis porque eles servem de modelo de conduta e dão esperança¹⁹¹. Santos enxergava em Gouveia, exatamente um modelo a ser seguindo, uma luz de esperança para o desafortunado povo do sertão. Tornar conhecidas as realizações do personagem é o cerne do seu trabalho. O biógrafo

¹⁸⁹ D.B., p. 29.

¹⁹⁰ D.B., p. 38.

¹⁹¹ BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 33.

não poupa adjetivos ao biografado, atribuindo-lhe alcunhas como “rei das peles”, “bandeirante moderno”, “modernizador do sertão”, “indomável Delmiro”, “iluminado cearense”. Segundo ele, seu “herói” realizou uma obra civilizadora no sertão:

Ali, onde outrora medravam cactus e os mandacarus e os chique-chiques ásperos e cobertos de espinhos cresciam nos descampados; onde só havia sombra para os que fugiam à canícula ao pé das favelas traiçoeiras e algumas braúnas esparsas; - ergueu-se um monumento de civilização e operosidade ao toque mágico da mão daquele homem predestinado¹⁹².

[...]

A maioria do operariado era brasileiro, recrutado na população bronca do sertão bravo, o qual recebendo os ensinamentos do Chefe e dos profissionais contratados para amestrá-lo, tornara-se dentro de pouco tempo hábil no manejo de todo aparelho e de toda a maquinaria e, ainda hoje, são esses nativos que Delmiro instruiu e mandou instruir [...]¹⁹³

[...]

Todos os dias, pela manhã, invariavelmente, Delmiro fazia demorado passeio de fiscalização pela vila operária, aconselhando uns, repreendendo os faltosos, impondo costumes de educação doméstica, verdadeira romaria de evangelizador, exercendo a catequese de civilização naquele centro semi-bárbaro¹⁹⁴.

É sob esta perspectiva que Santos afirma contar a verdade sobre Delmiro em seu *Depoimento*. Os feitos deste “salvador do sertão” precisavam ser divulgados como “realmente aconteceram”. Além disso, o biógrafo pretendia denunciar a destruição das máquinas da fábrica pelo Machine Cottons, que as comprou no final de 1929 das mãos dos irmãos Luiz e Vicente Lacerda de Menezes, então proprietários da Cia. Agro Fabril Mercantil, vendida as indústrias Menezes Irmãos¹⁹⁵ pelos filhos de Delmiro em 1927. Estas são as justificativas usadas pelo autor para escrever essas memórias. Santos disse ter propriedade para relatar os fatos sobre Delmiro porque foi testemunha do que descreveu:

Fazendo a resenha desses detalhes pessoais, é meu fim, ainda uma vez, assegurar a validade do meu depoimento como testemunha visual e auricular dos fatos e das coisas que formam o conjunto da personalidade de Delmiro e da história de sua vida¹⁹⁶.

¹⁹² D.B., 1947.p.35.

¹⁹³ D.B., p. 37.

¹⁹⁴ D.B., p. 38.

¹⁹⁵ ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia** – O pioneiro de Paulo Afonso. 3ª Ed. Recife: EDUFPE, 1970.p. 14, 163-174.

¹⁹⁶ D.B., p. 29.

Ao registrar a história de vida de Delmiro Gouveia o *contador* contabiliza seus rastros. Trinta anos após a morte do personagem, Santos escreve sua trajetória: nascimento, crescimento empresarial, a vida em Pedra, particularidades do personagem e do próprio autor, como se cada evento relatado fosse uma conta lançada num razonete¹⁹⁷ para obtenção de um balanço final.

¹⁹⁷ Na área de contabilidade, razonete é uma ferramenta geométrica em forma de “T” utilizada para lançamento de contas, para uma apuração mais precisa das receitas e despesas antes do balanço final.

Capítulo 4

UM PATRÃO NOS RASCUNHOS DO EMPREGADO: O PROJETO BIOGRÁFICO DE LAURO GÓES

“Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo.”

Eulálio¹⁹⁸

Este capítulo segue a mesma proposta do capítulo 3, uma análise dos relatos de Lauro Góes sobre a vida de Delmiro Gouveia. O objetivo é fragmentar as várias partes do texto de Góes, extraíndo delas informações sobre o biógrafo, o personagem e o contexto de ambos, do mesmo modo como foi feito com a biografia escrita por Adolpho Santos. Os trabalhos da jornalista Janet Malcolm e das historiadoras Magda Ricci e Natalie Zemon Davis são moldes para esta reflexão. Em *A Mulher Calada – Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*, Malcolm assume duas tarefas: 1. contar a história de vida da poeta norte-americana Sylvia Plath (1932-1963); e 2. analisar as biografias escritas sobre ela. Malcolm encara os biógrafos como bisbilhoteiros, reviradores de gavetas, invasores de casas, reveladores de segredos¹⁹⁹.

Sylvia Plath nasceu em Massachusetts a 27 de outubro de 1932 e suicidou-se em 11 de fevereiro de 1963 em Londres. Enquanto seus dois filhos dormiam num quarto ao lado da cozinha, que ela havia vedado para evitar infiltrações do gás e onde deixou fatias de pão e canecas de leite para quando acordassem, a poeta enfia sua cabeça num forno a gás e morre asfixiada. Reconhecida por sua obra poética e seu romance *“A redoma de vidro”* (1963), Plath é considerada um ícone da poesia confessional. Estudando em Cambridge, conhece o poeta britânico Ted Hughes cujo trabalho literário acompanhava e admirava. Casam-se em 16 de junho de 1955. O casamento dura apenas seis anos, em meio a discussões, infidelidade de Hughes, depressão e instabilidade emocional de Sylvia, rivalidade literária²⁰⁰.

¹⁹⁸ AGUALUSA, José Eduardo. **O Vendedor de Passados**. Rio de Janeiro: Gryphos, 2004.

¹⁹⁹ MALCOLM, Janet. **A Mulher Calada – Sylvia Plath, Ted Hughes e os Limites da Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 16, 17.

Alguns fatores que levaram Malcolm a fazer uma análise de cinco biografias sobre a personagem foi o desconforto com a forma como os biógrafos expõem a trajetória da escritora, ao mesmo tempo em que se apressam em eleger Hughes como o vilão responsável pelo suicídio de Plath. A jornalista faz uma meticulosa pesquisa entre cartas, diários, depoimentos, comparando as fontes aos textos biográficos desmitificando o altar de mártir concebido à poeta, ao mesmo tempo em que procura uma neutralidade quanto aos responsáveis ou não pela tragédia. O âmago do seu trabalho está numa discussão do papel da biografia e seus problemas, o trabalho do biógrafo, muitas vezes um transgressor, e a linha tênue entre o fato e a ficção.

Natalie Zemon Davis faz uma reflexão semelhante à de Malcolm no texto *Nas Margens – três mulheres do século XVII*. Entretanto, Davis não analisa os biógrafos das suas personagens. Seu trabalho trata-se de uma prosopografia em que a historiadora narra as histórias das vidas de três mulheres do século XVII, uma judia alemã, uma católica francesa e uma protestante holandesa, a partir de documentos autobiográficos. Seu interesse é em como estas mulheres enfrentaram perdas e conseguiram impor-se a condição comum às mulheres em suas sociedades. Suas trajetórias também trazem significativas informações sobre seus contextos: economia, política, comportamento, cultura, religião etc²⁰¹.

A primeira personagem analisada por Davis é a judia Glikl bas Judah Leib. Autora de uma autobiografia de sete volumes, era comerciante, viúva e mãe de doze filhos. Atravessou perdas financeiras, mas conseguiu criar estratégias que a fizeram recuperar-se e providenciar casamentos para seus filhos. Sua preocupação com eles e a sua fé religiosa, cheia de questões, são evidentes na sua autobiografia²⁰². A segunda personagem é a freira ursulina Marie de l'Incarnation que acreditava ter revelações divinas. O fato a levou a viajar para o Canadá e fundar ali uma escola, a primeira para mulheres índias. Aprendeu o idioma dos nativos e escreveu diversos manuscritos em algoquino e iroquês. Em 1654 escreve uma autobiografia com objetivo de edificar espiritualmente seu filho, induzi-lo a virtude²⁰³. Maria Sibylla Merian, a terceira personagem, era protestante, pintora e desenhista. Muda-se para o Suriname com sua filha mais nova com objetivo de estudar os insetos e as plantas nativas. Ao retornar a Europa publica vários artigos, com destaque para o trabalho *Metamorfose dos insetos surinameses*, rico em explicações e desenhos, tonando-se obra de referência²⁰⁴. Ao

²⁰¹ DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens – Três Mulheres do Século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

²⁰² Ibidem, p. 15-64.

²⁰³ Ibidem, p. 65-131.

²⁰⁴ Ibidem, p. 132-188.

reconstituir e analisar as histórias de vida destas três mulheres, Davis apresenta uma pertinente discussão sobre a mulher e a cultura no mundo moderno.

No trabalho *Assombrações de um padre regente – Diogo Antonio Feijó (1784-1843)*, Magda Ricci desenvolve uma pesquisa que dialoga com as intenções de Malcolm e Davis em seus respectivos textos. Como Davis, Ricci elabora uma biografia sobre o padre Feijó apontando em sua sociedade e cultura explicações para seu comportamento e atitudes. A pesquisa da autora envereda por muitos e variados documentos escritos pelo biografado. Ao mesmo tempo, também analisa biografias escritas sobre ele, tentando compreender os motivos e os anseios dos biógrafos, como e de onde falam, assim como fez Malcolm com relação às narrativas sobre Sylvia Plath²⁰⁵.

No capítulo sobre Adolpho Santos, algumas produções de viés acadêmico e biografias sobre Delmiro Gouveia foram apresentadas. Como visto, os textos de Santos e Góes diferenciam-se dos demais não apenas pela forma, estilo, conteúdo ou a que tempo foram escritas, mas também pelas relações existentes entre os sujeitos e o objeto. No entanto, todos os trabalhos biográficos citados no capítulo três também apresentam algumas singularidades próprias dos escritores ou dos rumos que deram às narrativas.

J. C. Alencar Araripe, por exemplo, dedicou um capítulo à Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), em que descreve o canteiro de obras, todo aparato logístico montado para a construção da usina e os benefícios para a cidade de Paulo Afonso e para o Nordeste. Araripe ironiza a demora com que o projeto de construção de uma usina de beneficiamento de energia foi levado a cabo, final da década de 1940, comparando com a iniciativa de Delmiro Gouveia ao criar na queda de Angiquinho desde 1913 uma hidroelétrica para abastecer a fábrica e toda a Vila da Pedra. O autor lamenta que o visionário tenha morrido cedo, antes de concretizar o sonho de abastecer de energia as capitais do Nordeste²⁰⁶. Outro capítulo destaca-se pela forma como o biógrafo aponta Gouveia como “precursor do desenvolvimentismo na região nordestina”. Araripe faz um resumo da trajetória de Delmiro ressaltando que o nacionalismo do biografado seria a força motriz de suas realizações. Um “autêntico patriota” disposto ao que fosse necessário em prol dos interesses do país²⁰⁷.

A CHESF também ocupa lugar de destaque no texto de Tadeu Rocha. Intitulado “*As obras ciclópicas da “CHESF”*”, o último capítulo da biografia que escreveu desenha com

²⁰⁵ RICCI, Magda Maria de Oliveira. **Assombrações de um padre regente – Diogo Antônio Feijó (1784-1843)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1ª reimpressão, 2005.

²⁰⁶ ARARIPE, J. C. Alencar. **A Glória de um Pioneiro – vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963. p. 10-13.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 134-137.

detalhes a criação desta hidroelétrica, desde a proposta de criação, por meio da “Exposição de Motivos n.º 45, de 4 de abril de 1944”, passando por descrições da fundação, capacidade em quilowatts, casas de máquinas, abrangência regional, até os eletrodutos que em 1969 conduziram energia à cidade de Parnaíba no Piauí. Os relatos sobre a Hidroelétrica do São Francisco vêm dos testemunhos do autor, que afirma ter acompanhado de perto a trajetória desta Companhia²⁰⁸.

Outra singularidade do trabalho de Rocha é a forma como apresenta o romance de Delmiro com a jovem Carmélia Eulina do Amaral Gusmão, enteada do então governador de Pernambuco Segismundo Gonçalves, inimigo do “pioneiro de Paulo Afonso”. Descrita como “moça alta, bem proporcionada, de cabelos ruivos e olhos verdes”²⁰⁹, no dia 20 de fevereiro de 1902 Eulina foge de sua residência junto com Delmiro e os dois moram por vinte dias na Usina Beltrão, de propriedade de Gouveia. Isso gerou um escândalo em Recife e o coronel foi acusado judicialmente por crime de rapto e sedução de menor. O desfecho foi a fuga de Gouveia, o “Don Juan do sertão” para Alagoas e a ida da amante em seguida²¹⁰.

Félix Lima Junior abre seu registro biográfico com sete citações sobre Delmiro dos escritores e intelectuais: Plínio Cavalcanti, Meroveu Mendonça, Tadeu Rocha, Josué Montello, Gilberto Freyre, Aloísio Vilela e Paulo Dantas. Nessas citações, o negociante é tido como “verdadeiro Anhangüera de nossa indústria sertaneja”, “personalidade impressionante”, “homem privado com espírito público”, “símbolo indelével”, “Um desses continuadores de Mauá”, “maior gênio industrial da nossa terra”. Isso evidencia como o autor encarava o personagem. Ao transcrever o modo como estes intelectuais mencionados concebiam o industrial, Lima Junior apropria-se das mesmas concepções citadas deixando claro seu posicionamento diante da pessoa e das realizações de Gouveia²¹¹.

Um aspecto interessante da narrativa de Olympio de Menezes é sua descrição do cenário político de Recife à época do personagem: prefeito, governo do estado, oligarquia dominante. Sobre a perseguição política sofrida por Delmiro, Menezes transcreve as trocas de ofensas e acusações nos jornais *Diário de Pernambuco*, *O Recife* e *A Província*, entre o governador Segismundo Gonçalves (1899-1900), o prefeito do Recife Esmeraldino Bandeira (1898-1902) e o empresário. Seu texto, especialmente o primeiro capítulo, fornece informações relevantes sobre a sociedade recifense do final do século XIX e início do XX.

²⁰⁸ ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia** – o pioneiro de Paulo Afonso. Recife: UFPE, 3ª Ed. 1970. p. 175-187.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 72.

²¹⁰ *Idem*.

²¹¹ JÚNIOR, Félix Lima. **Delmiro Gouveia o Mauá do Sertão Alagoano**. Coleção Vidas e Memórias. Maceió: Grafitec, 2ª Ed. 1983. p. 10.

Diferente de outros biógrafos, Menezes afirma que Delmiro era quase analfabeto e questiona seu local de nascimento, se teria sido em Ipu/CE, conforme seu batistério, ou se natural do Recife, já que o biografado refere-se a Pernambuco como seu estado em depoimento à polícia carioca. Nos capítulos seis e sete, o autor por vezes menciona a CHESF como responsável por dar prosseguimento à obra de Delmiro²¹².

Discussões filosóficas e reflexões religiosas podem ser encontradas na biografia redigida pelo padre J. Machado de Sousa, nas observações que faz sobre o fim do casamento de Delmiro com Anunciada Cândida Falcão, o envolvimento com Carmélia Eulina do Amaral Gusmão e a falência dos negócios do empresário. O biógrafo culpa Anunciada pela separação do casal, afirmando que ela deveria ter sido mais complacente com as infidelidades do marido, um comportamento comum em sua época. Sousa justifica a deslealdade conjugal do biografado e sua relação com Eulina buscando exemplos em personagens Bíblicos como Adão, Davi e Salomão que estavam dispostos a tudo pela satisfação de suas necessidades afetivas. Os filósofos Blaise Pascal, Immanuel Kant e Platão são mencionados nas explicações que o padre apresenta para o comportamento de Delmiro no âmbito familiar, empresarial e nos tratos com os funcionários em Pedra. Seu objetivo é sintetizar os debates existenciais desses pensadores na pessoa de Gouveia e nas suas realizações²¹³.

Hildebrando Menezes afirma expor as “verdadeiras causas do assassinio de Delmiro”. Esse memorialista aponta como responsáveis pela morte do empresário o coronel José Rodrigues, que desenvolveu uma rixa com Gouveia por disputas de terras, e o ex-coletor de Jatobá, José Gomes de Sá, que recebia propina de Delmiro para reduzir os impostos sobre as peles negociadas por ele, mas acabou perdendo seus haveres por conta de uma mudança nas leis do fisco local. Esses teriam encomendado a morte do negociante motivados por poder e vingança. Menezes isenta a Machine Cottons de qualquer culpa na morte do “rei das peles”, que segundo ele, continuaria a liderar o comércio de linhas com ou sem Delmiro²¹⁴. Lauro Góes considera o texto de Menezes uma narrativa realmente fiel aos fatos sobre o biografado, porém, acredita que o grupo inglês tenha culpa no homicídio.

Embora os memorialistas citados apresentem algumas singularidades em suas narrativas da vida e da obra de Delmiro Gouveia, em geral, seus textos são muito semelhantes. Clássicos, unânimes em considerar o biografado uma espécie de “civilizador do sertão”, homem predestinado. O enfoque é a personalidade do personagem e suas realizações.

²¹² MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: FUNDAJ, 1963.

²¹³ SOUSA, J. Machado de. **Vida de Delmiro Gouveia**. Recife: Editora e Revista Flos Carmeli, 1964. p. 75-93.

²¹⁴ MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia vida e morte**. Recife: CEPE, 1991. 1ª edição em 1966. p. 113-121.

Embora alguns tenham chegado a conhecer Gouveia, nenhum deles possui as prerrogativas, já apresentadas, de Lauro Góes e Adolpho Santos que tornam seus trabalhos especialmente selecionados para esta análise biográfica. Por isso, é hora de destrinchar os rascunhos de Lauro Góes.

4.1. RECORDAÇÕES – O DOCUMENTO

Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917 é uma biografia sobre Delmiro Gouveia escrita por Lauro Alves de Campos Góes, o *empregado*, ex-funcionário da Companhia Agro Fabril Mercantil. A obra relata através de pequenas histórias, alguns eventos da vida do negociante cearense, o cotidiano dos funcionários da fábrica de linhas, a vila operária, a Vila da Pedra e cidades circunvizinhas, as transações comerciais, as relações sociais, as estratégias de sobrevivência, a cultura, a política e a economia, inclusive a experiência do próprio biógrafo. O relato compreende os acontecimentos que ocorreram na vida do personagem, do autor e das demais pessoas descritas, num período de três anos, de 1914 até 1917, anos em que Góes trabalhou na fábrica de Delmiro.

O documento foi redigido à mão, em papel pautado, com esferográfica, entre 1962 e provavelmente 1973. Conforme informado no capítulo dois, corresponde a um total de cinquenta e sete laudas, das quais dez contém apenas a rubrica do autor em tamanho grande, escrita na posição vertical, ocupando a folha inteira, e uma lauda seria destinada às fotografias de três funcionários: Adolfo Soares Menezes, coronel José Aureliano de Menezes e o próprio autor²¹⁵. Algumas palavras aparecem sublinhadas, possivelmente para dar ênfase a algum aspecto que Góes julgou necessário frisar. Numa explicação apresentada no início do texto, o registro que fez da história da vida de Delmiro foi motivado pelo incentivo de um amigo, o advogado e escritor Paulo Cavalcanti²¹⁶, que lhe sugeriu colocar em ordem algumas das suas anotações para apreciação do público. Como o relato de Santos, a biografia escrita por Góes é um testemunho de sua experiência, um registro das suas memórias.

²¹⁵ A biografia escrita por Lauro Góes foi numerada pela autora desta pesquisa em páginas (cinquenta e sete) para facilitar o manuseio e as citações, visto que o apenas algumas laudas do documento são numeradas pelo biógrafo.

²¹⁶ Paulo de Figueiredo Cavalcanti nasceu em 25 de maio de 1915 e morreu em 31 de maio de 1995 aos 80 anos de idade. Formou-se em direito e exerceu vários cargos públicos. Foi deputado estadual (1947-195), membro do partido comunista em 1949, correspondente de vários periódicos nacionais e internacionais, além de escritor de oito livros. Escreveu a apresentação da biografia MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia Vida e Morte**. Recife: CEPE, 1991, da qual estas informações foram tiradas.

A narrativa foi escrita em primeira pessoa do plural. Embora a linguagem seja clara, o uso constante do pronome pessoal “nós” torna alguns trechos confusos, já que Góes descreveu situações variadas e utilizou o pronome tanto para se referir aos eventos em que ele estava diretamente envolvido (o “nós” poderia ser substituído por “eu”), quanto aos que se referem a ele e outras pessoas, *nós todos* literalmente. Em ambos os casos manteve a mesma conjugação verbal, conforme o exemplo: “Aí estão estas reminiscências que nos trás grandes saudades de um passado inesquecível, quando ainda vivíamos nos verdores dos nossos 17, janeiro que não mais voltarão”²¹⁷. Nesta citação, o “nós” subtendido refere-se a “eu”, pois o autor fala de si unicamente.

Não há como determinar precisamente se as informações foram organizadas cronologicamente. A impressão que se tem ao ler aquele trabalho é que as pequenas histórias que o compõe vão sendo registradas na medida em que suas lembranças são acionadas, como se cada parágrafo fosse um “flash” de memória. As poucas datas mencionadas por ele, além do período que sua produção biográfica abrange, do ano em que chegou ao ano em que saiu da Vila da Pedra, são citadas isoladamente para contextualizar algumas das diversas histórias narradas. Cada acontecimento descrito não depende de uma sequência de fatos ordenados que culminem no evento mencionado em questão ou em outro. Antes, expressões introdutórias de novos parágrafos como “Certo dia”, “uma manhã”, “uma escritora”, “um biógrafo”, “outra de Delmiro”, dentre tantas, permeiam toda a obra.

Também nesse caso é necessário explicar que Góes não tinha nenhuma intenção em utilizar qualquer fundamentação teórica sobre biografias para escrever a trajetória de vida de Delmiro Gouveia, nem o fez. Apesar das produções biográficas brasileiras dos anos 1960 e 1970 darem destaque às explicações históricas ou serem vistas como formas de escrever “a história”²¹⁸, de acordo com Benito Bisso Schmidt, não havia essa preocupação naquele autor.

Apesar disso, do ponto de vista analítico as *Recordações* de Góes, assim como o *Depoimento* de Santos, pode ser do tipo *biografia e contexto*, discutida por Giovanni Levi, em que o personagem é elemento utilizado como base para análise de uma determinada sociedade, época ou cultura²¹⁹. Embora seja evidente que a biografia escrita por Góes não tenha sido elaborada intencionalmente com objetivo de caracterizar-se no tipo mencionado,

²¹⁷ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p. 5.

²¹⁸ Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p. 201.

²¹⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 175, 176.

ela acaba por corresponder a essa definição, pois apresenta muitos e variados aspectos do meio em que Gouveia vivia e das relações que ele estabelecia. As micro histórias contadas por Góes são exemplos de como se organizava a vida dos moradores da Pedra e dos trabalhadores da fábrica, bem como se atavam ou desatavam os laços entre eles.

4.1.1. Recordações – o Autor e a Obra

Lauro Alves de Campos Góes nasceu no interior de Pernambuco, na cidade de Triunfo, a 26 de julho de 1897 e faleceu aos 82 anos de idade em Recife, no dia 24 de setembro de 1979, nove anos após o falecimento de Adolpho Santos. Boa parte das informações a seu respeito apresentadas neste capítulo encontram-se na biografia que ele escreveu sobre Delmiro Gouveia. Outras poucas estão disponíveis nos arquivos referentes a Paulo Cavalcanti no CEHIBRA – Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas²²⁰. Seus escritos estão repletos de relatos autobiográficos. De acordo com suas memórias, seu pai, Manoel Alves de Campos Góes, possuiu um armazém de compra de peles quando morou na cidade de Santo Antonio da Glória/BA. Comprador das peles fornecidas por Gouveia o testemunho indica que o tenha conhecido neste período. Mais tarde tornaram-se amigos quando Manoel Góes trabalhou como fiscal de contas do governo de Pernambuco. Após ter deixado o cargo, pediu que Delmiro empregasse seu filho, Lauro Góes, na fábrica de linhas²²¹. Pedido atendido. Em janeiro de 1914 o biógrafo chega à Pedra:

Em um sábado, **rumamos** a Pedra, como visita, para **conhecermos** o meio em que **íamos** passar a viver. **Fomos hóspedes** de Delmiro.

Tendo de voltar na terça-feira, na segunda-feira à noite **fomos** falar com ele, que **nos** perguntou “quer vir trabalhar na fábrica?”. Diante da **nossa** resposta afirmativa, **nos** disse: “Então venha na próxima segunda-feira”. “Se não vier nesta data, não precisa vir mais”; foi a sua advertência inicial a minha 1ª experiência como empregado.

Na citada segunda-feira, **nos apresentamos** ao escritório. Delmiro **nos** chamou e perguntando se **queríamos** mesmo trabalhar com êle, **nos** disse: “aqui, o empregado tem que fazer tudo que eu mandar, seja qual for o serviço, serve”. **Respondemos** afirmativamente.

Começamos, então, desta data e aos 17 anos incompletos a **nossa** vida prática, residindo em uma república de rapazes, inicialmente composta de

²²⁰ Cf. Arquivo no CEHIBRA, pasta Paulo Cavalcanti, PC Jp. 2, Doc. 10

²²¹ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejariamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p. 17. Também neste caso, para evitar sucessivas repetições das expressões “idem” ou “ibidem” nas notas de rodapé que referenciam as citações da biografia escrita por Lauro Góes discutida neste capítulo, optou-se por utilizar a sigla **R.P.** ao referir-se à sua obra.

Logo neste excerto é possível extrair pelo menos seis informações da narrativa do jovem funcionário:

1. **Autobiografia:** O texto de Góes não trata apenas de Delmiro, o biografado, mas também de si. Da página três até à página seis, o trabalho é introduzido a partir de sua história pessoal – presente em toda biografia – em que explica porque decidiu escrever a história da vida de Gouveia e como se tornou funcionário da fábrica de linhas;
2. **O estilo:** Observa-se que Góes optou por usar os verbos conjugados na primeira pessoa do plural quando se refere a si mesmo, conforme as expressões em negrito. Se substituídas por seu correspondente na primeira pessoa do singular, soariam: “Em um sábado, **rumei** a Pedra, como visita, para **conhecer** o meio em que **ia** passar a viver. **Fui hóspede** de Delmiro...”;
3. **Relação de intimidade:** O autor foi hóspede na casa de Delmiro quando chegou a Pedra. Isso mostra que ele não era um desconhecido do coronel, mas filho de um amigo seu como afirmou;
4. **A personalidade do patrão:** Pequenos indícios do temperamento de Gouveia podem ser verificados neste trecho, como por exemplo, ter sido um patrão exigente e rígido;
5. **Os diálogos:** Há um diálogo entre Delmiro e Góes. O mesmo faz questão de escrevê-lo entre aspas, como se de fato o empresário tivesse dito exatamente daquela forma;
6. **Descrições de pessoas:** O *empregado* cita os nomes de alguns colegas de trabalho que viveram com ele numa república. Dentre esses, o coronel José Aureliano de Menezes, que trabalhou para Delmiro na Companhia Agro Fabril Mercantil.

Além de poder ser analisada à luz das concepções de Levi, a narrativa de Góes pode ser também discutida a partir das considerações de Phillippe Lejeune, pois evidencia características de um *testemunho puro*²²³, visto que no caso em questão, havia amizade entre o pai de Góes e o patrão. Um laço afetivo que possibilitou que o *empregado* fosse trabalhar na fábrica de linhas de Gouveia e gozasse em certo momento de algum privilégio devido a isso.

²²² R.P., p. 5, 6. Grifo da autora desta análise.

²²³ Cf. LEJEUNE, Phillippe apud BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 213, 214.

O autor não só conhecia o personagem, mas também participou de sua vida, o que se espera de uma trajetória individual na perspectiva de um testemunho puro.

O projeto biográfico de Góes – projeto porque não foi publicado – não obedece ao modelo clássico comum às narrativas individuais. Em geral, estas descrevem a vida do personagem desde sua origem, que pode ser construída a partir dos antepassados, pais, avós ou parentes mais distantes ou desde seu nascimento, culminando em sua morte, como fez Adolpho Santos. Se o objeto (biografado) ainda estiver vivo, a história finda em seu presente. Góes, ao invés disso, inicia a história de Gouveia a partir do dia que o autor chegou à Vila da Pedra para trabalhar em sua fábrica. Embora não explique sobre as origens do *patrão*, o biógrafo fala da sua morte ocorrida em 10 de outubro de 1917, apesar de ter ocorrido quando não trabalhava mais na fábrica e já havia saído da Pedra.

Sendo sua obra composta de pequenas histórias, fatos ou acontecimentos, cada uma destas tem muito a revelar sobre a personalidade de Delmiro e os tratos com os empregados. Os quatro trechos a seguir, embora longos, são úteis por exemplificarem satisfatoriamente esses aspectos e exporem a maneira como Góes relata estas histórias:

Numa ocasião, conversando êle [i. é. Delmiro] com nosso genitor e o Cel. Aureliano Menezes, a respeito de prejuízos e lucro auferido em negócio efetuado por seu intermédio, afirmou que nunca teve prejuízo. “Ganhava sempre, nem que fosse dez tostões”²²⁴.

[...]

O empregado José Paulo, nascido na cidade de Jatobá de Tacaratu – hoje Petrolândia – Pernambuco –, resolveu solicitar aumento de seu salário e, em vez de procurar a gerência ou a Direção para solicitar o aumento desejado, dirigiu-se ao fiscal geral da fábrica e do serviço externo – Horácio Otacílio – , dizendo: “Sr. Fiscal, preciso que o meu ordenado seja aumentado que eu não posso me aguentar com o que tenho”. O Fiscal, que nada podia resolver, escreveu abaixo da solicitação escrita: “então morra”. O José Paulo nada disse; mas, depois de passado alguns meses, premido pela necessidade, de mais um aumento salarial, e, apesar do resultado negativo de sua primeira tentativa, escreveu a seguinte petição a Delmiro; Sr. Chefe da Cia Agro Fabril Mercantil: “Peço a V. S. para aumentar o meu ordenado. Faz muito tempo que estou aqui e continuo improgressivamente na mesma”. O seu pedido foi atendido por Delmiro²²⁵.

[...]

Nequinho – não nos recordamos de todo seu nome –, foi um dos funcionários da fábrica, conhecido como de deferências especiais – dizem

²²⁴ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver (1914-1917)**. Documento manuscrito: 1962. p. 10.

²²⁵ R.P., p. 11, 12.

que êle era “maçon” como Delmiro –, por parte dele. Foi nosso substituto quando passamos da pagadoria para o escritório. Pois bem; o Nequinho confiante no “prestígio” que usufruía, achou de namorar uma garôta, filha de um seu antigo amigo [i. é. de Delmiro], chamado Beltrão – já falecido na época –, que achando-se em dificuldades e órfã de pai e mãe, como mais duas irmãs, apelou para Delmiro, que não esquecendo a sua velha amizade, mandou que ela viesse para Pedra com as irmãs, cujas despesas foram pagas pela Cia, empregando-as – duas – na seção de empacotamento, considerada de “elite”, por trabalhar nela funcionário e funcionária especializado. O Nequinho enamorou-se da mais velha, aliás muito simpática. Do namoro, passou o Nequinho a abusar da garôta. Quando Delmiro soube, chamou-o e perguntou [quando] era o casamento. Diante da posição quase negativa do Nequinho, Delmiro reprovou o seu procedimento e o preveniu de que dentro de uma semana êle casaria com a menina, advertindo-o de que não procurasse fugir do casamento. “As despesas mandarei lançar na sua conta”. Ao casamento, que foi efetuado na “Casa Grande”, teve o comparecimento de todos os funcionários da Cia. Como acima disse, o Nequinho seu protegido, sofreu as consequências do seu domjuanismo [...] Esta atitude de Delmiro confirma o que sempre dizia: “não admito que funcionário nosso abusem das operárias”. Se abusar do namoro casa... E casou muito, além do Nequinho²²⁶.

[...]

Uma noite, eram mais ou menos 11 horas, estávamos de serviço, quando passava êle pela seção das “penteadeiras”, dois empregados divertiam-se jogando “petecas de algodão” um no outro. Por má sorte, dêles, não viram Delmiro que passava no corredor das máquinas e uma das petecas bateu no seu rosto. Del[miro] vira-se, mas apenas viu um dêles. Imediatamente agarrou-o violentamente e o levou aos empurrões de escada abaixo²²⁷ da entrada da Fábrica e, coisa incrível, quando o funcionário chegou embaixo foi logo levado para o “tronco”, já conduzido por 2 vigias²²⁸.

Nos excertos do texto de Góes acima, é possível apreender aspectos do caráter de Delmiro Gouveia enquanto negociante e patrão. No primeiro trecho, Góes relata que numa conversa que Gouveia teve com seu pai, Manoel Góes, afirmou que nunca perdia dinheiro. O autor mostra com isso que o industrial apresentava-se como exímio estrategista em suas transações comerciais, evidências estas, obtidas em suas consecuições como empresário. Nas outras três citações, o biógrafo apresenta o tipo de patrão que Gouveia era. Ao mesmo tempo em que não hesitava em aumentar o salário de um funcionário necessitado ou em defender a “honra” das operárias “iludidas” pelos namorados, também podia ser autoritário e cruel, ao conduzir um empregado ao “tronco” por causa de uma simples brincadeira.

²²⁶ R.P., p. 14, 15.

²²⁷ Os erros ortográficos, gramaticais ou de concordância observados nas citações do texto de Lauro Góes são de autoria do mesmo. Visto que estas devem ser reproduzidas *ipsis litteris* conforme as regras da ABNT, as falhas não foram corrigidas.

²²⁸ R.P., p. 30.

Isso lembra as observações de Telma de Barros sobre a maneira como Gouveia dirigia seu domínio – fábrica, hidroelétrica, comércio de peles, Vila da Pedra etc. O herói construído pelos biógrafos, “redentor do sertão”, vanguardista em suas realizações comerciais e nos aspectos sociais dos seus empreendimentos, também era fruto do fenômeno do coronelismo, herdeiro de uma mentalidade escravista. Gouveia valeu-se de todos os meios para fazer fortuna, o que incluía burlar leis comerciais, manter alianças com oligarquias locais e sonegar impostos. De personalidade forte, autoritário, conduzia não só seus funcionários, mas também os moradores da Pedra com mão de ferro. Impunha regras que ao serem quebradas, ou não fossem cumpridas à risca, os “infratores” eram punidos, muitas vezes levados ao tronco²²⁹.

Ao explicar sobre o que sua narrativa discorrerá, Góes diz que “tôdas elas [i. é. suas reminiscências], giram em torno da personalidade e da capacidade de Delmiro Gouveia, como industrial de gabarito – na época – e como patrão, apresentando as suas falhas e as suas virtudes pessoais e patronais”²³⁰. Semelhante a Santos, Góes pretende enfatizar aspectos da personalidade de Delmiro relacionados ao tipo de empresário que era, mas também, sobre o tipo de “patrão”. Os trechos da biografia transcritos acima são apenas alguns exemplos nesse aspecto encontrados na sua obra. Ao contrário do escritor de *Depoimento*, Lauro Góes afirma que também apresentará as “falhas” do industrial. Faz isso ao apontar a forma como ele dominava a Vila da Pedra e a vila operária, impondo duramente regras sobre a economia local e o comportamento dos empregados:

Como medida de “contenção”..., Delmiro não consentia que os seus funcionários, do Escritório, da Fiscalização, interna e externa da Fábrica, como também da Pagadoria e Apontadores, frequentassem as residências das famílias operárias por ocasião de danças em suas festas íntimas ou em dias outros. Eles podiam e tinham que frequentar apenas os festejos e danças nas residências de particulares “fora do arame”. Residências estas de pessoas amigas ou conhecidas dos funcionários²³¹.

Com respeito ao domínio que Delmiro exercia sobre os moradores do povoado da Pedra, Góes escreve:

Certa ocasião, na véspera do seu casamento, Nelson Menezes, que ia casar com uma sobrinha de Delmiro, filha de Adolfo Santos, nos convidou para irmos à feira com êle, na qual ia comprar o necessário para as despesas da semana. Depois de várias compras, chega Nelson junto a fereira [SIC] que estava a vender galinhas e pergunta a ela: “qual o preço destas galinhas?”. A

²²⁹ CORREIA, Telma de Barros. **Pedra**: plano e cotidiano operário no sertão. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

²³⁰ R.P., p. 4.

²³¹ R.P., p. 23.

resposta foi esta: “tem umas de dez tostões e outras de mil e quinhentos réis seu Nelson”. Ele, pela sua antiguidade muito conhecido de toda população. Revoltado, Nelson olha para nós e diz: está vendo Lauro? Seu Delmiro deve saber disto para tomar providências. Ninguém pode mais viver”²³².

[...]

Certo dia, um fereiro [SIC] resolveu transgredir as ordens de Delmiro quanto a venda de “caximbo” – seu grande inimigo – na feira, assim como “chales”. Sabedor de que as suas ordens não estavam sendo obedecidas, chamou dois vigias e ordenou que fossem à feira e quebrassem todos os caximbos expostos á venda, trouxessem os chales, mas não machucassem os vendedores. Os chales foram devolvido com a advertência de que se voltassem a vendê-lo mandaria prendê-las. Igual advertência foi feita aos donos do caximbo.

Tendo êles dito que eram gente do Cel. Ulisses Luna, de Água Branca, Delmiro responde em tom moderado: “O Cel. Ulisses não mandou vocês negociar caximbo e chales aqui”²³³.

Os fatos registrados demonstram o modo como Gouveia dominava as vidas dos moradores da Vila da Pedra e as dos trabalhadores da fábrica. Ele determinava o nível de aproximação que os empregados deviam ter, conforme o cargo que ocupavam na indústria. Os que exerciam funções burocráticas e administrativas não podiam associar-se com os demais empregados em determinadas festas ou ocasiões. Embora o biógrafo não explique o motivo desta proibição, a norma deixa claro o grau de influência que Delmiro exercia sob seus subordinados. O mesmo ocorre com os moradores da Pedra. No exemplo citado, Gouveia era quem ditava o que podia ou não ser vendido na feira. Isso era levado a sério de tal forma, que quando alguém contrariava sua norma, os demais achavam-se no direito de delatá-lo, como afirmou Nelson Menezes. Gouveia, por sua vez, sentia-se na posição de punir os “transgressores”, como advertiu aos feirantes vendedores de cachimbo e xale.

Mesmo quando o autor fala de si, as descrições que produz de situações relacionadas a ele próprio têm muito a explicar sobre o cotidiano da fábrica e as relações entre funcionários. Quando chegou a Pedra para trabalhar na fábrica de linhas de novelo, Lauro Góes tinha apenas 16 anos de idade. Foi seu primeiro emprego. As funções que desempenhou na indústria incluíram “ajudante de apontador, apontador, ajudante de pagador, pagador e depois funcionário do escritório”²³⁴. Devido às promoções que alcançou na indústria, quando saiu de lá, em 1917, seu salário era de cem mil réis. O (auto)biógrafo descreve como administrava seu soldo e com o que costumavam gastar ele e outros colegas de trabalho:

²³² R.P., p. 36.

²³³ R.P., p. 39, 40.

²³⁴ R.P., p. 35.

O nosso ordenado, foi inicialmente de 50 mil reis, depois sessenta e, no fim, cem mil reis. Dêsses ordenados, pagávamos vinte mil reis de hotel – almoço, janta e ceia – 5 mil reis de quarto onde dormíamos – um casarão com 10 quartos para trinta rapazes – “Fora do arame, já se vê... – O restante era para outras necessidades – sapatos, roupa etc - ²³⁵.

Góes também informou quais produtos poderiam ser comprados em Pedra ou outras cidades alagoanas próximas:

Era permitido aos funcionários do escritório, inclusive aos fiscais, interno e externo, mestres das seções e empregado especializado, a entrega de notas ao escritório, para compra em Penedo e na matriz de Iona & Cia, em Maceió, de objetos, como ternos, sapato, relógio, etc, para desconto nos ordenados. Recordamos alguns objetos preferenciais: brim de linho puro, branco, cor de chumbo e meio azulado (cortes), sapato marca “Trocadero”, o melhor e mais fino da época, relógio “Omega, foleado, de ouro e níquel e, mais outras coisas de uso pessoal. O alfaiate “Mestre dos Anjos”, era quem costurava as nossas roupas civis. Aos domingos, a rapaziada trajava as suas roupas de linho puro²³⁶.

Estas descrições falam um pouco da personalidade de Góes e dos empregados do setor administrativo. Eram vaidosos, gostavam de andar bem vestidos, especialmente aos domingos, se considerado as compras que faziam por intermédio da empresa de Delmiro. Isso mostra também que artigos mais refinados e industrializados não eram encontrados na Vila da Pedra, pequena, de economia agropecuária, que parecia ter sua vida social, política e econômica girando em torno da fábrica e da hidroelétrica de Gouveia. Os produtos citados pelo autor vinham de Penedo ou Maceió.

Fatos autobiográficos narrados por Góes referem-se à vida que levava na Pedra e ao trabalho na fábrica, sendo estes os seus espaços de memória percorridos. Como Santos, a mente de Góes seria um terceiro lugar de memória onde busca as lembranças de que precisa para escrever, de forma seletiva como se espera do ato de rememorar segundo Sabina Loriga²³⁷. Assim, prossegue descrevendo situações que experimentou em seu trabalho na indústria com Delmiro e com outros empregados:

O seu filho [i. é. de Delmiro] Noé, apesar de criado e educado em um regime de rigorosa disciplina, era travesso e endiabrado. Quase sempre que ia ao

²³⁵ R.P., p. 25.

²³⁶ R.P., p. 33.

²³⁷ LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.p. 11-37.

escritório “pintava o sete”. Desarrumava papéis, derramava tinteiro e depois manda que os funcionários arrumasse tudo “para papai não ver”. Certa vez, um nosso colega do escritório – trabalhávamos como chefe dos apontadores –, nos contou que os colegas do escritório estavam aperreados com as trelas do Noé, mas tinham receio de levar ao conhecimento de Delmiro êste fato.

Por má sorte de Noé, entra êle um dia na nossa seção as 2 horas da tarde – mais ou menos – e, passando pelo nosso birô, vira o tinteiro, sujando toda mēsa, os papéis e diz para nós: “mande limpar isto”. Retruquei: “não, fica como está, para o Cel. Delmiro ver”. Os nosso colegas do escritório e da seção, fizeram tudo para que mandássemos limpar, cada qual oferecendo-se para tudo endireitar. Não cedemos, retrucando que deixávamos para que o Cel. Delmiro visse as trelas de Noé, porque tínhamos a certeza de que êle não as aprovava.

De fato, lá para 4 ou 5 horas da tarde, mais ou menos, entra Delmiro pela nossa seção e, olhando para o nosso birô, diz asperamente: “Sr. Góes, que sujeira é essa? Mande limpar isto imediatamente!! Vou mandar substituí-lo! Cel. Delmiro, dissemos: “deixamos o birô neste estado para o sr. ver. Noé, passando por aqui, derramou o tinteiro por cima dêstes papéis. Êle tem o hábito de fazer isto no Escritório, mas o pessoal receia lhe dizer. Está bem, “mande limpar a mesa. “Fez bem me dizer”. No outro dia pela manhã, entra Noé na seção e virando-se para nós diz: “você foi dizer a papai e êle deu em mim”²³⁸.

Nesta transcrição, percebe-se a relação que Góes mantinha com os colegas, o cargo que ocupava na fábrica e a aproximação com o patrão. O biógrafo era chefe de seção e mantinha um relacionamento amistoso com os trabalhadores. Negou-se a acobertar as “trelas” de Noé, filho de Delmiro, dando um basta ao seu mau comportamento no departamento por relatar corajosamente ao chefe o que aquele costumava fazer. Ter contado ao proprietário da indústria o que seu filho fez, mesmo sob insistência dos outros funcionários para que não o fizesse, é uma prova do tipo de ligação que Góes mantinha com Gouveia. Por mais que o empresário fosse autoritário e causasse medo entre os empregados, Góes não se intimidou, o que sugere que talvez, devido à ligação do seu pai com Delmiro, o jovem chefe de seção sentiu-se à vontade para apontar o mau comportamento do garoto. Ainda sobre sua relação com os demais funcionários, o biógrafo continua descrevendo como procurava lidar com certas situações no ambiente de trabalho:

Êste mesmo Justo Gomes, fiscalizando um dia a seção de fiação – enroladores – notou que um empregado conhecido pela alcunha de “Piroca”, havia derramado um pequeno depósito de azeite com que lubrificava as máquinas. Chamou-o, mandou que limpasse o chão – local sujo –. Depois foi a seção de pagamento, olhou para mim e disse: “Lauro, redija a parte que vou dar do empregado “Piroca””. Ponderei que estava ocupado e que êle mesmo a redijisse. Ocupou uma mēsa e escreveu a seguinte parte: “senhor Diretor-Gerente da Cia Agro Fabril Mercantil. Comunico a V.S., que o

²³⁸ R.P., p. 28, 29.

empregado “Piroca” derramou a azeiteira de azeite e ficou de “coca”.
Saudações. Justo Gomes – fiscal”.
Todo pessoal “gozou” com este sistema de dar parte²³⁹.

Como alguém que exercia um cargo de confiança, foi sutil com o fiscal Justo Gomes esquivando-se de se envolver numa advertência a um trabalhador, evitando prejudicar sua relação com os empregados, mas ao mesmo tempo não entrando em conflito com o fiscal. A impressão que Góes passa sobre si na obra é de que era uma pessoa submissa, honesta, esforçada e corajosa. Seu ordenado foi aumentado duas vezes e ele funcionalmente promovido quatro vezes.

Apesar da rigidez de Delmiro quanto ao comportamento dos seus subalternos na Vila da Pedra, na fábrica ou “dentro do arame” – como se referiam à vila operária cercada por arame farpado – tanto a população como os empregados encontravam, em alguns aspectos, maneiras de “driblar”, por assim dizer, as regras por ele impostas. No trecho abaixo, o autor de *Recordações* conta como um empregado esquivou-se de uma advertência de Delmiro quando pego dormindo em serviço, um exemplo disso na fábrica:

Justo Gomes, natural da Vila do Espírito Santo – hoje Tabira – Afogados d Ingazeira, Pernambuco, rapaz ativo, inteligente, mas semi analfabeto, conseguiu galgar, pelo seu comportamento e suas atividades fiscalizadoras, o cargo de Fiscal Geral da Seção de engomadeiras. Um dia, à noite, o Justo encontrava-se á entrada da seção onde, pensativo, ficou esquecido dos seus deveres de fiscal. E tão embevecido estava, no seu pensar, que não notou e nem sentiu a aproximação de Delmiro com os seus “célebres” sapatos de borracha... que o tirou de seus sonhos com “dois dos seus famosos gritos”: “seu Justo, o que o senhor está fazendo aí, deixando a seção abandonada??! O que está pensando??” O Justo, parece incrível, dominou os nêrvos, e respondeu [...] “Coronel Delmiro, eu estava pensando como poderia conseguir um retrato do senhor...” Vá hoje a noite na minha casa que lhe darei um”, foi a resposta de Delmiro”.

No dia seguinte à noite, estava êle de folga, foi a casa de Delmiro, de quem recebeu uma fotografia, na qual foi posta uma dedicatória. Pela manhã, o Justo andava ufano, mostrando a fotografia conquistada, através de um sonho e “dois gritos”... Porém, se os nêrvos não o tivesse ajudado, o estouro teria sido de arrepiar²⁴⁰.

O excerto a seguir mostra como os moradores da vila operária quebravam sorrateiramente as normas com respeito ao namoro dentro do arame:

²³⁹ R.P., p. 13.

²⁴⁰ R.P., p. 12, 13.

Dada a proibição drástica de Delmiro quanto a “romances amorosos dentro do arame” a rapazeada realizavam os seus “programas” “fora do arame”; portanto, afastado da vigilância dos vigias; as “nossas conquistas dentro do arame”, eram ouvidas fora do arame...²⁴¹.

[...]

No serviço, cada um possuía uma pilha elétrica que somente podiam usá-la no trabalho e, quando altas horas da noite, deixava o serviço dada a distância da Fábrica das suas residências; mas usavam-nas, as escondidas no mato, fora do arame quando dos “programas” organizados... Muito dos vigias bancavam “camaradas”, não se aproximando das zonas “perigosas”...; isto porque as vezes Delmiro cismava e determinava “rondas” por “fora do arame”. Ele sabia bem, que “ninguém era de ferro”. Ele tinha as suas francesas do Recife e nós, as escondidas, tínhamos que nos arrumar com as nossas francesas sertanejas...”²⁴².

Conforme citado, tanto Góes quanto seus colegas, por mais que respeitassem as ordens do empresário, muitas vezes utilizavam formas de romper com este domínio quase absoluto. Especialmente quando se tratava dos “romances”. O biógrafo coloca-se numa posição de “igualdade” com Gouveia quando diz que “ninguém era de ferro” e que assim como Delmiro tinha suas “francesas recifenses”, os empregados procuravam suas “francesas sertanejas”, ou seja, como homens, seja patrão, seja funcionário, todos tinham o direito de satisfazerem seus desejos sexuais e afetivos, o que justificava a violação da ordem. Isso mostra que embora Gouveia cercasse a vila operária com arame, designasse vigias e fizesse rondas, não controlava tudo. Todo o aparato regulador criado pelo coronel não era suficiente quando seus subordinados resolviam “rebelar-se” de alguma forma em benefício próprio.

Outro aspecto importante da trajetória de vida do coronel escrita por Góes é que, da mesma forma que Santos, ele afirma contar “a verdadeira história” sobre alguns fatos que segundo ele foram descritos incorretamente por outros biógrafos. É como se Góes dissesse: – *Eu tenho propriedade para relatar este fato porque estava lá. Vi o que aconteceu. Quando não vi, foi-me contado por meu pai ou meu amigo o coronel Aureliano de Menezes que também era funcionário da fábrica e amigo de Gouveia. Isso quando não ouvi da boca do próprio Delmiro. Inclusive, cita nomes de escritores no texto que segundo ele teriam escrito informações equivocadas sobre algumas situações que narraram:*

Na biografia escrita pelo escritor Mauro Mota, existem afirmações feitas por outras pessoas a respeito das paragens - já célebres - do trem de Piranhas a Jatobá e a seu chefe, o cidadão Alexandre Gomes de Menezes (Xandú) que

²⁴¹ R.P., p. 30, 31.

²⁴² R.P., p. 32.

não representam a verdade. O Sr. Xandú foi nosso velho conhecido desde os nossos tempos de criança [...] As informações dadas ao escritor Mauro Mota não correspondem a verdade. Ao contrário, foi uma tentativa desonesta, para ridicularizar um velho servidor da antiga Great Western.

Aliás, consideramos não apenas uma tentativa para desmoralizar o velho Xandú, mas também uma pilhéria de mau gosto contra os dois – Great Western e Alexandre Gomes de Menezes –. Também as informações que lhe deram de que o Sr. Xandú mandava parar os trens no meio do caminho para os passageiros comêrem frutas, pelo funcionário e passageiro, é uma deturpação da história, que dela só pode sair prejudicada. Não se faz história com ridicularias ou tentativa de prejudicá-la. O informante do ilustre escritor Mauro Mota, devia ter ficado onde está – no anonimato²⁴³.

Noutra citação com objetivo semelhante, lê-se:

Uma escritora, afirmou em um seu livro sobre Lampião, que ele foi empregado de Delmiro. Ela foi mal informada. Lampião nunca foi empregado de Delmiro. Se esteve na Pedra, como tropeiro de Veremundo Soares e Cornélio Avides, de Salgueiro e Vila Bela (hoje Serra Talhada), conduzindo peles. Nome da escritora: Aglae Lima de Oliveira²⁴⁴.

Visto que Lauro Góes declara fundamentar-se na verdade, já que foi testemunha do que escreveu ou ouviu de outras testemunhas que presenciaram os fatos relatados e que, segundo ele, são indelévels, qualquer informação contrária seria uma mentira ou um equívoco. Sobre o compromisso com a verdade, Felipe Fernández-Armesto critica os historiadores que a rejeitam como tema, especialmente os pós-modernos e suas teorias de inexistência da verdade. Para ele, é preciso um novo modo de entender e identificar a verdade: “não há ordem social sem confiança, e não há confiança sem verdade ou, no mínimo, sem procedimentos aceitos de apuração da verdade”²⁴⁵. Embora Fernández-Armesto direcione seus comentários aos historiadores, não se deve esquecer que Góes também conta uma história e como narrador da vida de Delmiro posiciona-se ao lado da verdade.

Ao mesmo tempo em que tece críticas às obras *Quem foi Delmiro Gouveia?*²⁴⁶, biografia escrita por Mauro Mota, e *Lampião – Cangaco e Nordeste*²⁴⁷, de Aglae Lima de Oliveira, faz laudos elogios à narrativa biográfica feita por Hildebrando Menezes, segundo ele, fiel e precisa sobre a história do personagem, especialmente no que tange ao seu assassinato.

²⁴³ Ibidem, p. 18.

²⁴⁴ Ibidem, p. 15.

²⁴⁵ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Introdução: sob a coruja – verdade, tempo e história. In: **Verdade: uma história**. Tradução de Beatriz Vieira. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 17, 18.

²⁴⁶ MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. (coleção Para Todos, 2).

²⁴⁷ OLIVEIRA, Aglae Lima de. 2ª Edição. **Lampião – Cangaco e Nordeste**. São Paulo: O Cruzeiro, 1970.

Em conclusão à sua exposição, Góes avisa ao leitor que transcreverá, e o faz, partes da biografia escrita por Hildebrando Menezes relacionadas à morte do empresário. Góes reserva sete laudas para citar trechos desta obra afirmando que não se trata de um plágio, mas seu intuito é fornecer informações corretas sobre os responsáveis pela tragédia.

Com isso, ao escrever cada detalhe das suas *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, o empregado fragmentou eventos da vida do patrão, da vila operária, da fábrica de linhas, da Pedra, misturou a acontecimentos individualmente seus e espalhou sobre os rascunhos que compôs.

Capítulo 5

HISTÓRIAS CRUZADAS: LAURO GÓES x ADOLPHO SANTOS

*“Senhores, daqui não passo,
Desculpas, se demorei
Narrando a vida de quem
No Nordeste admirei
Não tanto pelo que foi
Mas, pelo que dele sei.”*

Luiz Nunes Alves²⁴⁸

Este estudo buscou um diferencial em relação às pesquisas e aos trabalhos produzidos em torno de Delmiro Gouveia que figurou e ainda figura como modelo de identidade nordestina. Para isso, é indispensável fazer um cruzamento entre *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*, e, *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, comparando os trabalhos destes dois biógrafos, examinando em quais aspectos eles se distinguem e em quais convergem.

Foi mostrado que tanto Santos, quanto Góes mantinham uma relação de afetividade com Gouveia. O primeiro era casado com sua sobrinha, portanto, seu parente. O segundo, filho de um amigo seu. Ambos foram funcionários de Delmiro e colegas de trabalho. Quando Góes chegou a Pedra, 1914, para trabalhar no escritório da fábrica de linhas, Santos já estava lá há seis anos, como contador da Iona & Cia, sendo transferido para a fábrica naquele mesmo ano, onde exerceu a função de gerente. Evidências de que ambos se conheceram e conviveram durante certo período podem ser verificadas em duas menções que Lauro Góes faz de Adolpho Santos em seu registro. A primeira quando se referiu ao casamento de um colega, Nelson Menezes, cuja noiva era filha de Santos: “Certa ocasião, na véspera do seu casamento, Nelson Menezes, que ia casar com uma sobrinha de Delmiro, filha de **Adolfo Santos**, nos

²⁴⁸ ALVES, Luiz Nunes. **A vida de Delmiro Gouveia em verso**. Série Romancero Popular Nordestino – Biografias /1. Campina Grande: EDITEL / UFPB, 1979.

convidou para irmos a feira”²⁴⁹. A segunda ao criticar o fato de o mesmo ter sido acusado do assassinato do industrial:

Na época do seu assassinato, surgiram várias acusações a diversas pessoas, além das feitas contra José Rodrigues de Lima – de Piranhas –, e José Gomes de Lima e Sá – vulgo Bôca Mole –, de Jatobá de Tacaratu – Pernambuco. Outras acusações apareceram contra o Capitão Firmino Rodrigues de Lima, que chegou a ser preso e conduzido a Maceió, onde depois de ouvido foi posto em liberdade. Também foram feitas acusações contra Temístocle Leal, primo ao Capitão Firmino e, por cúmulo, contra Iona e Adolfo Santos, o que por várias razões não podemos admitir²⁵⁰.

Além disso, seus textos diferem das demais biografias sobre Delmiro Gouveia porque, dentre outras coisas, são também autobiográficos, outro motivo pelo qual são tão cheios de curiosidades. Ao se cruzar as histórias do *contador* e do *empregado* pode-se apreender delas as impressões que estes ex-funcionários tinham do seu *patrão*. Em quais pontos se diferem ou se equiparam. Por exemplo, ambos concordam ao descreverem a prisão de Gouveia no sertão de Alagoas e a comoção em torno de sua libertação. Sobre isso, Góes escreveu:

“Em uma destas viagens, um seu amigo de Piranhas o avisou que um oficial da polícia de Pernambuco, passaria de trem com destino a Jatobá, naquêle fatídico dia 24 de maio de 1904.

“Delmiro, já habituado a ir a estação para realizar estas visitas de cumprimento, logo após a chegada e a passada do trem, subiu ao vagão e dirigiu-se ao Tenente João Izidoro – comandante da fôrça –, para cumprimentá-lo”

“O arbitrário policial perguntou quem era êle e, ao saber de quem se tratava, deu voz de prisão, determinando a imediata partida do trem para Jatobá”.

[...]

Levado Delmiro para a cidade de Jatobá, por João Izidoro, ficou êle detido no prédio da antiga prefeitura [...]

No dia seguinte a sua prisão a cidade de Jatobá começou a ser cercada pela gente dos seus diversos amigos: Coronéis, Ulysses Luna, Manoel Rodrigues da Rocha – pai de Thadeu Rocha – e elementos outros da família Torres – Água Branca, Santana do Ipanema e Paulo Afonso.

O cêrco de Jatobá, foi levantado, não no outro dia da prisão, mas depois que o Dr. Sérgio Numes de Magalhães – pai do ex-governador Agamenon

²⁴⁹ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p. 33. Grifo da autora deste trabalho.

²⁵⁰ Novamente neste capítulo serão usadas como referência às citações das biografias de Adolpho Santos e Lauro Góes as siglas D.B. para o Depoimento de Santos e R.P. para as Recordações de Góes, evitando as sucessivas indicações “idem” e “ibidem”; R.P., p. 10.

Magalhães – Juiz de Direito da Comarca, concedeu o habeas-corpo que custou ao Dr. Sérgio Magalhães uma disponibilidade forçada²⁵¹.

Santos versou o mesmo fato da seguinte maneira:

A atitude hostil do governo de Pernambuco foi ferir-lo ainda uma vez quando, já residindo na Pedra, fez uma viagem até Jatobá de Tacaratu para conhecer a zona e tratar assuntos do seu interesse. Ali chegando, um oficial da polícia pernambucana que andava em perseguição a cangaceiros e estacionara na localidade, sabedor do que se tramava contra Delmiro nos conciliábulos políticos em Recife, bem como do caso do rapto, prende-o sem mais delongas. Era um militar serviçal e visava ganhar a simpatia, talvez mesmo mais um galão na ombreira.

Os telegramas se cruzaram em todas as direções noticiando o fato sensacional.

Em seu socorro, o cel. Úlisses Luna espontaneamente partiu rápido de Água-Branca, comandando um forte grupo de homens armados, todos a cavalo, decididos a lutar pela liberdade do seu amigo.

[...] O relaxamento da prisão resultou de ordens terminantes recebidas pelo oficial em face das providências imediatas tomadas pelo governador de Alagoas e outros influentes amigos que se ocuparam energicamente do assunto²⁵².

As informações dadas por estes autores sobre a prisão do industrial, embora pouco diferentes, não são excludentes. Santos resumiu o acontecimento, indo direto ao ponto. Góes foi mais detalhista, apontado nomes, datas e lugares. As declarações se completam e não se contradizem, são um dos muitos pontos convergentes. Outros exemplos neste sentido aparecem nas passagens em que Delmiro é apresentado como coronel. Santos disse:

[...] indivíduo possuidor de latifúndio mais ou menos extenso, que cuida de agricultura rudimentar e de campos de pouca desenvolvida criação composta de algumas dezenas de cabeças de gado, mas dispõe de um forte e aguerrido corpo de “homens armados”, os “cabras”. (Assim se poderia fotografá-los naquele tempo; agora, dizem, a sua fisionomia clássica mudou um pouco). O prestígio do **coronel** se media na razão direta do menor ou maior número de homens capazes de matar a seu mando e do potencial do seu arsenal de guerra, mais do que pela fortuna e pelas boas qualidades morais.

E para que não ficasse em inferioridade de prestígio e respeito (mesmo porque o homem é produto do meio, como se sabe) forçoso lhe foi ter também um grupo de homens armados. Seus homens porém nunca praticaram chacinas, nem vinditas. Eram apenas a sua guarda militar, a polícia zeladora da ordem e dos costumes. Muitas vezes chegaram a Pedra criminosos pedindo proteção; Delmiro recebia-os, amparava-os e punha-os a

²⁵¹ R.P., p. 7-9.

²⁵² SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público**, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 25.

trabalhar como se estivessem numa escola correcional, reformadora de caráter [...]

A soma dos bens que espalhou apaga a mancha do **coronelato** de que foi contaminado, e deve sobrepujar sempre no exame de sua personalidade a messe das boas obras que foi a melhor cultura no campo de suas atividades²⁵³.

Quanto a isso, Góes declarou:

Delmiro mantinha um número regular de “vigias”, para garantir das suas propriedades e manter a ordem “dentro do arame”. Mesmo, “fora do arame”, nunca houve nenhuma alteração que viesse ou pudesse alterar a vida normal da Pedra. Somente após seu assassinato é que passou a existir um destacamento policial, na vila – coisa que em vida nunca admitiu²⁵⁴.

[...]

Contou-se um velho morador da Pedra, que ao iniciar a construção do “Açude do desvio por – trás da estação da via férrea” –, tinha uns três ou quatro vigias, bem armado para manter a ordem dos que nêle – Açude –, estavam a trabalhar. Um dia em que Delmiro estava nos seus “azeites”, achou de chamar grosseiramente a atenção de um dêles e, dada a resposta, Delmiro machou para êle, dizendo: “cabra atrevido, eu o jogo dentro do açude”. O vigia, tipo dobrado de criminoso, enviado por um seu amigo para guardá-lo, afastou-se, de costa e disse: “Coronel, se der um passo mato-o”. Delmiro, disse-nos o nosso informante – Manoel Joaquim Correia da Silva” –, estava desarmado e, medindo o perigo a que estava expôsto, disse: “cabra, desapareça da minha frente imediatamente”. O vigia rebelado, mediu as consequências também – porque vigias apontaram os rifles para êle. Matava Delmiro, mas seria eliminado. Por isso, afastando-se, deixou cair o rifle e, recuando de costa, ainda com um revolve, internou-se no mato, desaparecendo de vez²⁵⁵.

Mais uma vez os textos apresentam-se complementares. A narrativa do *empregado* sobre o coronel comandar um grupo de homens armados à sua disposição e como resolveu a questão com o vigia “rebelde” durante a construção do açude, comprovam a afirmação do *contador* de que Gouveia fazia parte do “coronelato” da época. Este é um aspecto das sociedades destes três protagonistas – Gouveia, Santos e Góes – que pode ser extraído dos seus textos. Santos, porém, justifica os “cabras” que Gouveia mantinha a seu serviço afirmando que devido à “triste contingência social no sertão”, o “coronel dos coronéis” viu-se *obrigado* a aderir a esta prática, mas seus homens nunca praticavam chacinas ou venditas. Serviam apenas como guardas, zeladores da ordem e dos bons costumes.

²⁵³ D.B., p. 27, 28.

²⁵⁴ R.P., p. 10.

²⁵⁵ R.P., p. 36, 37.

Outras amostras da relação complementar entre as produções destes biógrafos podem ser observadas ao apontarem aqueles que, segundo eles, são os responsáveis pelo homicídio do empresário. Segundo Góes:

Os assassinos – executores – de Delmiro foram 3 (treis)?: Antônio Róseo e Jacaré, ex-empregado da Fábrica de Linhas e, Antônio Felix filho de Maria Felix, vendedora de frutas e verduras na feira de Jatabá de Tacaratu – Pernambuco – , onde os conhecemos quando ainda éramos meninotes²⁵⁶.

[...]

Aos que não nos conhecem, afirmamos que esta transcrição [do texto de Hildebrando de Menezes], não é um plágio; mas uma tentativa de caracterizar o único responsável pela eliminação de Delmiro Gouveia – Machine Cottons –. Crime monstruoso, praticado não apenas contra a pessoa humana, porém contra o patrimônio industrial nacional, visando a destruição total do maquinismo de fabricação de linhas de coser da Fábrica da Pedra – o que foi conseguido²⁵⁷.

[...]

Ao encerrarmos esta plaqueta, deixamos em suspenso estas interrogações:
1º os mandantes foram apenas os dois – José Rodrigues de Lima e José Gomes de Lima e Sá, vulgo “Bôca Mole”, constantes do processo, ou há alguém escondido?
2º Os executores também foram os três ou outros mais que escaparam à cadeia?
3º Quem moveu os cordões junto aos “Josés, para a execução do nefando crime?”²⁵⁸

De acordo com Santos:

O comerciante de peles, revelando-se adiantado industrial, sempre procurou produzir o melhor pelo menor preço, e isso despertou as iras do **trust** de linhas que opera no mundo com diferentes nomes e no Nordeste age por intermédio do Machine Cotton Limited como senhora absoluta dos mercados brasileiros. Esse grupo de argentários, mais de uma vez tentou abolir a concorrência que a Companhia Agro-Fabril Mercantil lhe movia invadindo todas as praças onde, antes do aparecimento da linha marca “Estrela”, somente ele dominava em campo livre.

[...] Somente após a morte do valoroso homem de finanças e de trabalho, o **trust** inglês conseguiu comprar todas as máquinas que se aplicavam à fabricação de linhas as quais máquinas mandou quebrar a golpes de marreta, arrebentando-as todas completamente, tendo-as inúteis para qualquer mister²⁵⁹.

²⁵⁶ R.P., p. 11.

²⁵⁷ R.P., p. 49, 50.

²⁵⁸ R.P., p. 54.

²⁵⁹ D.B., p. 39.

[...]

E vamos examinar as razões do seu assassinio.

As questões de terra e os interesses políticos contrariados são, no interior, motivo de grande força para acirrar ódios e acarretar desgraças. Delmiro foi vítima desses dois motivos - essas duas razões de causa efeito²⁶⁰.

[...]

Dos mandantes, José Gomes de Sá, logo que foi pronunciado, foragiu-se indo homiziar-se no interior do Ceará onde se tornou chefe de um bando de malfeitores; o outro [José Rodrigues], que foi feito deputado estadual pelo Governo de então, em Alagoas, valeu-se de imunidades e ficou impune.²⁶¹

As expressões acima nas citações de ambos os autores apontam para os mesmos responsáveis pela morte do personagem, porém, abordam distintamente a mesma história. Góes é categórico ao afirmar que o grupo inglês Machine Cottons, concorrente de Delmiro no ramo de linhas, foi quem encomendou sua morte. Cita os nomes dos supostos atiradores, Antônio Róseo, Jacaré e Antônio Felix, os quais teriam eliminado o industrial sob as ordens do coronel José Rodrigues e do chefe político de Jatobá de Tacaruna, José Gomes de Sá. Santos, por sua vez, explica que Delmiro foi vítima de disputas de terras e interesses políticos. A primeira referindo-se à inimizade que se instaurou com José Rodrigues devido a limites territoriais. A segunda, rixa desenvolvida por José Gomes de Sá contra o negociante em virtude da perda da “comissão” que recebia como coletor estadual de Alagoas sobre os impostos de exportação da empresa Iona & Cia. Com a mudança no governo alagoano, o coletor perdeu seus lucros. Para Santos, esses seriam os responsáveis pela morte de Gouveia. No entanto, não deixa de mostrar as vantagens que o grupo Machine Cottons obteria com a eliminação do industrial, sugerindo assim que o referido também estava envolvido no crime.

Narrativas realmente contrárias em relação aos mesmos fatos descritos por Santos e Góes foram constatadas apenas quando se referiram ao trem que fazia o trajeto de Piranhas a Jatobá, em que Góes escreveu que o mesmo nunca parava para que o maquinista ou os passageiros comessem frutas. Já Santos disse que o trem parava por este motivo. Também quando ambos tratam da suposta agressão sofrida pelo vice-presidente da república Rosa e Silva. O autor de *Depoimento* relata que Delmiro o agrediu, enquanto que o escritor de *Recordações*, por outro lado, diz que ouviu do próprio Gouveia que não atacou o conselheiro, apenas o assustou.

²⁶⁰ D.B., p. 41.

²⁶¹ D.B., p. 40.

Neste breve cruzamento entre as histórias do *contador* e do *empregado*, nota-se que suas narrativas são distintas, específicas. Góes concentra-se no cotidiano da fábrica e na vida em Pedra. Delmiro é o alvo dos seus registros, mas divide a cena com funcionários, os quais têm suas histórias contadas pelo colega. O relato abrange apenas três anos da vida do personagem e do autor, pois esse último deixou a Vila da Pedra em 1917, antes do assassinato do empresário. Santos, entretanto, optou pela narrativa biográfica tradicional, indo às origens do biografado até depois da sua morte, quando da destruição das máquinas da fábrica. Seu texto não está recheado de histórias como o de Góes. As descrições giram em torno do personagem, apresentadas de forma a valorizar suas virtudes enquanto empreendedor. Santos mudou-se de Pedra para Recife em 1927, dez anos após a morte de Gouveia, permanecendo lá apenas enquanto a indústria ainda pertencia aos herdeiros do coronel. Ambos os biógrafos afirmam que a necessidade de contar a “verdadeira” história sobre Delmiro os motivou a escrever.

A forma como construíram suas narrativas, parte especialmente da maneira como entendiam sua realidade e a forma como viam seu patrão. Deve-se considerar que quando trabalharam para Delmiro, Santos já era homem maduro, de família, pai de quatro filhos. Góes era um menino, chegou em Pedra com 16 anos. Nesta perspectiva, Santos enxergava no negociante alguém irrepreensível, dotado de uma inteligência singular, de passos medidos e ponderados, um “predestinado”. Sua gratidão por Delmiro e admiração por suas realizações levaram-no a escrever uma história completamente positiva sobre o personagem:

Havia qualquer misterioso poder governando as ações de Delmiro, agindo com tamanha influência sobre o seu espírito que o impelia sempre para adiante, custasse embora esforços incomuns, para produzir e criar, para reformar e engrandecer mais e sempre. Não podia estacionar a sua senda de trabalho²⁶².

[...]

Não era um tirano nem um usurpador, porque era um legítimo orientador vivendo em simbiose com os seus orientados, agindo como guia experimentado em face dos menos decididos ou mais arrojados, traçando-lhes a linha reta do meio termo para completa realização de um trabalho regular produtivo, eficiente, compensador²⁶³.

Góes, embora nutrisse a mesma admiração e gratidão que seu *colega* pelo industrial, não hesitou em mencionar aspectos negativos de sua personalidade, apesar de elogiá-lo na

²⁶² D.B., p. 26.

²⁶³ D.B., p. 38.

maior parte da sua biografia. Em seus agradecimentos, por exemplo, Góes esforça-se por citar os dois lados de Delmiro:

Não foi êle – Delmiro –, apenas do seu grande valor e predominância na direção dos seus negócios e nos meios sociais em que viveu, o “anjo” que muitos dos seus biógrafos afirmavam e pintavam, nem também o patrão que aterrorizava em sua presença os seus funcionários e empregados. Tinha, também, o seu lado humano e... desumano; como pioneiro que foi na instalação do primeiro centro industrial no Sertão do Nordeste e Norte do Brasil. Que funcionou com a matéria prima humana dos nossos sertões. Matéria prima valorosa, inteligente e capaz.

Nêle, como empregado que fomos, da sua grande Empresa – Cia. Agro Fabril Mercantil, devemos a nossa formação de amar ao trabalho e disciplina, método de vida e senso de responsabilidade. Os nossos 17 anos incompletos, na época, agradecem a Delmiro esta ajuda de amor ao trabalho²⁶⁴.

Além disso, o próprio título da biografia escrita por Góes, “*Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*”, revela que o cotidiano em Pedra e a convivência com o patrão não eram um “mar de rosas” como Santos descreveu. Apesar das poucas diferenças, tomando em consideração os aspectos apresentados, conclui-se que ambas as produções são complementares. Em geral, não falam das mesmas coisas. Os fatos escolhidos por Góes não são os mesmos escolhidos por Santos, exceto algumas ressalvas. Esses documentos muito esclarecem sobre o personagem e seus escritores. Se reunidas as duas produções, gerariam uma terceira biografia mais abrangente.

5.1. O TEMPO DE ONTEM E O TEMPO DE HOJE NO “DEPOIMENTO” DO CONTADOR E NAS “RECORDAÇÕES” DO EMPREGADO

Os trabalhos de Adolpho Santos e de Lauro Góes estão permeados de informações sobre o contexto social, cultural, político e econômico da sociedade em que as descrições sobre Delmiro Gouveia estão inseridas (1863-1929) – tempo do qual se fala, tempo de ontem –, bem como apresentam influências do momento em que foram registrados (1947; 1962-1973) – tempo em que se fala, tempo de hoje. O diálogo entre esses “tempos” pode ser observado tanto no conteúdo, quanto na forma em que estas trajetórias são escritas, inclusive no modo como os autores se posicionam sobre o que dizem. No que refere ao *tempo do qual*

²⁶⁴ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver (1914-1917)**. Documento manuscrito: 1962. p. 42.

se fala, pelo menos dois aspectos podem ser expressos dessas duas obras: o fenômeno do coronelismo e as concepções sobre o Nordeste.

O termo “coronelismo” é utilizado para definir uma estrutura de poder em âmbito local que teve suas raízes no Império, mas continuou vigorando durante a Primeira República (1889-1930), exercido por um chefe local – o coronel – em geral latifundiário, que domina a comunidade detendo poder político e econômico²⁶⁵. Essa estrutura de poder teve suas raízes na tradição patriarcal e no arcaísmo, ligado a economia e sociedade agropecuárias. Suas bases remontam à criação da Guarda Nacional, em 1831, em substituição às milícias do período colonial. Nesta hierarquia, a patente de Coronel era nomeada pelo governo central ou pelo presidente da província, que tinha como responsabilidade zelar pela integridade do Império e da Constituição. Visto que o Brasil estava alicerçado nas oligarquias, através principalmente do tráfico de influências e da corrupção política, os grandes latifundiários que já exerciam algum poder sobre suas comunidades eram constituídos coronéis²⁶⁶. Segundo Victor Nunes Leal,

a patente de Coronel correspondia a um comando municipal ou regional, por sua vez dependente do prestígio econômico ou social de seu titular, que raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais. De começo, a patente coincidia com um comando efetivo ou uma direção que a Regência reconhecia para a defesa das instituições. Mas, pouco a pouco, as patentes passaram a ser avaliadas em dinheiro e concedidas a quem se dispusesse a pagar o preço exigido ou estipulado pelo poder público.

[...] Recebida de graça, como uma condecoração, acompanhada de ônus efetivos, ou adquirida por força de donativos ajustados, as patentes traduziam prestígio real [...] No fundo, estaria o nosso velho e conhecido, o latifúndio, com os seus limites e o seu poder inevitável²⁶⁷.

Sobre o fenômeno no Nordeste, Marcos Vinícios Vilaça e Roberto Cavalcante de Albuquerque (1988) explicam sua estrutura nessa região a partir do desenvolvimento da agropecuária. O boi, que serviu de alimento, vestuário, máquina e indústria, foi fator dinâmico do povoamento e da expansão das fronteiras no período colonial. Voltada para uma economia de subsistência, a criação de gado acentuou o crescimento populacional com a oferta de alimento e a retração da economia litorânea dos engenhos de cana-de-açúcar. Desse modo,

²⁶⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: CARDOSO, Fernando Henrique et al. **O Brasil Republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1977. p. 155.

²⁶⁶ LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5 ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986. p. 12, 13

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 13.

creceu a economia agropastoril no nordeste brasileiro²⁶⁸. O crescimento da fazenda, ampliando seu espaço com casas, casebres, capelas etc., aos pouco vai tomando aspecto de povoado, mais tarde transforma-se em vilas e por fim em cidades. Essas vilas mantiveram-se submissas ao senhor patriarca, dono das terras e das casas que a cercam. O coronel, esse patriarca, detentor da riqueza, da terra e das boiadas, torna-se dono dos povoados, das vilas, dos municípios. Esta situação se prolonga por muito tempo devido ao relativo imobilismo social, cultural e econômico do interior²⁶⁹.

Ainda para Vilaça e Albuquerque, o desenvolvimento socioeconômico desta sociedade agropastoril gira em torno das fazendas. A acumulação do capital se dá com o crescimento das boiadas (bovinas, caprinas), algum comércio de couro e laticínios, e o cultivo do algodão. Nesta dinâmica, a economia da fazenda é gerada pelo crescimento da pecuária, a comercialização agrícola e a produção animal. Os lucros obtidos de tais negócios são utilizados pelo coronel na compra de terras para aumentar os seus domínios e fortalecer seu poder e seu prestígio. Crescendo como dono de terras – muitas vezes usurpadas de pequenos proprietários – o coronel se expande em domínio e fortifica seu território. Protege amigos, persegue inimigos e cria uma hegemonia econômica, social e política, que define seu caráter de chefe²⁷⁰.

A prática do coronelismo teve sua expressão máxima durante a Primeira República (1889-1930), período em que o chamado “voto de cabresto” era naturalmente praticado, ou seja, o coronel definia, pela força ou pela troca, as escolhas dos eleitores em candidatos por ele indicados. Conforme Maria Isaura Pereira de Queiroz, algumas características do coronelismo incluem uma estrutura de clientela política, eleitores subordinados ao coronel; hereditariedade, a posição e o poder passam a um membro da família (não necessariamente o filho); grupos de parentela, familiares ou dependentes dos favores do coronel; bens de fortuna, o dinheiro e o prestígio eram determinantes²⁷¹.

Ao *menu* do coronelismo Vilaça e Albuquerque acrescentam itens como patriarcalismo, arcaísmo, mandonismo, autoritarismo e liderança única. Embora o coronelismo tenha ruído nos anos 1930, sua estrutura não se desfez de imediato, mas seus resquícios perduraram até final da década de 1950 e início da década de 1960, só se

²⁶⁸ VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Coronel, Coronéis** - Apogeu e Declínio do Coronelismo no Nordeste. Rio de Janeiro: EDUFF, 1988. 3ª Edição. p.24.

²⁶⁹ Ibidem, p.25.

²⁷⁰ Ibidem, p.26-28.

²⁷¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: CARDOSO, Fernando Henrique et al. **O Brasil Republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 157-174.

extinguindo completamente com o avanço pelo interior da modernização econômica, da transição social e da democratização política, presentes na indústria, na diminuição do analfabetismo, no crescimento urbano, na imprensa, dentre outros.

Delmiro Gouveia é um exemplo do fenômeno coronelista. Segundo Queiroz, a ascensão deste coronel veio mediante enriquecimento no comércio, o que o enquadrava num tipo de derivação do coronelismo já que a riqueza falava mais alto do que as tradições sertanejas e estabelecia laços entre Gouveia e as oligarquias, um “exemplo mais claro [...] da ascensão mediante a aquisição de bens de fortuna no comércio”²⁷². Ao descreverem o coronel Veremundo Soares (1878-1973),²⁷³ como um tipo híbrido, Vilaça e Albuquerque o comparam a Gouveia. Hibridismo no sentido de reunir tradição e modernidade. De acordo com esses autores, Veremundo e Delmiro foram coronéis corrompidos pelas novas formas sociais e estavam mais próximos da modernidade. Gouveia era ‘lido, viajado, dono de terras, ruas, pontos de comércio, hidroelétrica, “capitão-de-indústria-sertaneja”, sagaz, pactuava com a audácia de novos valores que o desafiavam”²⁷⁴.

Para Victor Nunes Leal, o fenômeno do Coronelismo não acabou em 1930, mas foi adaptando-se com a expansão do urbanismo às massas rurais que saíram do campo rumo à cidade, às modificações nos meios de comunicação e às novas lideranças que iam se estabelecendo em torno das indústrias, dos comércios e das profissões liberais²⁷⁵. Delmiro seria uma forma híbrida de “coronel evoluído”, fazendeiro e industrial, o que rendeu-lhe por parte dos seus memorialistas o título de “coronel dos coronéis”, o coronel moderno de empreendimentos ousados e inovadores²⁷⁶.

Modernização, sob a perspectiva do progresso tecnológico, era uma das ambições do coronel Delmiro traduzida na criação da hidroelétrica de Angiquinho e na Fábrica de Linhas Estrela. No entanto, ao mesmo tempo em que era moderno, também mantinha a tradição nos costumes e nas atitudes, como visto nas citações acima de Santos e Góes no início desta

²⁷² Ibidem, p.174-175.

²⁷³ Veremundo Soares foi coronel em Salgueiro, Pernambuco, constituindo-se numa importante liderança política local e regional do sertão nordestino. Filho do padre Joaquim Soares, ocupou o posto de Capitão-Cirurgião do 257º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional do município de Salgueiro. Era comerciante, industrial e latifundiário. C.f.: VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Coronel, Coronéis - Apogeu e Declínio do Coronelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1988. 3ª Edição. p.169-174.

²⁷⁴ VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Coronel, Coronéis - Apogeu e Declínio do Coronelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1988. 3ª Edição. p.45.

²⁷⁵ LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5 ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986. p. 26.

²⁷⁶ ARARIPE, J. C. Alencar. **A Glória de um Pioneiro – vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963; JÚNIOR, Félix Lima. **Delmiro Gouveia o Mauá do Sertão Alagoano**. Coleção Vidas e Memórias. Maceió: Grafitex, 2ª Ed. 1983; JÚNIOR, Félix Lima. **Delmiro Gouveia o Mauá do Sertão Alagoano**. Coleção Vidas e Memórias. Maceió: Grafitex, 2ª Ed. 1983; SANTOS, Adolpho. **Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)**. 1947.

consideração. Na obra *Modernização sem mudança: A indústria açucareira em Pernambuco 1840 – 1910*, (1977), ao discutir o processo de industrialização da produção açucareira em Pernambuco entre 1840 e 1910, Peter Eisenberg, dentre outras coisas, fala que apesar dos donos de engenho e produtores de açúcar terem se modernizado em relação à industrialização, não houve maiores mudanças na esfera social, permanecendo o poder e a concentração de renda nas mãos dos grandes latifundiários²⁷⁷.

Aplicando o mesmo raciocínio a Gouveia, embora a situação fosse distinta, pode-se afirmar dentro dessa lógica que ele praticava uma “modernização sem mudança”. No que se refere à industrialização, urbanização e educação, melhorando expressivamente a Vila da Pedra, diversificando o comércio, construindo escolas, dinamizando as feiras etc, criando uma vila operária com regras higienizadoras, só para se mencionar algumas, Delmiro se munuiu de elementos da modernidade. Porém, não mudou em relação à mentalidade e ao tratamento nas relações sociais. Conforme Lauro Góes, o coronel não se refreava de punir seus empregados no tronco, ou vigiar a vida dentro do “arame”, ditando regras *inquestionáveis*²⁷⁸.

Outro aspecto do coronelismo presente em Delmiro Gouveia era os tratos com os “cabras”. Segundo Frederico Pernambucano de Mello (2004), era comum entre os coronéis estabelecerem parcerias com cangaceiros:

Ao contrário do que teimam em afirmar certos intérpretes, não é possível surpreender uma relação de antagonismo necessária entre cangaceiro e coronel, tendo prosperado – isto sim – uma tradição de simbiose entre essas duas figuras, representadas por gestos de constante auxílio recíproco, porque assim lhes apontavam a conveniência. Ambos se fortaleciam com a celebração de alianças de apoio mútuo [...]²⁷⁹.

Neste sentido, Gouveia mantinha laços com cangaceiros, acolhendo muitos fugidos da polícia ou desertores de bandos, tornando-os seus jagunços. Segundo Góes, alguns “ex-bandidos” serviam como vigias da fábrica e da vila operária²⁸⁰. A própria hipótese de que Gouveia tenha sido vítima de coronéis locais quando do seu assassinato é uma prova da forte presença do coronelismo da época na região em questão, mostrando que era comum entre os coronéis contratarem “pistoleiros” ou enviarem capangas para dar cabo de seus inimigos.

²⁷⁷ EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança: A indústria açucareira em Pernambuco 1840 – 1910**. Paz e Terra, Campinas, 1977.p. 29-37.

²⁷⁸ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos reviver (1914-1917)**. Documento manuscrito: 1962.p. 32.

²⁷⁹ MELO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol - Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo, Editora A girafa, 2004.p. 87.

²⁸⁰ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos reviver (1914-1917)**. Documento manuscrito: 1962.p. 37.

Delmiro, o “coronel dos coronéis”, foi um dos expoentes mais interessantes desse fenômeno, por ter conectado modernismo e tradição, facilmente observadas nas suas realizações empreendedoras e em seu arrocho no trato.

O segundo aspecto apreendido nas biografias de Santos e Góes são as concepções sobre o Nordeste. A ideia que se faz da região Nordeste atualmente ainda guarda resquícios da imagem que se fazia desta na Primeira República (1889-1930). Mesmo no tão recente século XXI, termos como “cabeças-chatas”, “baianos”, “paraíba”, “jecas”, “Severinos” – sinônimos por assim dizer – ainda são vendidos a baixos preços no mercado das representações como identificadores dos habitantes desta região, que também parecem enxergar-se em contraste com o “sulista”. É generalizado o pensamento de que a região Nordeste é atrasada e sustentada pelo sul do país, cristalizada pela seca e pela miséria.

Mas as construções, ou mesmo criações, podem vir das interpretações: aquele sentido que se toma do que se ouve, lê ou vê, e que se julga ser verdadeiro. Pensando assim, muitas foram as interpretações que se fizeram e se fazem da região Nordeste, que contribuíram de uma forma ou de outra, para boa parte da concepção atual. O pensamento difundido nas primeiras décadas do século XX parece sobreviver ao tempo, permanecendo até hoje, mesmo que abalado. Isso se deve, segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999), tanto ao discurso da miséria, evocado pelos políticos da região em busca de investimentos, quanto à tentativa de intelectuais locais de construir uma identidade regional, o que culminou em muitos estereótipos²⁸¹.

Gilberto Freyre propôs uma interpretação do Nordeste a partir da sua formação social, ao analisar nos anos 1930 a formação da sociedade brasileira sob a perspectiva da miscigenação²⁸². Seu discurso sobre o Brasil ser produto da mistura das etnias branca, índia e negra tem como ponto de partida o Nordeste colonial, a casa grande, a senzala, as trocas culturais. O brasileiro seria a mistura desses povos, o que explicaria seu fenótipo e comportamento. Com isso, Freyre expôs o contexto de origem da ordem social brasileira ao descrever a intimidade da sociedade colonial. Outra interpretação do Nordeste vem de José Ribeiro Júnior (1976). Sua reflexão pauta-se na Companhia-Geral de Pernambuco e Paraíba, empresa que atuou entre 1759-1780 durante a administração pombalina nesta parte do Brasil, como vínculo comercial entre a colônia e a metrópole. Este Nordeste foi, em seu passado

²⁸¹ ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Campinas, SP: Recife, PE: Cortez/ Fundação Joaquim Nabuco, 1999. p. 249, 250.

²⁸² FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala** – Formação da família brasileira sobre o regime patriarcal. 51ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2006.

colonial, uma importante fonte de renda para Portugal e centro de abastecimento de matérias-primas, onde a metrópole mais lucrava: açúcar, couro, tráfico de escravos. Para o autor:

A COMPANHIA GERAL DE PERNAMBUCO E PARAÍBA recebeu o privilégio para atuar numa área que, desde o início da colonização fora a mais rentável: O NORDESTE BRASILEIRO. Essa área possuía enorme potencial a ser explorado, quer pela sua produção açucareira de tradição bicentenária, quer pelas suas florescentes fazendas de gado²⁸³.

Segundo Ribeiro Júnior, esta Companhia foi criada com objetivo de explorar a colônia em benefício de Portugal, num período de expansão do mercantilismo que antecedeu a transição para o capitalismo. Embora tenha falido, conseguiu por um tempo, e de certa forma, preencher sua função de intermediária, intensificando as ligações comerciais entre Pernambuco e Angola, e entre o “Nordeste” brasileiro, a metrópole e a economia mundial. Para além da exploração da região e das disputas entre colonos e metropolitanos, já que o autor pretende com sua obra mostrar que o subdesenvolvimento tem suas raízes na exploração colonial, seu objetivo é discutir o papel que a região desempenhou na economia daquele período. Sua interpretação enfatiza a importância que o Norte exerceu no território brasileiro ao lançar as bases de sua sociedade comercial, rompendo com a atual visão de que *sempre* foi um lugar atrasado. Para ele, o que contribuiu para o declínio no ritmo de crescimento do Nordeste do país foi o deslocamento de capitais e mão de obra para a zona mineradora no final do século XVII²⁸⁴.

Outra interpretação do Nordeste pode ser extraída de Evaldo Cabral de Mello e seu exame da economia agrária durante o segundo Império. Em *O Norte agrário e o Império (1871-1889)*, Mello analisa a política econômica, os investimentos e as deliberações parlamentares destinadas às províncias do norte e do sul neste período, refletindo sobre as disputas provinciais, decorrentes desta dualidade, pelos favores do governo imperial. Há em sua obra certo rancor pelos rumos que a relação entre o governo central e o norte tomou. O Nordeste foi o centro da economia brasileira durante o colonialismo porque o açúcar, principalmente, era um produto que garantia altas somas lucrativas aos bolsos de Portugal sendo o centro de suas atenções. Essa situação não sofreu grandes alterações no primeiro reinado, porém, durante o segundo, com a queda de mercado do açúcar e a alta do café,

²⁸³ RIBEIRO Júnior, José. **Colonização e monopólio no Nordeste brasileiro: a Companhia-Geral de Pernambuco e Paraíba, 1759-1780**. São Paulo: Hucitec, 1976. p. 204.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 61, 62.

ocupando seu lugar na exportação, o Norte viu seus investimentos serem deslocados para as lavouras de café do Sul²⁸⁵.

Em geral, as biografias sobre Delmiro Gouveia apontam para o Nordeste como uma terra de dificuldades, mas também de possibilidades as quais o coronel soube aproveitar. A figura do industrial é tomada pelos seus memorialistas como exemplo do potencial desenvolvimentista da região. Dentre esses biógrafos, Tadeu Rocha expressou-se da seguinte forma sobre seu empreendedorismo:

[...] mais do que uma usina hidroelétrica e uma fábrica de linhas, ele inaugurou em pleno sertão, a era industrial, aproveitando as forças da natureza, a matéria prima regional e o braço do trabalhador nordestino, descendente de brancos e negros, que se misturaram com os índios da região das últimas quedas do “rio dos currais”, que também foi (e continua sendo) “o rio da unidade nacional”²⁸⁶.

Desse modo, Rocha propõe uma interpretação do Nordeste através da personalidade de Delmiro, retomada como modelo de progresso. Outros biógrafos apresentam o empresário como visionário, redentor, civilizador, educador, ‘formador de gentes’ em meio a uma região de homens rudes, incultos e despreparados. Sobre isso, J. C. Alencar Araripe escreve:

Olhando a pequena usina nos alcantilados da Cachoeira, perguntava a mim mesmo o que não seria hoje o Nordeste se Delmiro tivesse logrado concretizar tôdas as grandes idéias que concebera. Ali fôra dado um passo decisivo para o progresso regional²⁸⁷.

[...]

Quando vivia Delmiro Gouveia a situação se apresentava outra. O Nordeste era o paraíso do fanatismo e do cangaço. As ferrovias pouco se haviam expandido. O transporte pelo interior, na dependência das alimárias, fazia-se de maneira extremamente lenta²⁸⁸.

Para Félix Lima Júnior, Gouveia realizou no sertão algo que as autoridades governamentais tinham obrigação de fazer, “Delmiro deu água, luz, boas estradas e conforto ao sertão, enquanto se sucediam Presidentes da República e Ministérios”²⁸⁹:

²⁸⁵ MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte agrário e o Império (1871-1889)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.p.13-28.

²⁸⁶ ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia** – o pioneiro de Paulo Afonso. Recife: UFPE, 3ª Ed. 1970. p.15.

²⁸⁷ ARARIPE, J. C. Alencar. **A Glória de um Pioneiro** – vida de Delmiro Gouveia. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963.p. 7.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 11.

²⁸⁹ JÚNIOR, Félix Lima. **Delmiro Gouveia o Mauá do Sertão Alagoano**. Coleção Vidas e Memórias. Maceió: Grafitex, 2ª Ed. 1983. p. 161.

“O vale do São Francisco, uma das mais ricas e importantes zonas do continente, continua estacionado na idade do couro, ou seja, na mais recuada etapa de uma sub-civilização pastoril” – escreveu Wilson Lins. Delmiro tirou o sertanejo dessa idade, e fê-lo passar á dos telefones, telégrafos, cinema e refrigeração.

[...] Domadas as águas do rio, aproveitada a força para elevá-las e distribuí-las, o governo não teria tido necessidade de, muitos anos depois, demarcar o famoso “Polígono das secas – área castigada por um sol de fogo, batida pelas patas dos animais, famintos e sedentos numa retirada trágica, tentando salvação nem sempre possível²⁹⁰.

Para Olympio de Menezes, o negociante e suas realizações foram um contraponto ao fanatismo, messianismo e banditismo traduzidos em padre Cícero, Antônio Conselheiro e o cangaço:

Havia iniciado no sertão uma nova era aproveitando apenas uma partícula da fôrça de Paulo Afonso, princípio de civilização na caatinga hostil, bordada de mandacarus e chique-chiques, tôda aquela vegetação de acúleos, que levou o grande sábio Martius a classificá-la de “silva hórrida” completada pela paisagem humana do sertanejo, homem rude, é verdade, porém de alta expressão de capacidade e resistência, injuriado pela má fama do cangaceiro que naquelas paragens encontrou durante anos sucessivos o seu meio, por excelência, proveniente, de raízes profundas e diversas, ora de estímulo a uma valentia desperdiçada, ora de deformante fanatismo religioso sediado nos agrupamentos de Canudos ou do Juazeiro do Norte²⁹¹

A citação de Adolpho Santos reapresentada abaixo, sob outra perspectiva, concorda com os autores citados:

Ali, onde outrora medravam cactus e os mandacarus e os chique-chiques ásperos e cobertos de espinhos cresciam nos descampados; onde só havia sobra para os que fugiam à canícula ao pé das favelas traiçoeiras e algumas braúnas esparsas; - ergueu-se um monumento de civilização e de operosidade ao toque mágico da mão daquele homem predestinado.

[...] variados maquinismos que despertavam a curiosidade e o pasmo das gentes nativas, ignorantes e ingênuos [...] eles verificaram que se tinha criado no seu mundo um mundo novo, onde havia muito trabalho mas não existia fome; que ali na terra seca a água era agora abundante²⁹².

[...]

A maioria do operariado era brasileiro, recrutado da população bronca do sertão bravio, o qual, recebendo os ensinamentos do Chefe e dos

²⁹⁰ Ibidem, p. 316.

²⁹¹ Ibidem, p. 135.

²⁹² SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994**. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 35.

profissionais contratados para amestrá-lo, tornando-se dentro de pouco tempo hábil no manejo de todos os aparelhos e de toda a maquinaria²⁹³.

Sobre a forma como Gouveia exigia o asseio dos seus funcionários, Lauro Góes descreve:

O banho era obrigatório para todos, como era obrigatório o traje limpo. Muitas vezes vimos como êle – Delmiro –, fazia voltar da porta de entrada para o trabalho todo aquêle que se apresentava sujo, dizendo: “volte e vá tomar banho seu imundo”. Ninguém andava descalço nem cabeludo. “Dizia sempre: “mando pelar sua cabeça se de outra vez aparecer assim”. Estas medidas drásticas serviam para apresentar um operariado limpo, calçado, disciplinado e mais ou menos alegre²⁹⁴.

Observando o exposto nos excertos acima, para qual concepção convergem os autores apresentados?

Gilberto Freyre, José Ribeiro Júnior e Evaldo Cabral de Mello apresentam a importância que a região Nordeste exerceu na construção social do Brasil, enquanto base para sua povoação através da mistura étnica e da economia, criando os primeiros alicerces para o desenvolvimento e para a geração de renda da colônia e do Império. Ao apontar no governo central o descaso para com a região e a falta de investimentos na produção açucareira e nos pequenos latifúndios, durante o segundo reinado, Mello tenta explicar os fatores que levaram aos problemas de ordem econômica e que contribuíram para construção de uma imagem associada ao atraso. Seguindo essa linha, os biógrafos de Delmiro Gouveia mencionados também tentam explicar o Nordeste, mas como uma terra de possibilidades, atrasada devido ao descaso administrativo. É como se o seu passado – berço social e econômico do Brasil – pudesse ressurgir na figura do “pioneiro”, contradizendo a visão daqueles que apenas enxergavam na região, nas primeiras décadas do século XX, um espaço de estagnação econômica e barbárie. Para esses memorialistas, o industrial seria o oposto do “jeca”, do “cabeça-chata”, do “Severino”.

A imagem do “rei das peles” tem aparecido com frequência, especialmente entre os anos 1920-1970, nas discussões sobre os rumos do Nordeste brasileiro. Dilton Maynard (2007) lembra que do ponto de vista de Oliveira Lima, de Assis Chateaubriand, de Mário de Andrade e de Gilberto Freyre, Gouveia imprimia um modelo de desenvolvimento e modernização numa terra estereotipada pelo fanatismo religioso, o banditismo, o atraso

²⁹³ Ibidem, p. 37.

²⁹⁴ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejariamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p. 41.

econômico, o cangaço, o coronelismo, a seca e o messianismo, insignificante no desenvolvimento nacional²⁹⁵. Neste sentido, Maynard levanta questões pertinentes quanto à figura de Delmiro:

[...] como entender o olhar sobre Gouveia? Como este personagem, em determinados momentos, ganhou tanto espaço na produção brasileira? Por quais motivos o seu nome passou a ser associado ao desenvolvimento regional e a quem interessa a construção de Gouveia como um ícone?²⁹⁶

O autor afirma que tais questionamentos devem ser pensados numa lógica em torno da construção de uma identidade regional e de uma resposta do Nordeste ao desenvolvimento das regiões Sul e Sudeste. Conforme Denis de Mendonça Bernardes, tais imagens estereotipadas fazem parte de um jogo de identidades construídas e/ou desconstruídas entre os nordestinos e os de fora da região, que servem como afirmação de interesses políticos, econômicos e culturais²⁹⁷. Sobre isso, Durval Muniz de Albuquerque Jr. oferece uma profunda discussão que envolve a questão da identidade nordestina, a rivalidade Norte-Sul e os estereótipos elaborados sobre o Nordeste, em seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes* (1999). Para o autor, o conceito que se faz da região, tanto do ponto de vista interno – nordestinos – quanto externo – demais regiões brasileiras especialmente o Sul –, é parte de uma construção. A visão externa encara o Nordeste como incivilizado e atrasado, um lugar de miséria e seca. A visão interna compra o discurso discriminatório e evoca no tradicionalismo e na cultura regional elementos identitários²⁹⁸. Neste contexto, o “herói” Delmiro Gouveia faz parte dessa busca interna por uma identidade, mesclando tradicionalismo e modernidade:

Lampião, Conselheiro, Padre Cícero abrem caminho para a passagem de Delmiro Gouveia, o pioneiro da industrialização da região, o nacionalista que enfrentou o imperialismo inglês, que trouxe a energia elétrica para o sertão seco, que domou com técnica a fúria da natureza. Ele era precursor de um novo Nordeste...²⁹⁹

²⁹⁵ MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O “modernizador dos sertões”: intelectuais brasileiros e as memórias de Delmiro Gouveia. In: **Mesters** – Special Issue Memory and History, Remembering, Forgetting, and Forgiving. University of California, Los Angeles. XXXVI, 2007. p. 123-145.

²⁹⁶ Ibidem, p. 141.

²⁹⁷ BERNANDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452007000200003>, acesso em setembro 2012.

²⁹⁸ ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Campinas, SP: Recife, PE: Cortez/ Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

²⁹⁹ Ibidem, p. 195.

Novamente a figura do empresário é evocada quando se fala em modernidade no sertão, conforme o excerto de Albuquerque Júnior. Gouveia também é mencionado na obra de Francisco de Oliveira, *Elegia para uma Re(li)gião: Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes* (1977), em que discute o planejamento regional e a intervenção do Estado nessa parte do Brasil através da criação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento Regional)³⁰⁰, como um exemplo de luta em favor da indústria nacional:

Um caso que inclusive passou ao romanceiro popular é a saga do industrial Delmiro Gouveia: tentando concorrer com a MACHINE COTTON, que controlava boa parte da comercialização do algodão de fibra longa para abastecer suas fábricas de fios e linhas de algodão na Inglaterra, aquele pioneiro montou o primeiro aproveitamento hidrelétrico das quedas de Paulo Afonso comprou todo o equipamento industrial necessário e iniciou uma luta...³⁰¹

Mais uma vez a personalidade do negociante aparece nas discussões sobre o desenvolvimento da região, neste caso, como símbolo de resistência. Um aspecto curioso sobre as biografias e alguns dos textos apresentados é que estes datam das décadas de 1940 a 1970, intervalo que engloba a criação da CHESF, da SUDENE e o centenário de nascimento de Gouveia (1963). Os trabalhos em questão têm servido de discursos para apontar os problemas nacionais em torno da desigualdade no tratamento e investimento das regiões brasileiras, apontando nas ações do “coronel dos coronéis” modelos do potencial desenvolvimentista do Nordeste. Sua personalidade serve sempre que necessário aos interesses políticos e econômicos regionais. As biografias de Lauro Góes e Adolpho Santos concorrem para uma concepção da região Nordeste como vítima do atraso, mas que encontrou nas ações de Delmiro “salvação”. Seus textos tanto contribuem para descrever esta sociedade quanto para resumir no biografado uma identidade nordestina modernista.

E quanto ao *tempo em que se fala? O tempo de hoje?* As trajetórias registradas pelo *contador* e pelo *empregado* sobre o *patrão* foram construídas em 1947 e 1962-1973 respectivamente. Embora falem sobre uma experiência passada, distantes 30 anos, no caso de Santos, e mais de 45 anos, no caso de Góes, dos acontecimentos narrados, *Depoimento* e *Recordações* contêm evidências da influência da época em seus autores. Quando o *contador* escreveu seu *Depoimento*, em 1947, o presidente do Brasil era Eurico Gaspar Dutra (1946-1951). Entre outras coisas, Dutra elaborou o plano SALTE (Saúde, Alimentação, Transporte e

³⁰⁰ OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

³⁰¹ *Ibidem*, p. 63.

Energia) com objetivo de programar reformas desenvolvimentistas nestes setores e fundou a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF). Durante o Estado Novo (1930-1945), que antecedeu o governo Dutra, do ponto de vista econômico-administrativo, Getúlio Vargas impulsiona a industrialização brasileira, especialmente a indústria de base. Com o objetivo de manter aliados nos setores sindicais, promulgou em 1943 a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) mediante o Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio.

Em *Uma Breve História do Brasil* (2010) Mary Del Priore e Renato Venancio apresentam cinco séculos da história brasileira, desde a chegada dos portugueses até o governo Lula. Longe de ser mais um trabalho descritivo, os autores discutem acontecimentos importantes, lutas, rupturas e continuidades, e comportamentos que culminaram na ascensão do ex-operário e militante de esquerda à presidência da república³⁰². Sobre o aspecto desenvolvimentista de Getúlio Vargas, Priore e Venancio afirmam:

Durante dois governos Vargas, a prioridade do desenvolvimento nacional consiste no crescimento da indústria de base, produtora de aço ou de fontes de energia, como o petróleo e a eletricidade. Nesse primeiro modelo, a iniciativa estatal predomina e os recursos para o crescimento econômico advêm da agricultura de exportação³⁰³.

Para Priore e Venancio, a década de 1940 defrontou-se com um debate a respeito do desenvolvimento nacional. De um lado estavam aqueles que defendiam o modelo de produção agrícola e do outro aqueles que se posicionavam a favor da industrialização acelerada³⁰⁴. O mundo era palco da II Guerra Mundial. O presidente Vargas identificava-se com o bloco fascista, mas apoiou os aliados. Com o fim da Guerra, o mundo vai se dividindo politicamente cedendo lugar à Guerra-Fria (1945-1991). Foi neste contexto que Adolpho Santos escreveu *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*. A crítica que faz ao atraso do governo em promover o desenvolvimento, diferente do que fez Gouveia, deixa clara sua opinião em relação ao momento em que registra a história de vida do industrial:

E só agora, neste ditoso ano de 1947 do nascimento de Cristo, (trinta anos), faz da morte do precursor da obra ingente, duas grandes guerras mundiais se consumaram e consumiram milhões de vidas, - só agora o Governo do Brasil procura firmar-se para dar os primeiros passos na execução de um plano que

³⁰² PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Editora Planta do Brasil, 2010.

³⁰³ Ibidem, p. 267, 268.

³⁰⁴ Ibidem, p. 263.

de há muito poderia estar resolvido e realizado com valiosíssimos resultados econômicos para o País³⁰⁵.

Entre os governos Vargas e Dutra, possivelmente o biógrafo referia-se ao fato de que esses empreenderam um desenvolvimento industrial tardio no Brasil, quando Delmiro já havia lançado as bases para isso na década de 1910. Outro aspecto do contexto sócio político dos anos 1940 presente no texto de Santos pode ser visto nas observações que faz sobre a organização do trabalho na Fábrica da Pedra:

O corpo de empregados chegou a atingir, na quadra do movimento máximo, a dois mil indivíduos de ambos os sexos que trabalhavam dia e noite, da segunda ao sábado. Mas as necessidades de descanso eram respeitadas, porque Delmiro sabia que o homem extenuado por trabalho constante precisa descansar, sob pena de não ser útil a sua produção, visto como o organismo humano para manter-se em equilíbrio tem de refazer-se após as cansaças. E antes mesmo que existissem as leis trabalhistas atuais nos País, já o trabalho na Pedra se fazia na base de oito horas de jornada, e para cumprir essa orientação, foram organizados três turmas e dois turnos de quatro horas de serviço cada uma, possibilitando o movimento ininterrupto³⁰⁶.

[...]

A indisciplina, em qualquer organização é motivo de desordem, de anarquia, e Delmiro sabia impôr ordem disciplinada, porque tinha o dom de saber distinguir e respeitar, delimitando-as, as zonas do poder patronal e dos direitos do operariado. Por isto, nunca surgiu manifestação de luta de classes naquele consórcio do capital com o trabalho na organização onde ele pontificava³⁰⁷.

Novamente o autor apresenta o negociante como pioneiro, neste caso, precursor das leis trabalhistas. Antes mesmo da CLT (1943), segundo Santos, Gouveia já mantinha um regime de trabalho com oito horas diárias e descanso aos domingos. O respeito ao trabalhador “era tanto” que inexistiam manifestações ou lutas de classes, outra crítica do biógrafo às constantes lutas sindicais e reivindicações trabalhistas nos anos 1930-1940.

Lauro Góes também evidencia a influência do *tempo em que fala* em sua narrativa da vida de Delmiro Gouveia. Quando escreveu suas *Recordações* – em 1962 – o Brasil estava sob o governo de João Goulart (1961-1964). Em 1971 o biógrafo acrescenta ao texto transcrições da biografia de Hildebrando Menezes. Visto que esta foi publicada em 1966, é

³⁰⁵ SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público**, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco. p. 34.

³⁰⁶ Ibidem, p. 36.

³⁰⁷ Ibidem, p. 38.

possível que após ter lido o trabalho de Menezes, Góes tenha julgado tais informações indispensáveis à sua narrativa. O que inclui no texto em 1973 é uma nota explicativa esclarecendo que Delmiro nunca teve lavoura de algodão como afirmaram alguns, segundo ele. Entre 1955 e início da década de 1960, o Nordeste, especialmente Pernambuco e Paraíba, foi cenário das Ligas Camponesas, movimentos em prol da reforma agrária que mais tarde estendeu-se para outras regiões do Brasil. Sobre os fatores que levaram à formação desse movimento, Priore e Venancio escrevem:

[...] fazendeiros cobram prestação de serviços em troca de moradia, alteram livremente os acordos de partilhas das colheitas ou despedem trabalhadores sem indenização alguma. Em 1955, a revolta contra essa situação cristaliza-se na forma de Ligas Camponesas, organizadas por Francisco Julião, advogado com longa experiência na defesa dos trabalhadores e pequenos proprietários rurais. Inicialmente as Ligas se estabelecem em Pernambuco e Paraíba, para depois se espelharem por outras regiões brasileiras como Rio de Janeiro e Goiás. Seu lema é “levar justiça ao campo” através da reforma agrária [...] ³⁰⁸

Esse clima de insatisfação com a organização socioeconômica do Brasil no campo tem base nos ideais socialistas. É nesse cenário nacional que Góes registra a trajetória de Gouveia. Embora este biógrafo não faça qualquer alusão as lutas camponesas em sua narrativa, ou aponte para alguma situação do período em que escreve como fez Santos, o que afirma quanto aos objetivos do seu projeto biográfico e a forma como expõe os eventos descritos mostram a herança de militante político que foi na década de 1930, quando dirigiu o PCB (Partido Comunista Brasileiro) municipal, chegando a ser preso em 1936 por atividades consideradas subversivas ³⁰⁹, visto que descreve sem rodeios o autoritarismo, a rigidez e os castigos impostos por Delmiro. Ao explicar de que trata suas “reminiscências”, Góes diz que “Tôdas elas giram em torno da personalidade e da capacidade de Delmiro Gouveia como industrial de gabarito – na época – e como patrão, apresentando as suas falhas e as suas virtudes pessoais e patronais” ³¹⁰. Na conclusão de sua obra, novamente apresentada abaixo, porém sob a perspectiva de uma narrativa influenciada pelo tempo em que é escrita, o autor expressa-se:

³⁰⁸ PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Editora Planta do Brasil, 2010. p. 273.

³⁰⁹ Cf. Dossiê sobre Lauro Góes incluindo ficha técnica, recortes de jornais e uma biografia sobre Delmiro Gouveia escrita por este, elaborado por Paulo Calvacanti e doado a Fundação Joaquim Nabuco em 03 de maio de 1986. PC CEp 3 doc. 46.

³¹⁰ GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejariamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / P1p 1doc 2. p. 4.

Não foi êle – Delmiro –, apesar do seu grande valor e predominância na direção dos seus negócios e nos meios sociais em que viveu, o “anjo” que muito dos seus biógrafos afirmavam e pintavam, nem também o patrão que aterrorizava com sua presença os seus funcionários e empregados. Tinha também o seu lado humano... e desumano [...]³¹¹.

Ao dizer que Delmiro tinha falhas como patrão e também podia ser desumano, Góes tenta não cair no discurso ufanista dos outros biógrafos. Ter ele narrado pequenas histórias dos funcionários da fábrica, o cotidiano e a cultura da Vila da Pedra, não omitindo as severas punições e imposições às quais Gouveia submetia seus empregados, mostra que aquele biógrafo discordava em muitos aspectos da forma como o *patrão* conduzia seus subordinados. É possível que o espírito de luta que pairava no contexto em que seu trabalho foi registrado tenha encorajado tais descrições. Há uma tentativa do autor de evitar excessos nos elogios ao *patrão*. Apesar de chamá-lo por vezes de “pioneiro”, epítetos como “civilizador do sertão”, “domador de gentes”, “redentor do Nordeste”, “coronel dos coronéis”, dentre tantos outros mencionados não são encontrados na obra de Góes.

Diante do exposto, uma comparação entre os textos de Góes e Santos demonstram o quanto pode ser extraído sobre as histórias destes três protagonistas – Delmiro Gouveia, Adolpho Santos e Lauro Góes –, quais informações trazem sobre o contexto narrado e os resíduos do período em que foram escritos. Essas biografias também contribuem para a construção de um Nordeste vítima do retardo devido ao descaso das instituições governamentais, mas que encontrou em Delmiro, conforme os referidos autores, um “redentor”. Longe de serem excludentes, estas produções distintas apresentam-se complementares.

³¹¹ Ibidem, p. 42.

Considerações Finais

Delmiro Gouveia é o personagem das biografias de Adolpho Santos e Lauro Góes. Figura imponente, símbolo, entre muitos intelectuais dos anos 1940 e 1980, de uma modernidade aparentemente distante do Nordeste. Segundo eles, uma resposta a Canudos e a Juazeiro, como se Canudos ou Juazeiro carecessem de resposta. Eleito civilizador, pioneiro, modernizador, serviu em certos momentos ao discurso político e regionalista. Embora tenha sido alvo de inúmeras e variadas produções, em geral, é pouco conhecido dos segmentos populares. Entretanto, são os relatos de Góes e Santos, o que escreveram, que principalmente interessou a esta pesquisa. O objetivo foi uma análise biográfica, encontrar nas trajetórias individuais subsídios para produção do conhecimento histórico e compreensão de uma sociedade.

Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico), e, *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, sintetizam este objetivo. Elas convidam os leitores a adentrarem o universo do *patrão*, do *contador* e do *empregado*. Apresentam vestígios da história à medida que expõem parte da sociedade nordestina, sua cultura, política e economia, as relações de poder na figura do patrão coronel, o cotidiano da Vila da Pedra, as relações sociais, a organização do trabalho, as concepções sobre o Nordeste e o sertão, posicionando-se no centro do conhecimento histórico. *Depoimento* e *Recordações* oportunizam uma maior compreensão dos contextos que descrevem a partir de um espaço privado, a vida do personagem, ou melhor, personagens, já que os autores também participam da história.

Este estudo empreendeu uma busca por fundamentações teóricas sobre o gênero biográfico, suas formas, categorias, características, transformações e adaptações às correntes historiográficas. Giovanni Levi³¹² e Phillippe Lejeune³¹³ caracterizam a produção biográfica em prosopografia, biografia e contexto, biografia e casos extremos, e biografia e hermenêutica. Ela pode ser uma narrativa pura, um testemunho com pretensão de biografia ou um testemunho puro. Vavy Borges³¹⁴ explica como produzir uma história de vida, desde os

³¹² LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

³¹³ LEJEUNE, Phillippe. Apud BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

³¹⁴ BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

problemas que devem nortear a investigação, ao tratamento das fontes e método empregados. Para Philippe Levillain³¹⁵, as trajetórias de vida oferecem variadas possibilidades de trabalho, exercendo as funções de fonte, registro e método. Conforme Peter Burke³¹⁶, as narrativas individuais podem ser heroicas, anti-heroicas ou fomentar mitos. Pierre Bourdieu³¹⁷ atenta para o cuidado que deve haver na elaboração dessas histórias. Seus autores devem evitar cair numa trajetória de fatos ordenados, como se o biografado tivesse que atravessar todos os eventos descritos.

Conforme Benito Bisso Schmidt³¹⁸ e Sabina Loriga³¹⁹, as mudanças sociais, políticas e econômicas, bem como as transformações nas correntes históricas, preocupando-se com as minorias, os subalternos, os desviantes, enxergando no indivíduo evidências da liberdade de atuação, lançaram um novo olhar sobre a produção e a pesquisa biográfica. As histórias individuais hoje tem um papel muito mais expressivo para os estudos em história. Tomando as discussões de Henry Rousso³²⁰ sobre a memória, a biografia pode ser entendida como uma memória seletiva, em que os eventos narrados pelo biógrafo ou autobiógrafo passam por um cuidadoso processo de escolha sobre o que será ou não lembrado no registro em questão, sob esta perspectiva, um exercício da memória ou a memória em ação.

A biografia encontrou na História do Tempo Presente (HTP) uma parceira. Essa disciplina tem enxergado os registros (auto)biográficos como possibilidades de reflexão sobre determinado contexto, grupo ou rede de sociabilidade. O cinema, a TV, a cibercultura, o rádio, a música, além dos inúmeros e variados impressos, fontes para HTP, conforme Karl Schurster³²¹, Agnes Chauveau e Philippe Tétart³²², oportunizam novas abordagens às construções biográficas. Longe de limitar-se ao modelo escrito, as narrativas individuais podem ser cinematográficas, televisivas, cibernéticas, audíveis e musicais. Desse modo, as *Recordações* de Góes e o *Depoimento* de Santos, sobre Delmiro Gouveia, foram analisados

³¹⁵ LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.

³¹⁶ BURKE, Peter. **O Historiador como colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Ed., 2009.

³¹⁷ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

³¹⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

³¹⁹ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (ORG). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1998.

³²⁰ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

³²¹ SCHURSTER, Karl. Ver e não ver: por uma história do Tempo Presente. Disponível em: <<http://www.tempo presente.org>> acesso em 08 de agosto de 2009.

³²² CHAUVEAU, Agnes. TÉTART, Philippe. **Questões Para a História do Presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

com intuito de extrair da história de vida de Gouveia explicações sobre seu contexto e sua rede de sociabilidade.

À sombra de uma História Social, levantando as relações sociais e de poder existentes entre os sujeitos e o objeto, estas biografias foram fragmentadas, submetidas à análise e reflexão, e iluminadas pelas teorias desenvolvidas sobre o gênero, um difusor da memória. Os protagonistas – Gouveia, Santos e Góes – passaram por metódica investigação. Seus trabalhos foram catalogados, comparados entre si e com outras biografias escritas sobre o industrial e contrastados às fontes. Todos estes procedimentos levados a cabo nesta empreitada tinham como produto final compreender as relações entre história e biografia, já que fenômenos como o coronelismo e vestígios da história do Nordeste são elementos presentes nas trajetórias discutidas.

Como Natalie Zemon Davis³²³ que estudou a sociedade e a mulher europeias do século XVII a partir das autobiografias de três mulheres, buscou-se, através das narrativas aqui investigadas, uma compreensão das sociedades descritas pelos (auto)biógrafos, seus espaços de atuação (Pernambuco, Alagoas, Bahia) e as relações que mantinham com o biografado. A exemplo de Janet Malcolm³²⁴, que analisou as biografias escritas sobre Sylvia Plath, os textos destes ex-funcionários de Delmiro foram comparados identificando suas semelhanças e diferenças.

O estudo de *Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver – 1914-1917*, e, *Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico)*, atrelado às concepções sobre biografia e a natureza dos estudos históricos, convencem da relevância de uma análise biográfica. *Recordações e Depoimento* percorrem a Vila da Pedra, o Recife, o sertão alagoano, a fábrica de linhas, a cachoeira de Paulo Afonso. Subsidiem explicações sobre cultura, política, economia e relações sociais. Apresentam aspectos da sociedade nordestina do final do século XIX e início do século XX. Também dialogam com o contexto das décadas de 1940 e 1960-1970, quando Santos e Góes escrevem suas narrativas. Além disso, exprimem os sentimentos e anseios dos seus escritores. Schmidt afirma que a biografia é uma “forma legítima de se escrever e de se compreender a História”³²⁵. *O contador e o empregado* comprovam isso. Mais do que a história do *patrão*,

³²³ DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens** – Três Mulheres do Século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³²⁴ MALCOLM, Janet. **A Mulher Calada** – Sylvia Plath, Ted Hughes e os Limites da Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

³²⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.p. 192.

eles escrevem a história do Nordeste, do Recife, de Alagoas, da Bahia, do coronelismo, da industrialização no Brasil, do descaso, da miséria, das relações sociais. Através do *Patrão*, do *Contador* e do *Empregado*, por meio de cruzamentos biográficos, emergiu uma história social, política e econômica aqui apresentada.

Referências Bibliográficas

Obras:

ALVES, Luiz Nunes. **A vida de Delmiro Gouveia em verso**. Série Romanceiro Popular Nordeste – Biografias /1. Campina Grande: EDITEL / UFPB, 1979.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Campinas, SP: Recife, PE: Cortez/ Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

AGUALUSA, José Eduardo. O vendedor de passados. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

ALBJERJ, Victor apud LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (ORG). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1998. p. 225-249.

ARARIPE, J. C. Alencar. **A Glória de um pioneiro – A vida de Delmiro Gouveia**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro S.A., 1965.

BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-233.

BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BURKE, Peter. **O Historiador como colunista: ensaios para a folha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Ed., 2009. p. 29-37.

CARVALHO, José Murilo de. **D. Pedro II – Ser ou não ser**. Col. Perfis Brasileiros. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

CHAUVEAU, Agnes. TÉTART, Philippe. **Questões Para a História do Presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: plano e cotidiano empregado no sertão**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens – Três Mulheres do Século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O Retorno de Martin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo**. Tradução Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª Ed. 1988.

EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança: A indústria açucareira em Pernambuco 1840 – 1910**. Paz e Terra, campinas, 1977.

ELIAS, Norbert. **Mozart – Sociologia de um Gênio**. Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Introdução: sob a coruja – verdade, tempo e história. In: **Verdade: uma história**. Tradução de Beatriz Vieira. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FILHO, Arnaldo Cordeiro de Sousa. **As várias peles de um Coronel: as biografias sobre Delmiro Gouveia**. Universidade Federal de Alagoas: Campus Palmeira dos Índios, 2006.

FORESTIER, François. **Marilyn e JFK**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala – Formação da família brasileira sobre o regime patriarcal**. 51ª ed. rev. – São Paulo: Global, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. 3ª Edição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GILBERT, Elisabeth. **Comer, Rezar, Amar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

GONÇALVES, Alberto Cosme. **Delmiro Gouveia – Era uma vez no sertão...** Ribeirão Preto: Fábrica de Sonhos ed. 2010.

GÓES, Lauro Alves de Campos. **Recordações de um passado relativamente bem vivido, mas que jamais desejaríamos fazê-lo reviver - 1914-1917**. 1962-1973. CEHIBRA - PC CEp 3 doc 46 / PIp 1doc 2.

GONÇALVES, Márcia de Almeida, 2009, Apud, SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p. 187-205.

HOBBSAWM, Eric. Epitáfio para um vilão: Roy Cohen. In: **Pessoas Extraordinárias – Resistência, Rebelião e Jazz**. São Paulo: Paz e Terra Ed., 2005.

JÚNIOR, Félix Lima. **Delmiro Gouveia o Mauá do sertão alagoano**. Maceió: Grafitex Editora, 1983.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5 ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167-181.

LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996. p. 141-184.

LEJEUNE, Phillippe. Apud BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-233.

LORIGA, Sabina. O historiador entre a história e a memória. A tarefa do historiador. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (ORGS.). **Memórias e Narrativas Autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 13-37.

_____. A biografia como problema. In: REVEL, Jaques (ORG). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: UFRJ / FGV, 1998. p. 225-249.

LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I – Um herói sem caráter**. Col. Perfis Brasileiros. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

MALCOLM, Janet. **A Mulher Calada – Sylvia Plath, Ted Hughes e os Limites da Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

_____. **O Baião das Cores: Delmiro Gouveia e as alternativas para o desenvolvimento da região do São Francisco**. Universidade Federal de Sergipe: Campus São Cristóvão, 1999.

MELO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol - Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo. Editora A girafa, 2004.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte agrário e o Império (1871-1889)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.

MENEZES, Hildebrando. **Delmiro Gouveia vida e morte**. Recife: CEPE, 1991. 1ª edição em 1966.

MENEZES, Olympio de. **Itinerário de Delmiro Gouveia**. Recife: FUNDAJ, 1963.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Delmiro Gouveia e a Educação na Pedra**. Maceió: Viva Editora, 2013.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. 2ª Edição. **Lampião – Cangaço e Nordeste**. São Paulo: O Cruzeiro, 1970.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Alexandre e César**. Tradução de Júlia Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM. 2005.

PRIORE, Mary Del. **O Castelo de Papel – Uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d’Eu**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

_____. **A condessa de Barral** – A paixão do Imperador. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Editora Planta do Brasil, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereida de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: CARDOSO, Fernando Henrique et al. **O Brasil Republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1977. p. 153-190.

REZITTI, Paulo. **Domitila** – A verdadeira história da marquesa de Santos. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

RIBEIRO Júnior, José. **Colonização e monopólio no Nordeste brasileiro: a Companhia-Geral de Pernambuco e Paraíba, 1759-1780**. São Paulo: Hucitec, 1976.

RICCI, Magda Maria de Oliveira. **Assombrações de um padre regente** – Diogo Antônio Feijó (1784-1843). Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2005. 1ª reimpressão.

ROCHA, Tadeu. **Delmiro Gouveia** – o pioneiro de Paulo Afonso. Recife: UFPE, 3ª Ed. 1970.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SANTOS, Adolpho. Delmiro Gouveia (Depoimento para um estudo biográfico). In: **Revista do Arquivo Público, V. 1, Nº 45, Dezembro de 1994**. Secretaria do Governo do Estado de Pernambuco.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia**. Recife: CHESF, 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (ORGS.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p. 187-205.

SCHAAKE, Erich. **Todas as Mulheres de Hitler**. São Paulo: Lafonte, 2012.

SILVA, Eduardo. **Dom Obá II D'África, o Príncipe do Povo** – Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUSA, João Machado de. **Vida de Delmiro Gouveia**. Recife: Editora e Revista Flos Carmeli, Convento do Carmo, 1964.

SPOTO, Donald. **Fascinado pela Beleza** – Alfred Hitchcock e Suas Atrizes. São Paulo: Ed. Larousse, 2009.

SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares**. Coleção a Obra Prima de Cada Autor – Série Ouro. 1ª Edição. São Paulo: Martin Claret, 2004.

VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Coronel, Coronéis - Apogeu e Declínio do Coronelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1988. 3ª Edição.

Obras de Referência:

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário Didático de Português**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

Artigos:

BERNANRDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452007000200003>, acesso em setembro 2012.

Entenda a polêmica sobre a proibição de biografias não-autorizadas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/10/entenda-polemica-sobre-proibicao-de-biografias-nao-autorizada.s.html>>, acesso 30/10/2013.

François Dosse: 'Não há biografia sem liberdade de pesquisa'. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/10/19/francois-dosse-nao-ha-biografia-sem-liberdade-de-pesquisa-512485.asp>>, acesso outubro de 2013.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O coronel dos coronéis – A incrível vida de Delmiro Gouveia, audacioso mártir da indústria nacional. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/o-coronel-dos-coroneis>>, acesso novembro 2011.

_____. O “modernizador dos sertões”: intelectuais brasileiros e as memórias de Delmiro Gouveia. In: **Mesters** – Special Issue Memory and History, Remembering, Forgetting, and Forgiving. University of California, Los Angeles. XXXVI, 2007.

Notícias – A posição da ANPUH diante da polêmica sobre as biografias (05/11/2013). Disponível em: <http://www.anpuh.org/informativo/view?ID_INFORMATIVO=4370>, acesso em janeiro de 2013.

SCHURSTER, Karl. Ver e não ver: por uma história do Tempo Presente. Disponível em: <<http://www.tempo presente.org>> acesso em 08 de agosto de 2009.

Filmografia:

AMIEL, Jon. **Sommersby** - O Retorno de um Estranho. França/EUA: Warner Home Video, 1993. Duração: 114 min. Formato: DVDRip.

BARRETO, Fábio. **Lula, o filho do Brasil**. Brasil: Downtown Filmes, 2010. Duração: 130 min. Formato: DVDRip.

EASTWOOD, Clint. **J. Edgar**. EUA: Warner Bros, 2012. Duração: 135 min. Formato: DVDRip.

FONTAINE, Anne. **Coco antes de Chanel**. França: Warner Bros, 2009. Duração: 135 min. Formato: DVDRip.

JARDIM, João. **Getúlio**. Brasil: Globo Filmes, 2014. Duração: 200 min. Formato: DVDRip.

LLOYD, Phyllida. **A Dama de Ferro**. Reino Unido: Paris Filmes, 2011. Duração: 105 min. Formato: DVDRip.

LOWRY, Dick. **Átila, o Huno**. EUA: Flashstar Filmes, 2001. Duração: 170 min. Formato: DVDRip.

POLANSKI, Roman. **O Escritor Fantasma**. França: Paris Filmes, 2010. Duração: 128 min. aproximadamente. Formato: DVDRip.

STONE, Oliver. **Alexandre**. EUA: Warner Bros, 2004. Duração: 176 min. Formato: DVDRip.

VIGNE, Daniel. **Le Retour de Martin Guerre**. França: 1982. Duração: 122 min. Formato: DVDRip.

Sitografia:

COATS: <<http://www.linhascorrente.com.br/scripts/empresa/home/home.asp>>

Lei nº 10.406: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm>

Fontes:

Arquivo Público Estadual Jordão Emericiano. Recife.

CAVALCANTI, Paulo. Acervo CEHIBRA (Centro de Estudos da História Brasileira), Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) PC Jp. 2, Doc. 10. Recife.

GOUVEIA, Delmiro. Acervo CEHIBRA (Centro de Estudos da História Brasileira), Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) PIp. 1, Doc. 2. Recife.